

OSHO

A Nova Alquimia

Cultura



Entre os trabalhos de Osio, este livro é um tesouro especial. Suas palavras continuam a vibrar com vitalidade e frescor nessa série de palestras baseadas no trabalho teórico Luz no Caminho, ditado por um dos Mestres a Mabel Collins. Com as palavras enigmáticas ou mesmo paradoxais desse texto, Osio tece uma intrincada tapeçaria de percepção, sabedoria, humor e psicologia humana. Existe uma pureza, uma beleza simples nessas palavras que estão bem próximas da poesia. Elas são usadas por Osio em toda a sua clareza e coerência e colidem com a sua visão de que a vida é um mistério a ser vivido e não um problema a ser resolvido.

A segunda série de palestras, contida no Apêndice, é basicamente uma elucidação sobre a natureza e os efeitos de suas técnicas de meditação, bem como respostas e perguntas feitas por discípulos que passavam pelas "mudanças alquímicas" realizadas através do uso de suas técnicas.

Para o principiante, este livro será uma penitente introdução aos ensinamentos de Osio; para o leitor habitual, A Nova Alquimia será uma redescoberta dos primeiros princípios, uma oportunidade para reafirmar e esclarecer nossa visão acerca de uma verdade que está sendo descoberta continuamente.

OSHO

A Nova Alquimia

Editora Cultrix

ÍNDICE

Introdução.....	7
Prefácio.....	9
Capítulo 1. Entregue-se ao que É.....	13
Capítulo 2. O sentimento de separação.....	21
Capítulo 3. O desejo de sensação.....	25
Capítulo 4. Desejando o inacessível.....	32
Capítulo 5. O poder que o tornará Nada.....	41
Capítulo 6. Em busca do caminho.....	50
Capítulo 7. Fragmentos sem coerência.....	57
Capítulo 8. A quietude que sucede à tormenta.....	60
Capítulo 9. Você tem colhido.....	71
Capítulo 10. Obedecendo ao guerreiro interior.....	79
Capítulo 11. A canção da vida.....	92
Capítulo 12. Lição de harmonia.....	102
Capítulo 13. Penetrando no coração dos homens.....	112
Capítulo 14. Soltar as amarras da personalidade.....	122
Capítulo 15. O caminho foi encontrado.....	131
Capítulo 16. O segredo derradeiro.....	141
Capítulo 17. A voz silenciosa.....	149

Introdução

Entre os trabalhos de Osho, este livro é um tesouro especial. Embora as palestras tenham sido feitas em 1973, em Monte Abu e na Anand Shila, perto de Bombaim, elas continuam vivamente ligadas aos ensinamentos de osho. Suas palavras continuam a vibrar com vitalidade e frescor. Elas são a semente de um ensinamento que iria crescer e florescer na década seguinte, em centenas de volumes e numa biblioteca de material audiovisual que seria vista e ouvida por milhares de discípulos e de outras pessoas.

Por certo, os primeiro discípulos, a maioria deles fazendo a primeira experiência das agora famosas técnicas de meditação dinâmicas de osho, não imaginavam que seriam a vanguarda de uma transformação da consciência que seria sentida através de todo o mundo. Fica claro, a partir do texto, que a visão de osho abarcava tudo o que estava por vir. Ele era, nessa época, e é agora, um Mestre iluminado, cuja visão penetrante desconhece a barreira do tempo e do espaço.

Nessa época eram organizados campos de meditação de oito e dez dias, nos quais a alegria de poder ouvir as palestras do Mestre em inglês era ansiosamente esperada. Além disso, tinha-se a oportunidade de participar das meditações superpoderosas dirigidas por osho e que eram feitas imediatamente após as palestras.

A primeira série de palestras contidas neste volume, feita em Monte Abu em abril de 1973, baseia-se no trabalho teosófico *Luz no Caminho*, ditado por um dos Mestres a Mabel Collins. Com as palavras enigmáticas ou mesmo paradoxais desse texto, Osho tece uma intrincada tapeçaria de percepção, sabedoria, humor e

psicologia humana. Ele é mais do que original. Ele é muitas vezes ultrajante e provocador. O propósito do seu trabalho é nos despertar — como ele afirma muitas vezes.

No entanto, existe uma pureza, uma beleza simples nessas palavras teosóficas, que bordeiam à poesia. Elas são bem usadas por Osho em toda a sua clareza e concisão; a natureza enigmática de muitas delas coincide com a visão que osho tem da vida, que é um mistério a ser vivido e não um problema a ser resolvido.

A segunda série de palestras, contida no Apêndice, é basicamente uma elucidação sobre a natureza e os efeitos de suas técnicas revolucionárias de meditação, bem como respostas e perguntas feitas por discípulos que passavam pelas "mudanças alquímicas" realizadas através do uso de suas técnicas.

Para o principiante, este livro será uma perfeita introdução aos ensinamentos de Osho; para o leitor habitual, ou para o discípulo de longa data, *A Nova Alquimia* será uma redescoberta dos primeiros princípios, uma oportunidade para revitalizar e esclarecer nossa visão acerca de uma verdade que está sendo descoberta continuamente.

Sw. Anand Deepesh

Prefácio

Chamei-os aqui. E vocês ouviram o meu chamado. E vieram. Mas essa vinda, essa vinda exterior, não basta. Agora, vou chamá-los novamente para uma jornada diferente, para uma jornada interior. E se vocês cooperarem, se estiverem dispostos a se moverem para dentro, isso ajudará.

A coisa mais importante a ser lembrada é que a jornada interior requer profunda coragem. É uma aventura no desconhecido, e o mar ainda não foi explorado. É necessário coragem para dar o mergulho. O que é essa coragem?

A coragem consiste em abandonar seu passado e dar o salto. Se você não é corajoso, continua prolongando seu passado. Continua sempre repetindo o passado. Você se move numa roda, num círculo. Toda a sua vida torna-se apenas uma repetição. Coragem significa a coragem de sair desse círculo vicioso, de romper essa continuidade — de ser descontínuo em relação ao passado, de ser novo, de renascer.

Este campo de meditação será a ocasião para um renascimento. Haverá muita dor, muito sofrimento, pois todo nascimento é fenômeno doloroso. Mas se você estiver disposto, então até mesmo essa dor torna-se a felicidade. Quando a madrugada torna-se mais escura, quando a noite torna-se mais sombria, o nascer do Sol está bem próximo. Quando seu sofrimento atinge o ápice, você está bem próximo do limite de onde se inicia a dimensão da felicidade e da bem-aventurança. Você precisa passar pelo sofrimento; portanto, esteja pronto para ele; a menos que você passe através dele, nunca irá além dele. Não suprima o sofrimento. Ao contrário, mova-se através dele.

As experiências de meditação que serão feitas aqui trarão seu sofrimento à superfície. Essas experiências trarão seu sofrimento inconsciente para o consciente; e quando o sofrimento torna-se consciente, ele pode evaporar-se.

Nada jamais se evapora do inconsciente. Você continua a recalcar sua dor, sua raiva, sua angústia, sua violência. Tudo que existe dentro de você é empurrado para o inconsciente. Seu inconsciente tornou-se uma ferida; transformou-se num inferno. Esse inferno precisa ser trazido para fora. Se você quer realmente entrar na dimensão celeste, precisará atravessar o inferno. Será necessário coragem: coragem para passar pelo inferno, coragem para renascer.

Quando digo renascer, é isso mesmo o que quero dizer. Você passará por uma morte e então renascerá. A meditação é uma morte: morrer para o passado, morrer completamente enquanto ego. O que fazer? Como morrer para que uma nova vida nasça em você? Como morrer para que você possa ressuscitar novamente?

Jesus diz que a menos que uma semente morra, não poderá tornar uma árvore, não poderá germinar. Vocês são semelhantes a sementes, sementes da flor divina e, a menos que morram enquanto sementes, o florescimento jamais será possível. Vocês tem carregado suas sementes por muitas vidas, por milhões e milhões de anos. Cada momento é o momento certo, se você está pronto. A semente pode morrer e uma nova vida pode ressurgir, uma nova vida pode nascer.

Se você veio, se ouviu meu chamado, agora, seja corajoso. Não se detenha! Não importa o que eu diga: entre nisso tão totalmente quanto possível. Se você está disposto a ser corajoso, posso fazer muito. Muita coisa é possível se você cooperar comigo. Basta que coopere e torne-se aberto; então posso entrar em você. Posso mudá-lo; posso fazer ajustamentos, uma sintonização.

E, uma vez, sintonizado, toda existência torna-se diferente, pois agora você pode ouvir a harmonia cósmica, a música cósmica.

Uma vez sintonizado com o infinito, você nunca será novamente o mesmo. Se entrar em sintonia, mesmo que seja por um único momento, você nunca será novamente o mesmo.

Através das experiências de meditação que estaremos fazendo aqui, meu esforço consistirá em sintonizá-lo. Mas será necessário sua cooperação. Você pode criar barreiras, pode criar obstáculos, pode se opor a mim. Se você resistir, nada acontecerá. Então você dirá que nada aconteceu, mas a responsabilidade é sua. Se nada acontecer, você será o responsável, pois isso significa que você não permitiu, não se entregou, não deixou acontecer. Lembre-se desta expressão durante todo o campo: *deixe acontecer*. Mas não apenas se lembre dela, sinta-a. Permaneça numa atitude de entrega, disponível a qualquer coisa que aconteça, a qualquer coisa que eu faça. Permita, seja vulnerável, aberto. Mesmo que a morte ocorra, esteja pronto. Somente então a vida acontecerá em você.

Se você puder confiar em mim, então algo será possível. Confiar significa, fundamentalmente, que você está deixando tudo em minhas mãos. Mesmo se a morte ocorrer, você não se queixará. E se puder chegar a este ponto, se estiver preparado para confiar em mim a esse ponto, então você não será a mesma pessoa quando retornar do campo. E quando você teve um vislumbre do infinito, o mundo todo torna-se novo.

Durante todo o campo, sinta uma profunda entrega. A primeira coisa a ser lembrada é: *deixe acontecer, entregue-se*.

A segunda coisa a ser lembrada continuamente é a palavra agora. **A-G-O-R-A** (agora). Não se mova para o passado, não se mova para o futuro. Permaneça com o momento. Sempre que você sentir que sua mente está retrocedendo — pensando no passado, vivendo de memórias — traga-a outra vez de volta para o agora. Ou, se sentir que sua mente está se projetando em direção ao futuro, traga-a de volta para o agora. Se estiver comendo, então coma — não faça outra coisa. Se estiver ouvindo, então ouça — não faça mais

nada. Se estiver meditando, então medite — nada mais. Permaneça com o momento, aqui e agora.

Isso deverá ser seu esforço constante. No começo você o sentirá como algo extenuante, devido aos seus velhos hábitos; mas quando você entrar profundamente nisso, o esforço desaparecerá. Pela primeira vez, você se sentirá totalmente não-tenso, pois no agora nenhuma tensão é possível. Assim, a segunda coisa a ser lembrada é permanecer no agora. Não vá para cá e para lá; permaneça no momento presente. É difícil, mas, desde que você o sinta uma vez, torna-se muito fácil, simples, natural.

A terceira coisa: coloque toda sua energia nas técnicas de meditação. Esforços pela metade não adiantarão. Você estará simplesmente desperdiçando tempo e energia. Um certo pico — um máximo — é necessário. Só então você pode ser transformado numa outra dimensão.

Assim, coloque toda a sua energia em cada técnica que praticaremos aqui. Só então um determinado nível é alcançado e você deixa de ser a antiga pessoa. O antigo desaparece, evapora, e um novo fenômeno passa a existir. Assim, não se retraia, não se divida. Entre totalmente em cada técnica. Coloque nela toda a sua mente e corpo; não deixe nada para trás.

E então eu lhe prometo que você não sairá daqui como chegou. Você estará novo, ressuscitado. O desconhecido terá acontecido a você. Isso é certo, é científico — mas você precisa cumprir as condições.

Capítulo 1

Entregue-se ao que é

Três sutras básicos para a transformação da vida, que, de certa forma, são supremos. O primeiro: Seja não-ambicioso.

Destrua totalmente a ambição.

A menos que a ambição seja destruída, você permanecerá na miséria. A ambição é a fonte de todas as misérias. O que é ambição? “A” quer ser “B”, o pobre quer ser rico, o feio quer ser lindo. Todo mundo ambiciona ser algo mais, algo diferente daquilo que é. Ninguém está contente consigo mesmo. Isso é ambição.

Você nunca está contente com aquilo que você é, seja o que for. Isso é ambição. Então você permanecerá irremediavelmente miserável, porque você não pode ser outra coisa. Você só pode ser você mesmo; nada mais é possível. Tudo o mais é fútil, prejudicial, perigoso. Você pode desperdiçar sua vida inteira, toda a sua existência.

Aquilo que você é, seja o que for, é você. Aceite-o; não deseje ser diferente. A não-ambição significa isso. A ausência de ambição é fundamental a toda transformação espiritual, pois quando você se aceita, muitas coisas começam a acontecer. Mas a primeira coisa... se você se aceitar totalmente, a primeira coisa que lhe acontecerá será uma vida não-tensa. Não haverá tensão. Você não deseja ser algo mais; não há nenhum lugar para ir. Então você pode estar aqui e agora. Não há comparação. Você próprio é único. Não pensa mais em termos de outros.

Então não há mais futuro. A ambição precisa de futuro, precisa de espaço para crescer. Ela não pode crescer aqui e agora; não há espaço. Este momento é tão pequeno, tão atômico. A ambição precisa do futuro; quanto maior a ambição, maior o futuro de que se necessita.

Se sua ambição for tão grande a ponto de não poder ser satisfeita nesta vida, então você criará uma vida após a morte. Criará o céu, criará *moksha*, criará a idéia de renascimento. Não quero dizer que o renascimento não exista. Estou dizendo que você acredita no renascimento, não porque ele exista, mas devido a suas ambições serem tão grandes que não podem ser satisfeitas numa única vida. Sua crença no renascimento, na reencarnação, não deriva de que isso seja um fato. Deriva de sua ambição e desejo. A reencarnação pode ser um fato, mas, para você, não passa de uma ficção. Para você é apenas uma questão de futuro, de mais espaço para se mover.

Lembre-se: você não pode ser ambicioso no momento presente. É impossível. Não há espaço. O momento presente é tão atômico, tão pequeno, que você não pode se mover nele. Você pode estar nele, mas não pode desejar. Ele é suficientemente amplo para o ser, mas não o é para o desejo. Para desejar, você precisa do futuro, do tempo. Na verdade, o tempo existe por causa do desejo. Para estas árvores, não há tempo. Para estes pássaros que cantam, não há tempo. Para as estrelas, para o Sol e para a Terra, não há tempo. O tempo existe por causa do desejo humano. Se a humanidade não estivesse na Terra, não haveria tempo; não haveria passado nem futuro.

Seu desejo cria o futuro. Sua memória cria o passado. Ambos são partes de sua mente. Não deseje, e o futuro desaparecerá. E quando não há futuro, como você pode ficar tenso? Como? Não há possibilidade de se ficar tenso se não há futuro. E se não há passado – se você sabe que o passado é apenas a memória, a poeira acumulada durante o caminho – como pode haver qualquer

ansiedade? Com o passado vem a ansiedade. Com o futuro – planos, imaginações, projeções – surge a tensão. Quando o passado desaparece e o futuro não está aberto, você está aqui, agora. Nenhuma ansiedade, nenhuma tensão, nenhuma angústia.

A não-ambição significa aceitar-se tal como você é. Mas isso não quer dizer que não haja possibilidade de crescimento. Ao contrário. Quando você se aceita tal como é, a transformação se inicia. Você começa a crescer, mas em outra dimensão. Então a dimensão não está no futuro, mas no eterno.

Conheça bem essa distinção. Você pode se mover de dois modos. Se você se move no futuro, está se movendo na mente; num mundo de ficção, de sonho. Se você não se move no futuro, então uma dimensão diferente se abre para você a partir desse exato momento. Você está se movendo no eterno. O eterno oculta-se no momento. Se você puder estar aqui, agora mesmo, no momento, você penetrou no eterno. Se continua pensando no futuro e no passado, está vivendo no temporal. O temporal é o mundo, o eterno é o nirvana.

Conta-se que Buda repetia frequentemente que, se você puder permanecer no agora, não há necessidade de qualquer técnica de meditação. Isso é suficiente. Não é necessário mais nada. Mas como você poderá permanecer no agora se for ambicioso?

A mente ambiciosa não pode estar no agora. Pode estar em qualquer outra parte, mas não pode estar no agora. A mente ambiciosa sempre se move para longe do presente. Ela pensa no que está por vir; pensa no amanhã. Pensa numa vida após a morte; não se interessa pela vida que está aqui. Interessa-se por algo que *poderia* ser. Não se interessa pelo que é; está sempre interessada pelo que *deveria* ser, pelo que poderia ser. Esse interesse é não-religioso. Uma mente religiosa, uma consciência religiosa, interessa-se pela existência tal como ela é. O primeiro sutra é: Destrua totalmente a ambição para que você possa penetrar no eterno.

Destrua o desejo pela vida - o segundo sutra.

Destrua o desejo pela vida. As leis da vida são muito paradoxais. Se você desejar a vida, a perderá. Esse é o caminho mais seguro para perdê-la. Se você desejar a vida, a perderá; mas se você não a desejar, vida abundante acontecerá a você.

Através do desejo você se move contra a vida. Parece paradoxal, e é. Essa lei paradoxal precisa ser profundamente entendida.

Por que é que quando você deseja a vida, você a perde? Por quê? Não deveria ser assim. Logicamente, matematicamente, não deveria ser assim. Se alguém deseja a vida, por que a perderia? O mecanismo é tal que, ao desejar, você se moveu novamente para o futuro. E a vida está aqui! A vida já existe – como você pode desejá-la? Apenas aquilo que não existe pode ser desejado. Mas a vida é. Como você pode desejá-la? Ela já é; já está acontecendo. Você é vida.

Se você desejar a vida, a perderá. Através do desejo, você se distancia da vida. Todo desejo a leva cada vez mais longe. Por isso há tanta insistência na ausência de desejo. Isso não significa que Buda ou todos aqueles que falam sobre a ausência de desejo estejam contra a vida. Ao contrário, eles são, de fato, a favor da vida. Mas dizem: “Não deseje” – e isso nos soa como se eles fossem contra a vida, como se fossem negadores da vida. Eles não o são.

Através do desejo, estamos perdendo a vida. É por isso que Buda diz: “Não deseje.” Que acontece se você não deseja? A vida acontece a você. Ela já está acontecendo, mas você não pode olhar para ela porque seus olhos estão fixados no futuro. Você está em outro lugar; sua mente não está aqui. A vida está aqui e você não está aqui; portanto, o encontro torna-se impossível. Então, você ansiará pela vida, a desejará, mas continuará a perdê-la.

Permita que a vida aconteça a você. Como isso pode ser feito? Estando atento ao que se passa aqui. Não tendo desejos de estar em outro lugar.

No momento em que você começa a desejar a vida, torna-se temeroso da morte. Isso é inevitável, porque o desejo pela vida cria o medo da morte. Não existe nenhuma morte. Na verdade, nada morre; nada pode morrer. É impossível. A morte nunca acontece; a morte não existe. Então por que sentimos tanto a morte e a tememos tanto? Por que tememos algo que não existe?

Tememos a morte devido ao nosso desejo pela vida. O desejo pela vida cria um medo pelo oposto: o medo da morte. Não conhecemos a vida, mas a desejamos. Então surge o medo de que a vida seja destruída.

Vemos a morte acontecendo... alguém morre. Você já reparou no fato de que é sempre outra pessoa que morre, nunca você? É sempre outra pessoa. Você vê a morte do lado de fora; nunca a vê do lado de dentro. Você vê alguém morrendo, mas não sabe o que está acontecendo no fundo do seu ser. Sabe apenas o que está acontecendo na periferia. A periferia está morta; não está mais viva, a pessoa não pode mais respirar. Mas o que aconteceu no âmago da pessoa, no próprio ser, no centro? Você não sabe.

Ninguém testemunhou a morte. E isso não é possível, pois há apenas um modo de testemunhá-la: você precisa se mover até o íntimo de seu ser, e aí testemunhá-la. Mas aí a morte nunca acontece. É por isso que um Buda, um Krishna, riem da morte.

Krishna diz a Arjuna no Gita: “Não receie. Não pense que alguém morrerá.” Ninguém morre; você não pode matar ninguém. É impossível. Neste mundo, nada pode ser destruído, nem mesmo um microorganismo pode ser destruído. A destruição não é possível. Só a mudança é possível.

A vida continua a se mover. Uma onda morre (parece morrer) e então uma outra se levanta. Só as formas desaparecem e novas formas aparecem, mas nada morre e nada nasce.

Se nada morre, então nada nasce, pois a morte só é possível se algo nasce. Nascimento e morte são duas ilusões. Você existiu antes do seu nascimento — de outro modo o nascimento não teria sido possível — e você existirá após a sua morte — caso contrário, não lhe seria possível estar aqui e agora. Mas o desejo de se apegar à vida cria o medo da morte.

Se você parar de desejar a vida, o medo da morte desaparecerá imediatamente. E quando o medo da morte desaparece, você pode saber o que é a vida. Uma mente trêmula, com medo e angústia, não pode saber. O saber requer uma consciência calma e destemida.

O desejo pela vida significa medo da morte. O sutra diz: Destrua o desejo pela vida, para que o medo da morte desapareça. E quando não houver morte, nem nenhum apego à vida, você saberá o que é a vida, pois ela está acontecendo a você. Você é a vida! A vida não é algo extrínseco; é algo intrínseco. Já está acontecendo. Você está respirando nela. Você é exatamente como um peixe no oceano da vida, mas não está consciente disso porque sua atenção está obcecada pelo futuro. Desejo significa obsessão pelo futuro. Não-desejo significa viver aqui e agora.

E o terceiro sutra:

Destrua o desejo de conforto,

O desejo de felicidade.

Destrua-o.

Isso parece muito melancólico, triste, negativo. Não é. Quanto mais você desejar conforto, mais desconforto estará criando para si mesmo, porque o desconforto é proporcional ao desejo de conforto.

Quanto mais você procurar felicidade, tanto mais sofrerá. O sofrimento é uma sombra. Quanto maior o desejo de felicidade, maior será a sua sombra. Procure a felicidade e você nunca a obterá. Somente sentirá frustração. Por que? Porque há apenas um modo de ser feliz, que é ser feliz aqui, agora. A felicidade não é um resultado. É um modo de vida.

A felicidade não é o resultado final do desejo. É uma atitude, não um desejo. Você pode ser feliz aqui e agora se souber como ser feliz, mas você nunca será feliz se não souber como ser feliz e continuar desejando ser feliz. A felicidade é uma arte. É um modo de vida.

Neste exato momento, se você puder permanecer calado e consciente da vida ao seu redor e no seu interior, você será feliz. Os pássaros estão cantando, o vento está soprando. As árvores estão felizes, o céu está feliz, todas as coisas existentes estão felizes, exceto você. A existência é felicidade, é uma celebração eterna, uma festividade. Olhe para a existência! Cada árvore está em festa, cada pássaro está em festa. Exceto o homem, tudo está em festa. Toda a existência é um festival, um constante e contínuo festival. Nenhuma tristeza, nenhuma morte, nenhuma miséria existe em lugar nenhum, a não ser na mente humana. Algo está errado com a mente humana, não com a existência. Algo está errado com você, não com a situação.

Por que o homem é infeliz? Nenhum animal é tão infeliz, nenhum pássaro é tão infeliz, nenhum peixe é tão infeliz quanto o homem. Por que o homem é tão infeliz? Porque o homem deseja a felicidade, mas os pássaros estão felizes neste exato momento; as árvores estão felizes neste exato momento. O homem deseja a felicidade; ele nunca está feliz aqui e agora. Ele sempre deseja a felicidade e continua a perdê-la. A felicidade está aqui. Ela está acontecendo ao seu redor. Permita que ela entre em você.

Faça parte da existência. Não se mova para o futuro. A existência nunca se move para o futuro; apenas a mente se move.

É a isso que chamo meditação: estar aqui, sem se mover para o futuro. Não seja ambicioso, destrua todo desejo pela vida, não deseje a felicidade, e então você será feliz e ninguém poderá destruir a sua felicidade. Ser-lhe-á impossível ser infeliz. Então você será imortal e a vida eterna terá acontecido. Na verdade, ela já aconteceu, mas você não está consciente dela. Então você estará realizado. Sem ambição, você estará realizado.

Você é único. Tudo, toda experiência máxima que é possível a alguém também é possível a você; mas acontecerá de um modo único. Aconteceu a Buda, a Jesus, a Zaratustra, e acontecerá a você também. Mas nunca acontece do mesmo modo. Não acontecerá a você do mesmo modo que aconteceu a Buda. Não lhe acontecerá assim como aconteceu a Jesus. Acontecerá a você de um modo único, individual. Quando acontecer a você, será absolutamente nova. A essência da experiência será a mesma — a mesma bem-aventurança, o mesmo silêncio, a mesma iluminação — mas na periferia tudo será diferente.

Portanto, não imite ninguém. Isso faz parte da ambição. Não imite Buda, não imite Jesus. Tente ser você mesmo. Ou melhor: seja você mesmo, pois tentar ainda é fútil. Quando você é você mesmo, está aberto a todas as responsabilidades. Quando você é você mesmo, toda a existência começa a ajudá-lo. Você não briga com ela.

Quando você não está em luta... É isso o que significa confiar. Quando você não está em luta, a existência acontece a você. Se você está lutando com a existência, está simplesmente se destruindo, destruindo suas possibilidades, sua energia, sua vida, sua existência. Não lute! Entregue-se à existência. Aceite a si mesmo, do modo que o todo quer que você seja; não tente ser outra coisa, e a iluminação pode acontecer a qualquer momento. Pode acontecer neste exato momento; não é preciso esperar.

Capítulo 2

O Sentimento de Separação

Destrua todo sentimento de separação.

A mente pensa em termos de separação, divisão, análise. Por intermédio da mente, a vida se fragmenta. A vida, em si mesma, não é dividida; a vida, em si mesma, é uma unidade. A vida, em si mesma, permanece indivisível, mas a mente pensa em termos de fragmentos; portanto, tudo o que a mente afirma, com certeza é falso. Aquela árvore, o céu lá no alto, a Terra, você e todas as coisas estão numa profunda unidade. A árvore parece estar separada de você, mas não está; não pode estar. O Sol está muito distante, mas você não pode existir aqui se o Sol morrer. Imediatamente, você cessará de existir aqui. Sem o Sol ali — a cem milhões de milhas de distância —, você não pode existir aqui. Se o Sol deixasse de existir, nunca seríamos capazes de saber que ele não mais existiria, pois não haveria ninguém para saber. Somos parte de seus raios.

Todo o universo é uma unidade cósmica. Você não está isolado; não é como uma ilha. Você está ligado; está enraizado no oceano da existência, como uma onda.

A menos que isso seja sentido profundamente, ninguém poderá entrar em *samadhi*, ninguém poderá entrar no êxtase total da existência; pois se você se considera separado, não pode se fundir; se você se considera separado, não pode se entregar. Se você pensa que não está separado, a entrega torna-se fácil; ela acontece. Se sentir que é um com a vida, pode confiar nela. Então não haverá medo. Você poderá morrer nela, alegremente, extaticamente. Então não haverá morte.

O medo da morte surge porque você pensa que está separado. Então você começa a lutar, começa a se proteger. Começa a se ver como um inimigo, em conflito. Você pensa em termos de conquistar, de ser vitorioso. Mas então será derrotado; sua derrota é certa.

Você é uma parte do todo, mas continua a lutar com o todo. É por isso que, por toda parte, você observa que todo mundo é um fracasso: derrotados, frustrados. No fim, todo mundo vem a saber que a vida foi uma longa derrota e nada mais. Isso é sentido não apenas pelos que não foram bem-sucedidos. Os bem-sucedidos também o sentem. Um Napoleão, um Alexandre, até mesmo eles se sentem derrotados.

Por que isso ocorre? Porque você não está separado do todo. Considero irreligioso o homem que pensa que está separado da vida, e considero religioso o homem que sabe que é uma parte orgânica da vida. Digo uma parte orgânica, não uma parte mecânica, pois a parte mecânica pode ser arrancada; a parte orgânica não pode ser extirpada. Ela não é realmente uma parte — está em profunda unidade com o todo.

Um homem religioso vai além da ansiedade, além do medo da morte, porque agora sabe que ele não é e o todo é. Então, como pode haver medo? Até mesmo a morte torna-se uma comunhão, um encontro. Não é uma dissolução. Ao contrário, uma fusão. Não se trata de alguma coisa que está contra você. Antes, é um profundo relaxamento para você.

A vida é tensão, ansiedade. A morte é bela. Você simplesmente entra num profundo relaxamento. Retorna novamente à fonte. A onda se erguerá outra vez, mas por enquanto ela cessou; foi para o oceano descansar. A morte é um profundo repouso. E antes de um novo nascimento, esse repouso é necessário.

A partir do momento em que você compreende isso, não há mais medo. Desde que você aceite e se torne consciente da profunda unidade, a unidade orgânica, oceânica, aceitará todas as coisas.

Você saberá que tudo é um, que a existência é uma. Ela se manifesta em diferentes formas, em milhões de formas, mas só as formas são diferentes. A substância, a essência, permanece uma.

Essa atitude o ajudará a entrar muito facilmente na meditação. Lembre-se, se você temer a morte, temerá também a meditação. Esse é um corolário lógico. Se você tiver medo da morte, você não se permitirá entrar totalmente na meditação, pois a meditação é uma espécie de morte, um tipo de morte. Consciente e voluntariamente, você imerge no todo. Morre enquanto indivíduo, enquanto ego torna-se um com a existência não-egótica.

Se você temer a morte, temerá também a meditação. Mas se amar a meditação, não temerá a morte. Se entrar na meditação, sem temor, sem medo, tornar-se-á imortal, pois não haverá mais nenhuma morte para você. Você já estará morto, portanto, como poderá morrer novamente? Aquele que entra em meditação, já morreu. Agora você não pode morrer novamente; a morte não pode destruí-lo. Você já se rendeu; você não é mais. A morte entrará numa casa vazia. Você não será encontrado nela.

Apenas o ego morre, não você. Sua vida é eterna, mas o ego é transitório. O ego é somente um fenômeno criado, formado. Você o criou. Ele é necessário, tem alguma utilidade. Na sociedade, você precisa de um ego; mas na vida, na existência, esse mesmo ego torna-se uma barreira.

Sannyas significa ir além da sociedade, pois quer dizer entregar o ego. Na sociedade, o ego é necessário. Você precisa ter um ponto de referência para indicar quem você é. No *sannyas* esse ponto de referência não é necessário. Não há necessidade de dizer quem você é; você pode simplesmente ser. Você é, isso é tudo. Não há necessidade de contar a ninguém quem você é. Esse “quem” é uma necessidade social. A existência nunca lhe pergunta quem você é.

Quando você abandona o ego, está pronto a tornar-se um com o todo. Há, na verdade, duas maneiras de se dizer a mesma

coisa: ou se concebe toda a existência como uma, ou se concebe que não há nenhum ego em você. É a mesma coisa, o resultado será o mesmo. Você virá para uma unidade oceânica. E essa unidade, uma vez conhecida, nunca mais será perdida.

Destrua todo sentimento de separação. Torne-se apenas uma gota — uma gota de água que caiu no oceano e tornou-se uma com ele. E não tema a morte, porque, na verdade, não há morte para você. Aquele que teme é um fenômeno falso, uma entidade falsa — uma entidade criada pelo sentimento de separação. Em meditação, lembre-se, você está retornando à fonte, saltando para a fonte. Está se movendo do ego para uma existência sem ego.

Na meditação, esteja pronto para morrer. Se você puder morrer em meditação, obterá a vida eterna. Tornar-se-á imortal.

Capítulo 3

O Desejo de Sensação

Destrua o desejo de sensação.

...Aprenda a partir da sensação e observe-a, pois somente assim você poderá se iniciar na ciência do autoconhecimento e galgar o primeiro degrau da escada.

Destrua o desejo de sensação. Vivemos em busca de sensações, ansiamos por sensações. Estamos sempre à procura de sensações cada vez mais novas; toda a nossa vida é um esforço para obter novas sensações. Mas o que acontece? Quanto mais sensações você busca, menos sensível você se torna. A sensibilidade é perdida.

Parece paradoxal. Nas sensações, a sensibilidade é perdida. Então você necessita de mais sensações, e esse “mais” aniquila cada vez mais a sua sensibilidade. Então você necessita de mais ainda e, finalmente, chega um momento em que todos os seus sentidos ficam embotados e mortos. O homem nunca foi tão insensível e morto quanto nos dias atuais. Antigamente, o homem era mais vivo, porque não havia tantas possibilidades de usufruir tantas sensações. Mas agora a ciência, o progresso, a civilização, a educação criaram inúmeras oportunidades de se penetrar cada vez mais no mundo da sensação. E no final, você se torna uma pessoa morta; sua sensibilidade está perdida. Saboreie mais comidas — com mais temperos, mais picantes — e seu paladar se perderá. Se você andar pelo mundo sempre à procura de coisas cada vez mais bonitas, acabará cego; a sensibilidade de seus olhos se perderá.

Mude diariamente o objeto de seu amor — sua namorada ou namorado, sua esposa ou marido. Se mudá-los a cada dia, sua sensibilidade para amar morrerá. Você estará se movendo num terreno perigoso. Nunca irá fundo; permanecerá apenas na superfície, na periferia. Quanto mais coisas você experimentar, menor se tornará a sua capacidade de experimentar. E então, finalmente, quando todas as coisas ao seu redor estiverem mortas, você desejará o divino, a bem-aventurança, a verdade. Mas um homem morto não pode experimentar o divino. Para experimentar o divino, você precisa de total sensibilidade; precisa estar vivo. Lembre-se: apenas o semelhante pode atrair o semelhante.

Se você quer o divino — o “divino” significa o mais vivo, o sempre-vivo, sempre-jovem, sempre-verde —, se você quer encontrar o divino, precisará estar mais vivo. Como fazer isso? *Destrua todo desejo de sensação.* Não busque a sensação; busque a sensibilidade, torne-se mais sensível.

Essas duas coisas são diferentes. Se você procura sensações, procurará coisas; acumulará coisas. Mas, se procura a sensibilidade, todo o trabalho deverá ser feito em seus sentidos, não nas coisas. Você não precisará acumular coisas. Você terá que aprofundar seus sentimentos, seu coração, seus olhos, seus ouvidos, seu nariz. Cada sentido deverá ser intensificado de tal modo que se torne capaz de sentir o sutil. Não podemos nem sentir o grosseiro e precisamos nos tornar capazes de sentir o sutil. O mundo parece grosseiro apenas porque não podemos sentir o sutil. O invisível oculta-se no visível. Olhe para essas árvores. Você olha para o grosseiro; o corpo da árvore. Você nunca olha, nunca sente a vida interior. O crescimento! A árvore em si mesma não está crescendo; a árvore é apenas um corpo. Uma outra coisa — o invisível — está crescendo nela. E por causa disso, a árvore cresce. O interior está crescendo e, por causa dele, o exterior está crescendo. Mas você olha apenas para a árvore, e assim, só o exterior é visto.

Olhe ao seu redor. Olhe dentro dos olhos do seu amigo. Você apenas olha para os olhos, não para aquele que vê através deles. Toque o corpo de seu amigo. Você apenas toca o grosseiro; nunca sente o sutil interno. Apenas o corpo, o externo é sentido, pois seus olhos (seus sentidos) ficaram tão embotados que não podem sentir o interno, o invisível.

Precisamos de mais sensibilidade. Busque menos sensação e cresça em sensibilidade. Quanto tocar; torne-se o toque. Quando olhar, torne-se os olhos. Quando ouvir, deixe que toda a sua consciência venha aos ouvidos. Ao ouvir uma música, ao escutar os pássaros, torne-se os ouvidos. Esqueça tudo o mais, como se você fosse apenas os ouvidos. Vá para os ouvidos com todo o seu ser. Então, seus ouvidos tornar-se-ão mais sensíveis.

Quando estiver olhando para alguma coisa — uma flor, um belo rosto ou as estrelas — torne-se os olhos. Esqueça tudo o mais, como se o restante de seu corpo tivesse cessado de existir e sua consciência tivesse se transformado apenas em olhos. Então, seus olhos serão capazes de olhar mais profundamente e você será capaz de olhar também para o invisível. O invisível também pode ser visto, mas você precisa de olhos mais penetrantes para vê-lo.

Destrua todo o desejo de sensação e cresça em sensibilidade. Preocupe-se menos com o mundo e mais com seus sentidos. Purifique-os. Quando você não busca sensações, seus sentidos se purificam. Ao desejar cada vez mais sensações, estará destruindo seus sentidos.

O homem que descobre o divino é aquele cujos sentidos estão totalmente vivos, em sua capacidade máxima. Então, você não apenas pode ver o divino, mas também pode prová-lo, pode cheirá-lo. O divino pode entrar em você através de qualquer um dos sentidos. Só quando o divino penetrar em você por todos os sentidos, acontecerá a realização suprema. Se você pode apenas ver o divino, trata-se apenas de uma realização parcial. Neste caso, você

não está realmente iluminado. Se você não pode tocar o divino, se não pode prová-lo, você está apenas parcialmente iluminado.

O uso dessas palavras parece ilógico. Saborear Deus? Ele é um alimento? Sim, ele é tudo. Você pode saboreá-lo, mas para isso necessita de uma capacidade muito sutil. Seu alimento simples tornar-se-á divino. Através do alimento, o divino será sentido. Os rishis upanishádicos disseram que o alimento é Brahma. “*Anna é Brahma.*” Eles devem tê-lo saboreado, devem tê-lo comigo.

Nós pensamos que Deus é um problema lógico; assim, continuamos a questionar quanto a isso, a favor ou contra. Continuamos a discutir se Deus existe ou não. Isso é irrelevante. Deus não é uma questão de argumento, de lógica, de raciocínio. Na verdade, Deus é uma questão de sensibilidade. Se você não o sente, torne-se mais sensível. Nenhum pensamento lógico será de qualquer ajuda. Torne-se mais sensível! Se você é sensível, ele está aí. Ele sempre esteve aí, mas você não é sensível. As coisas o tornam entorpecido, as sensações o tornam entorpecido. Destrua todo desejo de sensação.

Destrua o desejo de crescimento.

Este sutra é muito revolucionário, muito perigoso.

Destrua o desejo de crescimento. Parece absurdo, pois se você destruir todo o desejo de crescimento, que necessidade haverá então de crescer para o divino? Como alguém poderá então alcançar a verdade, tornar-se iluminado? De que servirá a meditação e todo este rebuliço? Precisamos mergulhar profundamente neste sutra.

Destrua o desejo de crescimento. Há dois tipos de crescimento. Um, a respeito do qual você pode fazer algo; e outro, a respeito do qual você nada pode fazer. Para um, seu esforço é necessário; para o outro, a ausência de esforço é necessária.

O crescimento espiritual é do segundo tipo. Seu esforço não será de nenhuma ajuda; apenas criará barreiras. Você nada pode fazer quanto ao crescimento espiritual. A única coisa que você pode fazer é entregar-se, e isso é um não-fazer. Você pode apenas fazer uma coisa: permitir que o divino aja em seu interior. Pode simplesmente cooperar; isso é tudo. Pode simplesmente flutuar, não é necessário nadar — um profundo deixar acontecer. É este o significado de *Destrua o desejo de crescimento*.

... Cresça como cresce a flor, inconscientemente, mas ansiosamente desejosa de abrir sua alma ao ar. Assim você também deve compelir sua alma para se abrir ao eterno.

Mas é necessário que seja o eterno!

Mas deve ser o eterno quem induz sua força e beleza a se expandirem, não o desejo de crescimento. Pois, no primeiro caso, você se desenvolve na exuberância da pureza, e no outro, você se torna insensível pela paixão impetuosa pelo desenvolvimento pessoal.

Repetirei: **Mas deve ser o eterno quem induz sua força e beleza a se expandirem, não o desejo de crescimento** — porque todo desejo é um obstáculo, até mesmo o desejo de alcançar o divino; todo desejo é uma escravidão, mesmo o desejo de ser libertado. O desejo, como tal, é o problema; portanto você não pode desejar o divino. Isso é contraditório. Você só pode desejar o mundo, não pode desejar o divino; porque o desejo é o mundo, o desejo é *sansar*. Você não pode desejar *mokcha*. Quando você está num estado de não-desejo, *mokcha* acontece a você; quando você está num estado de ausência de desejo, a liberação acontece a você, o divino acontece a você.

Permita que o divino gere tudo o que está oculto em você. Não busque o crescimento. Entregue-se, para que o crescimento aconteça. O crescimento ocorrerá, mas não através de seu esforço, e sim, de sua própria graça. Virá por intermédio dele mesmo.

Há razões para que seja assim.

O que for que você fizer, nunca será maior do que você. Não pode ser. Qualquer coisa que você fizer será sempre menor do que você. O agente é sempre superior ao ato. O contrário não é possível. O pintor é superior à sua pintura, o meditador é superior à sua meditação. Tudo o que você fizer será sempre inferior a você; portanto, como você poderá alcançar o divino? O divino não é inferior a você, assim, você não pode alcançá-lo através da qual você pudesse alcançar Deus por seus próprios esforços, esse Deus seria inferior a você, não superior; esse Deus não passaria de um objeto utilizável — algo que você não seguraria em suas mãos, algo que você teria conquistado. Assim sendo, lembre-se, Deus não pode ser alcançado através de seus esforços. Deus pode acontecer a você, mas não se trata de uma conquista.

Assim sendo, o que pode ser feito? O que você pode fazer por seu lado? Você precisa fazer apenas um esforço negativo. Esse esforço negativo significa: não criar barreiras, não criar obstáculos. Permanecer aberto, esperando, e pronto a se mover, pronto a ir. Se o ímã começar a agir, você permitirá que ele aja.

Dessa maneira, qual a função da meditação que eu tanto enfatizo? Ela serve apenas para destruir suas barreiras; é um esforço negativo. Através da meditação você não alcançará o divino. Através da meditação você se tornará acessível à ação do divino. Através da meditação, você se tornará aberto; sua prece chegará até ele. Você estará dizendo que está pronto, que, a partir de agora, cooperará.

Isso é tudo o que é necessário de sua parte. Permitir, deixar acontecer, entregar-se. Através da vontade, nada pode ser feito. Na

dimensão do divino, nada pode ser feito através da vontade; somente através da entrega. E então tudo acontece.

Através das meditações que estamos fazendo aqui, você está apenas derrubando suas barreiras. É por isso que enfatizo que você deveria ser como as crianças. Volte a ser criança. Esqueça sua civilização, sua cultura, seus modos, suas posturas, sua personalidade, suas faces. Tudo isso é uma fachada. Jogue-a fora! Torne-se como as criancinhas.

Parecerá loucura. Abandonar sua mente e retornar à sua infância parecerá loucura. Pois seja louco! Seja qual for o preço, seja novamente como as crianças. Jesus diz que somente aqueles que são como crianças entrarão no reino do meu Deus. Eu também digo o mesmo. Retorne ao ponto onde a civilização começou a corrompê-lo, ao ponto onde a educação começou a corrompê-lo, ao ponto onde a sociedade penetrou em você. Volte ao ponto onde você era não-social, onde não havia sociedade coagindo você. Até esse ponto você era inocente e puro e, a menos que retorne novamente até esse ponto, as barreiras permanecerão.

Torne-se criança novamente. Durante esse processo, você sentirá que enlouqueceu, pois estará jogando fora todos os seus valores de adulto: educação, cultura, religião, escrituras, comportamentos. Estará jogando tudo fora. Estará retornando ao ponto onde você era você mesmo, onde ainda nenhuma sociedade o havia corrompido.

O processo todo parecerá loucura, mas não é. É uma catarse. E se você puder atravessá-la, sairá mais sã, menos louco. A loucura será jogada fora. Você se tornará mais puro, mais sã.

Capítulo 4

Desejando o inacessível

Deseje apenas o que está dentro de você

Parece absurdo, paradoxal, ilógico: *Deseje apenas o que está dentro de você*. Desejamos, basicamente, aquilo que não está em nós. Desejar significa querer algo que não está em nós. Se já estivesse em nós, qual seria então a necessidade de desejá-lo?

Nós nunca nos desejamos tal como somos. Sempre desejamos algo mais. Ninguém deseja a si mesmo; não há necessidade. Você já é isso; não está faltando nada. Você deseja aquilo que está faltando.

O sutra diz: **Deseje apenas o que está dentro de você** — por muitas razões. Em primeiro lugar, se você desejar algo que não está dentro de você, poderá obtê-lo, mas ele nunca será seu. Não pode ser. Na verdade, você nunca poderá ser o senhor dele; tornar-se-á apenas um escravo. O possuidor é sempre possuído por suas posses. Quanto maior a quantidade de coisas possuídas, maior a escravidão criada.

Você é possuído por suas posses e deseja ser o senhor. A frustração se inicia porque toda a sua esperança foi frustrada. Você chega a um ponto no qual as coisas que desejava estão presentes, tudo o que você desejou aconteceu, mas você se tornou o escravo. Agora, o reino parece ter se tornado uma prisão, e tudo o que você possui, ou pensa possuir, não é realmente possuído, pois lhe pode ser tomado a qualquer momento. Mesmo se ninguém o tomar, a morte certamente o tomará.

Na terminologia religiosa, aquilo que pode ser tomado pela morte não lhe pertence. A morte é o critério. Há apenas um critério para julgar se você realmente possui alguma coisa. Julgue levando em consideração a morte, e veja se você ainda possuirá aquela coisa após a morte. Se a morte a tomar de você, você nunca a possuiu. Era apenas uma ilusão.

Há algo que a morte não lhe pode tirar? Se não há nada, então a religião é inútil, sem sentido. Mas há algo que a morte não pode tomar, e esse algo está oculto dentro de você. Você já o possui. Se a possuísse, ela poderia ser tomada.

Você é ela; ela é o seu próprio ser. É a sua própria base, sua existência. É isso que é chamado de *atman*. *Atman* significa aquilo que você já é. Ninguém pode tomá-lo de você; nem mesmo a morte pode destruí-lo. O sutra diz: **Deseje apenas o que está dentro de você.** Deseje o *atman*, deseje seu eu mais profundo, deseje o centro que você já possui, mas do qual se esqueceu completamente.

Por que o homem se esquece? Isso é uma necessidade. Para sobreviver, precisa-se prestar atenção ao mundo exterior. Para sobreviver, existir, permanecer vivo, você precisa continuar prestar atenção às coisas: comer, abrigar-se. O corpo necessita de atenção. Ele fica doente, está propenso a sofrer. O corpo está continuamente se esforçando para sobreviver, porque, para o corpo, há morte. O corpo está em constante luta com a morte; portanto, uma atenção permanente deve ser dada a ele.

O corpo sempre se encontra em estado de emergência, porque a morte pode ocorrer a qualquer momento. Você precisa estar ininterruptamente atendo e consciente acerca dessa luta contra a morte; portanto, toda a sua atenção se move para o exterior. Não sobra nenhuma energia para se mover para dentro. Trata-se de uma necessidade de sobrevivência. Por esse motivo, continuamos a esquecer que existe dentro de nós um centro imortal, um centro eterno, um centro de bem-aventurança absoluta.

A dor atrai a atenção; o sofrimento atrai a atenção. Se você está com dor de cabeça, sua atenção se dirige para a cabeça; você se torna consciente de que possui uma cabeça. Se não há dor, você se esquece de sua cabeça. Torna-se sem cabeça — como se você não tivesse cabeça.

O corpo é sentido apenas quando está doente. Se seu corpo está absolutamente saudável, você não o sente. Você fica leve. Na verdade, você se torna incorpóreo. Esse é o único critério da autêntica saúde: o corpo não é absolutamente sentido. Sempre que o corpo é sentido, significa que há alguma doença, algum distúrbio. Sua atenção é reclamada.

Há tantos problemas oriundos do exterior que sua atenção está constantemente ocupada com ele. Por isso, você se esquece de que alguma coisa existe exatamente no centro do seu ser, alguma coisa imortal, divina, bem-aventurada. O sutra diz:

Deseje apenas o que está dentro de você.

...Pois dentro de você está a luz do mundo — a única luz que pode iluminar o Caminho. Se você é incapaz de percebê-la em seu interior, é inútil procurá-la em outra parte.

O sutra seguinte:

Deseje apenas o que está além de você.

Deseje apenas o que está além de você. Deseje sempre o impossível, porque só através desse desejo você cresce. E o que é impossível? Escalar o Monte Everest não é impossível; tampouco ir à Lua. Ambos tornaram-se possíveis. Alguém já escalou o Everest. Mesmo se ninguém o tivesse escalado, isso não seria impossível. Difícil, mas não impossível. Está ao alcance da capacidade humana escalá-lo. Ir à Lua também está dentro de nossa capacidade e, em

breve, o homem alcançará igualmente outros planetas. Isso não é impossível, apenas difícil. Algum dia tornar-se-á possível. Somente uma coisa é impossível, está além de você: seu eu mais profundo.

Por quê? Afirmo que a Lua não é tão difícil de se alcançar, embora esteja tão distante; e afirmo que seu eu mais profundo é mais impossível de se alcançar, embora esteja exatamente dentro de você. Por que então é tão difícil alcançá-lo? Porque está dentro de você, justamente por isso. Você sabe apenas alcançar o que está fora. Suas mãos podem alcançar o que está fora, seus olhos podem ver o que está fora. Seus sentidos abrem-se para o exterior; você não possui sentidos que possam ajudá-lo a olhar para dentro. Sua mente se move para fora; não pode se mover para dentro. É por isso que a mente precisa ser abandonada. Somente então você pode entrar em meditação.

A mente é basicamente um movimento para fora. Você pode observar isso muito facilmente. Sempre que você pensa, está pensando em algo que está fora de você. Seja qual for o seu pensamento, ele é sempre a respeito de algo que está fora. Você já pensou sobre alguma coisa que está dentro de você? Não há necessidade de pensar sobre algo interior, pois você pode experimentá-lo. Não há necessidade de pensar a seu respeito; o pensamento é um substituto. Você pode perceber o que está dentro de você. Está bem próximo. Basta mudar sua atitude, mudar sua direção. De fora, você se volta para dentro, e pode experimentá-lo. Qual a necessidade de pensar sobre ele?

Porém, estamos sempre pensando sobre o de dentro. Pensamos sobre o que é *atman*. Pensamos: “O que é o eu?” — Criamos filosofias e sistemas. Criamos teorias de que o eu significa “isto”, de que a definição é “esta” e de que ninguém tenta senti-lo. Ele está tão perto de você — qual a necessidade de teorias?

Teorias são necessárias para o que está distante, pois você não pode alcançá-lo neste exato momento. Precisa criar uma ponte. Precisa-se de teorias para se alcançar a Lua, mas elas não são

necessárias para alcançar o seu centro interior, pois não há nenhuma distância. Não há nada para se transpor; você já está ali. É necessário apenas uma mudança de atitude, e você pode perceber esse centro. Não há necessidade de teorizar, de filosofar. Mas continuamos a criar filosofias. Criamos milhares e milhares de filosofias, e os filósofos continuam desperdiçando suas vidas a pensar sobre aquilo que já se encontra dentro deles. Eles poderiam saltar para dentro a qualquer momento.

Mas isso está além. Além dos sentidos, pois os sentidos não podem se abrir para aquilo que está dentro; eles se abrem na direção oposta. E também está além da mente, pois a mente não pode conduzi-lo até ali; ela sempre o conduz a outro lugar. A mente é um instrumento para o mundo; é um mecanismo que permite o movimento para fora, para longe de você. Ela serve para isso. Por essa razão, enfatiza-se tanto que em *samadhi* não há mente. *Samadhi* é um estado de não-mente; a mente cessa.

Nas técnicas de meditação que estamos fazendo, todo o esforço consiste em se deixar de ser uma mente, em abandonar a mente, em parar de pensar, em atingir um instante onde não exista nenhum pensamento, onde apenas a atenção, apenas a consciência existe. “Não pensar” significa que não há nenhuma nuvem no céu; apenas o céu está ali. “Não pensar” significa que não há nuvens na mente, apenas a consciência. Nessa consciência, você está dentro.

Quando você está na mente, está fora; quando você está na não-mente, está dentro. Nessa transferência, da mente para a não-mente, consiste toda a jornada. Se você puder acrescentar “não” à sua mente, você alcançou o conhecimento. Por isso é denominado além.

Deseje apenas o que está além de você — além de seus sentidos, além da sua mente, além de seu ego. “Você” não estará ali. Seu centro mais profundo não é você; você é apenas a periferia. A periferia não pode estar no centro. Quando você se move em

direção ao centro, abandona a periferia. A periferia não pode existir no centro. Ela pertence ao centro, mas existe fora do centro, ao seu redor.

Tudo quanto você conhece a seu respeito é apenas a periferia: seu nome, sua identidade, sua imagem. Você é hindu ou maometano ou cristão; você é negro ou branco; você é isto ou aquilo. Seu país, raça, cultura — tudo isso pertence apenas à periferia; todos os seus condicionamentos estão apenas na periferia.

O mundo não pode penetrar em seu centro. Ele só pode cultivar a periferia, só pode atingir você em sua superfície. Apenas a sua superfície pode ser hindu, apenas a sua superfície pode ser cristã, apenas a sua superfície pode ser jaina. “Você” não é; você não pode ser. Somente sua superfície pertence à Índia, ou ao Paquistão, ou à América. Você não pode pertencer a nenhuma nação, a nenhuma raça. Você pertence à própria existência. No centro, todas as divisões são falsas; elas só dão significantes na periferia.

Tudo quanto você conhece a respeito de si mesmo refere-se ao seu ego. “Ego” é apenas uma palavra utilitária. Toda a sua periferia significa “você”. Mas esse “você” desaparecerá quando você começar a ir para dentro; esse “você” se desvanecerá aos poucos; esse “você” desaparecerá; esse “você” se evaporará. Então, surgirá um momento em que você será, autenticamente, você mesmo; seu velho eu não estará mais presente. Por isso é que se diz: **Deseje apenas o que está além de você... Está além de você, pois quando você o alcança, você se perde.**

Deseje apenas o que é inacessível. O que é inacessível? Olhe ao redor — todas as coisas são acessíveis. Pode ser que você não as tenha conseguido, mas elas são acessíveis. Se você fizer o esforço necessário, poderá obtê-las. Potencialmente, elas são acessíveis.

Alexandre construiu um grande império. Pode ser que você não tenha construído um, mas o que Alexandre pôde fazer, você também pode. Não é impossível; não é inacessível. Pode ser que

you não tenha acumulado tanta riqueza quanto Rockefeller ou algum outro, mas o que Rockefeller pôde fazer, você também pode. Isso é humano; está ao alcance da sua capacidade. Você pode fracassar, pode não ser capaz de obter essa riqueza, mas ela é alcançável. Seu fracasso é o seu próprio fracasso; potencialmente você poderia ter sido um sucesso; portanto, um objeto não pode ser considerado inacessível.

Assim sendo, o que é inacessível? Aquilo que não pode ser atingido? Se esse é o significado, então qual a finalidade de se desejá-lo? Se algo não pode ser alcançado, então o desejo é fútil. Por que desejar o que é inacessível? O que isso significa?

O significado é muito profundo, muito esotérico. O significado é que seu eu mais profundo é inacessível porque ele já foi alcançado. Você não pode alcançá-lo porque você é ele. Não pode tornar isso uma conquista. Não se trata de algo a ser alcançado. Ele já está aí, você nunca esteve longe dele. Nunca o perdeu; ele é a sua própria natureza. Ele é você, o seu ser mais profundo. Você não pode alcançá-lo; pode apenas descobri-lo. Não pode chegar até ele; pode apenas reconhecê-lo.

Não é possível inventá-lo; ele já está aí. Não é para ser adquirido; já está aí. Não é para ser adquirido; já está aí. Você precisa apenas lhe dar a sua atenção. Precisa focar sua consciência nele e, subitamente, aquilo que nunca foi perdido é encontrado.

Quando Buda alcançou a iluminação, alguém lhe perguntou: "O que você alcançou?".

Buda disse: "Nada, porque qualquer coisa que eu tenha alcançado, sei agora que sempre esteve presente. Nunca foi perdida. Simplesmente, eu a descobri. Tomei conhecimento de um tesouro que sempre esteve dentro de mim."

...É inacessível porque reflui continuamente. Você penetrará a luz, mas nunca tocará a chama.

É também inacessível num outro sentido. Você nunca será capaz de dizer: “Eu o alcancei (o conhecimento)” — pois quem dirá que o alcançou? Aquele “eu” que pode reivindicar não existe mais. Aquele ego — a periferia — não existe mais. Para alcançar o conhecimento, para descobri-lo, ele precisa ser perdido. O ego precisa ser jogado fora, abandonado. Você só pode alcançar o conhecimento quando se tornou sem ego. Não pode alcançar o conhecimento com o ego, porque o próprio ego é a barreira.

Dessa forma, quem estará ali para reivindicar? Diz-se nos Upanishades que se alguém afirma que alcançou o conhecimento, não tenha dúvidas, ele não o alcançou, pois a própria afirmação é egoística. Se alguém diz: “Conheci Deus” — não tenha dúvidas, ele não conheceu Deus; pois quando Deus é conhecido, quem está ali para afirmar? O conhecedor se perde no próprio fenômeno do conhecimento. O conhecimento só ocorre quando o conhecedor não está presente. Quando o conhecedor está ausente, o conhecimento ocorre — assim, quem lhe afirmará?

Havia um monge zen, Nan-in. Alguém lhe perguntou: “Você conhece a verdade?”.

Ele riu, mas continuou em silêncio. O homem disse: “Não posso compreender esse riso misterioso. Tampouco posso compreender seu misterioso silêncio. Use palavras. Diga-me. E seja claro. Diga-me sim ou não. Você conhece a verdade, o divino?”.

Nan-in disse: “Você está tornando as coisas difíceis para mim. Se eu disser sim, as escrituras dizem: ‘Aquele que diz, ‘Eu conheço, não conhece. Portanto, se eu disser sim, significará não. E se eu disser não, isso não será verdadeiro. Assim, o que devo fazer? Não me obrigue a usar palavras. Tornarei a rir e a manter silêncio. Se você puder compreender, ótimo. Se não puder compreender, ótimo também. Mas não usarei palavras. Não me obrigue a isso, porque se eu disser sim, significará que não conheço, e se eu disser não, isso não será verdade.”.

Você alcançará o conhecimento, mas em sua pureza. Nessa pureza, seu ego não estará presente. O ego é o elemento impuro, estranho, dentro de você — apenas a poeira acumulada ao seu redor. Ele não é você. Nu, você alcançará o conhecimento. Seu ego é exatamente como suas roupas. Ele não estará presente.

Deseje apenas o que é inacessível.

Capítulo 5

O Poder que o Tornará Nada

Deseje ardentemente o poder.

...E o poder pelo qual o discípulo ansiará é aquele que, aos olhos dos homens, o fará parecer nada.

Estaremos entrando cada vez mais em contradições. A linguagem da religião é, obrigatoriamente, contraditória. Aparentemente, isso parece irracional. De certo modo, a religião é irracional, pois vai além da razão, transcende a razão. Este sutra diz: *Deseje ardentemente o poder* — mas aquele poder que o torna nada. Você se torna inexistente.

Desejamos o poder a fim de nos tornarmos alguma coisa. O poder que a riqueza pode oferecer, o poder que a política pode fornecer, o poder que o prestígio pode fornecer. Desejamos o poder para sermos alguma coisa, e esse sutra diz: *Deseje ardentemente o poder* — mas aquele poder que o tornará ninguém, nada.

Há dois tipos de poder. Primeiro, aquele poder que você pode acumular a partir dos outros — aquele poder que lhe pode ser dado pelos outros ou que você pode tomar dos outros. Ele depende dos outros. O poder que depende dos outros fará com que você se torne alguém aos olhos dos outros. Você permanecerá o mesmo de antes mas, aos olhos dos outros, tornar-se-á alguém. Esse “ser alguém” é uma pretensão do ego. E o ego é a barreira.

Deseje esse poder — o do segundo tipo — que lhe faz sentir-se ninguém. É difícil sentir que “eu sou ninguém”. Todo mundo pensa que é alguém, quer os outros concordem ou não. Todo mundo pensa que é alguém! Isso é ser comum; toda mente comum

pensa que é alguém. No momento em que você compreender que é ninguém, tornar-se-á extraordinário, raro, uma flor única, incomparável. O sentimento de ser ninguém cria um espaço dentro de você. O ego se dissolve, seu falso centro deixa de existir. Você se torna espaçoso. Agora, o eterno pode entrar em você. Esse espaço, esse vazio, pode permitir que a existência floresça em você.

Você está repleto desse sentimento de ser alguém. Você é isto, você é aquilo. A mente é tão astuta que você pode até mesmo tornar o ser ninguém em algo importante. Vou contar-lhes uma historieta.

Um imperador, um imperador maometano, estava rezando numa mesquita, num dia santificado. Ele estava orando a Deus e dizia: “Eu sou ninguém. Sou nada. Tenha piedade de mim”.

Então, subitamente, ele ouviu um mendigo que também estava rezando próximo a ele. O mendigo também dizia: “Eu sou ninguém. Tenha piedade de mim”.

O imperador sentiu-se ofendido! Olhou para o mendigo e disse: “Ouça, quem é você para competir comigo? Quando eu digo, ‘Eu sou ninguém’, quem mais se atreve a dizer ‘Eu sou ninguém’? Quem é você para tentar competir comigo?”.

Até mesmo no estado de “ser ninguém” você pode ser um competidor. Então, o essencial, o ponto principal, é perdido. O imperador não podia tolerar que um outro, diante dele, reivindicasse para si o ser ninguém. Quando ele dizia para Deus que era ninguém, ele não queria dizer que era ninguém. Através do “ser ninguém” ele estava criando o “ser alguém”. Você também pode criar o ego a partir do nada.

Lembre-se de que o ego é poder em relação ao mundo, mas é impotência no que se refere ao divino. Tudo o que parece ser poder no mundo é impotência na dimensão divina. Nessa dimensão, a ausência de poder é poder. Jesus sempre dizia a seus discípulos: “Seja pobre de espírito.” Não apenas pobre, pois você pode ser pobre sem ser pobre de riqueza. Se você tiver um sentimento

egoístico em relação à pobreza, então sua pobreza não é pobreza. Ela não é pobreza de espírito.

Por isso, Jesus sempre repetia: “Seja pobre, pobre de espírito”. Do contrário, você pode ser um mendigo na rua, pode ter abandonado tudo, mas então, você se apegando a esse fato de ter abandonado tudo; apegando-se à sua renúncia. Transforma sua pobreza em riqueza; orgulha-se dela. Olhe para os sannyasins, os monges, os *bhikkhus*. Olhe em seus olhos. Eles possuem um profundo orgulho pelo fato de terem abandonado o mundo, de terem renunciado. Eles renunciaram ao mundo, mas agora sua renúncia tornou-se um crédito bancário. Orgulham-se disso; sentem-se superiores. Quando Jesus diz: “Seja pobre de espírito” — ele quer dizer: não seja superior a ninguém.

Mas, lembre-se: ele não quer dizer para você ser inferior. Esse é o problema. Ele não quer dizer: seja inferior, porque se você for inferior — se sentir que é inferior — isso será, outra vez, uma superioridade de cabeça pra baixo, nada mais. Superioridade de ponta-cabeça torna-se inferioridade. Se você se sente inferior, a ânsia de ser superior está presente.

Quando Jesus diz: “Seja pobre de espírito” — ele não quer apenas dizer: não seja superior. Ele quer dizer isso, mas também quer dizer: não seja inferior; seja apenas você mesmo. Não se compare aos outros; fique tranquilo consigo mesmo.

Então, você será ninguém, porque para ser alguém é necessário comparação. Como você pode ser alguém se não há comparação: Você é mais bonito, nunca é simplesmente bonito. Você jamais pode ser simplesmente bonito; é sempre bonito em comparação a algum outro. Você é rico em comparação a algum outro, é mais inteligente em comparação a algum outro. A superioridade e a inferioridade são sempre comparações. Você é alguém quando comparado a outros. Se não houver comparação, quem você será? Você não pode ser apenas bonito, pode? Você não pode ser apenas inteligente, pode?

Imagine o seguinte: Você está sozinho na Terra; toda a humanidade desapareceu. O que você será? Inteligente ou tolo? Bonito ou feio? Um homem notável ou apenas um homem comum? O que você será? Sozinho na Terra — toda a humanidade desapareceu — você será apenas você mesmo. Não será capaz de dizer: “Eu sou isto ou aquilo.” Você não será alguém. Você será ninguém.

O verdadeiro *sannyas*, a verdadeira renúncia significa que você está totalmente sozinho, como se todo o universo, toda a humanidade tivesse desaparecido. Não há possibilidade de comparação. Nesse caso, quem é você? Ninguém. Esse estado de ser ninguém é poder — poder no mundo divino.

Jesus diz: “Aqueles que são os primeiros neste mundo, serão os últimos no reino de Deus, e aqueles que aqui são os últimos, serão os primeiros no reino de Deus.” Aquilo que neste mundo é poder, na jornada divina é ausência de poder, e aquilo que neste mundo é a ausência de poder, é poder na jornada divina.

Este sutra diz: **Deseje ardentemente o poder** — mas lembre-se do significado de “poder”. Significa uma ausência de poder. É um sentimento de ser ninguém, de nada, de vazio. E o poder pelo qual o discípulo ansiará é aquele que, aos olhos dos homens, o fará parecer nada.

Deseje fervorosamente a paz.

...A paz que você desejará é aquela paz sagrada que nada pode perturbar e na qual a alma floresce como o faz a flor sagrada nas lagoas calmas.

Deseje fervorosamente a paz. Ninguém deseja a paz. Você vive falando de paz e se iludindo dizendo que a deseja, mas

ninguém a deseja — porque quando a paz é desejada, ela acontece, e ela não aconteceu para você.

Ninguém deseja a paz. Mesmo que você diga que deseja a paz, você não a deseja, porque uma das leis supremas afirma: se você deseja a paz, ela acontece. Então, onde está o erro?

Muitas pessoas me procuram. Um estudante procurou-me — ele estava indo prestar seu exame final de mestrado. Perguntou-me: “Como posso manter-me em paz? Como posso manter-me calmo? Ajude-me. Desejo a paz. Ando tão inquieto, tão tenso.”.

Eu lhe perguntei: “Por que você deseja a paz?”.

Ele disse: “Desejo conseguir a melhor nota. O exame será em breve. Sempre obtive as melhores notas, mas este será meu último exame e eu desejo obter a melhor nota. Mas se minha mente está tão tensa, como vou consegui-la? Assim, ajude-me a ficar em paz.”.

Veja a contradição! E isso está acontecendo com todo o mundo. Eu disse ao jovem: “Se não houvesse nenhum exame, se você não sentisse nenhum desejo de tirar a melhor nota, se não tivesse nenhuma ambição de ser o melhor da classe, haveria alguma inquietação em seu interior? Sua paz seria perturbada?”.

Ele disse: “Não. Não haveria motivo. Não haveria nenhum problema. Eu estaria em paz. Mas agora, o exame está próximo e desejo obter a melhor nota. Assim, ajude-me a ficar em paz.”.

A ambição estava destruindo a sua paz. Ele permanecia preso à sua ambição e ao mesmo tempo desejava a paz. A paz não pode estar a serviço da ambição; é impossível, contraditório. A ambição não pode ser pacífica. A ganância de ser bem-sucedido não pode ser pacífica.

Se você desejar a paz, deseje-a por si mesma. Não faça dela um meio para obter algo mais. Ela não pode tornar-se um meio. Quando este sutra diz: **Deseje fervorosamente a paz** ele se refere à paz como um fim e não como um meio. Ninguém deseja os meios. Os fins é que são desejados e, por causa dos fins, os meios são desejados. Mas a paz não pode jamais ser um meio. Na existência,

tudo aquilo que é belo, verdadeiro, bom, profundo, não pode ser transformado num meio. É sempre o fim. Mas até mesmo Deus é desejado como um meio. Ninguém deseja Deus por si mesmo; desejamos Deus por algum outro propósito. Então, o desejo é falso.

É isso o que quero dizer quando afirmo que ninguém deseja verdadeiramente a paz, a não ser que a deseje por si mesma. Você pode alcançá-la facilmente se desejá-la como um fim. Deseje-a por si mesma e ela acontece, pois no verdadeiro desejo pela paz a ambição se extingue; no verdadeiro desejo pela paz, a ansiedade desaparece; no verdadeiro desejo pela paz, a angústia desaparece. Se você continuar a ser ambicioso — desejando o sucesso, desejando ser isto ou aquilo, ser alguém — então a paz não lhe acontecerá. Você continuará inquieto, dominado pela ansiedade, tenso. Continuará angustiado e nada do que fizer poderá lhe ser de alguma ajuda. Assim, esteja ciente disso. Se você quer a paz, deseje-a diretamente, como um fim. Nesse caso, o próprio desejo pela paz transformará você.

Na verdade, a paz é natural. Não se trata de algo que precise ser desejado. Você, você mesmo, a perturba. Ela já está presente. A paz é natural em você; ela é o seu próprio ser. Você a perturba devido à ambição, à ganância, à raiva, à violência. Ela já está presente, mas você a perturba.

Não a perturbe! Se você a deseja realmente, não a perturbe. E então, você começará a senti-la.

Para se alcançar a paz, é preciso remover tudo aquilo que a está obstruindo. Descubra por que você não está em paz. Por quê? Então, remova a causa. Se a ambição estiver perturbando a paz, livre-se da ambição e a paz acontecerá. A paz já está presente; você não precisa aspirá-la. Torne-se apenas consciente de como você a está perturbando, e não a perturbe; isso é tudo. E ela acontecerá. É por isso que eu digo que quando a paz é realmente desejada, ela acontece imediatamente. Não se precisa esperar nem mesmo um único instante.

Deseje, acima de tudo, posses.

Este sutra parece muito perigoso: *Deseje, acima de tudo, posses.* Posses? A própria palavra produzirá uma perturbação em sua mente, pois todos os grandes mestres ensinam: não deseje posses. Buda diz: “Seja não-possessivo.” Mahavir diz: “*Aparigraha*: nenhuma posse.” Jesus diz: “Abandone todas as riquezas, todas as posses”.

Jesus diz: “Até mesmo um camelo pode passar através do orifício de uma agulha, mas um homem rico não pode passar através da porta do reino de meu Deus.” E este sutra diz: *Deseje, acima de tudo, posses.* Mas o sutra é belo. Ele quer dizer a mesma coisa que Mahavir, Buda e Jesus estão dizendo, mas o diz de uma maneira muito contraditória.

Ele diz que todas aquelas coisas que você considera posses não são posses, porque você não pode possuí-las realmente. Você pode possuir as coisas? Pode possuir os outros? Pode possuir alguma coisa no mundo? Você pode apenas se iludir de que possui alguma coisa. Na verdade, você não pode possuir nada, pois a morte destruirá tudo.

Outra coisa: tudo o que você possui, seja o que for, torna-se o seu possuidor. O possuidor é possuído pelas suas posses. Você se torna um escravo; você não é o senhor. Assim, o que adianta dizer que você possui o mundo? Ninguém possui coisa alguma. Somente uma coisa pode ser possuída: o seu próprio eu. Nada mais pode ser possuído.

Você só pode tornar-se o senhor do seu próprio eu. Se tentar ser o senhor de qualquer outra coisa, será apenas um escravo. Você pode considerar esta escravidão como um “domínio”, pode rotulá-la de “domínio”, mas estará apenas se enganando. Mentiras são mentiras. O fato de se alterar o rótulo não muda nada.

Olhe para as suas posses. Você as possui? Se sua casa for destruída, você chorará, gritará, ficará furioso; mas se você morrer,

sua casa não chorará, Não ficará furiosa. Assim, quem era o verdadeiro proprietário? A casa possui você. Ela não está nem um pouco preocupada se você mora nela ou não. Na verdade, ela se sentirá muito melhor se você for embora. Será mais tranquilo. Ela não depende de você. Você está justamente perturbando a sua paz. Se você morrer, a casa se sentirá ótima. Assim, quem é o possuidor?

Nesse sentido, este sutra é significativo: somente o eu pode ser possuído, nada mais. E se você não pode possuir o seu eu, que mais você pretende possuir?

Assim, seja um senhor — o senhor do seu próprio eu — e não faça nenhum esforço para possuir coisa alguma. Não quero dizer que você deva abandonar todas as coisas. Essa não é a questão. Use todas as coisas, mas não pense em termos de posse. Use a casa, mas não seja o proprietário. Use a riqueza, mas não seja o dono dela. Use o mundo todo, mas não pense que você o possui. Você é apenas um viajante de passagem. Quando cansado, você descansa sob uma árvore. Mas você não possui a árvore. E se você não a possuir, sentirá uma profunda gratidão pela árvore. Ao anoitecer, quando estiver de partida, você a agradecerá. Sentir-se-á agradecido porque, quando estava cansado e a estrada estava quente, a árvore deu-lhe abrigo; a árvore estava fresca. Mas não procure possuir a árvore, pois assim, você não se sentirá agradecido.

Quando você possui, não sente gratidão. Não possua a sua esposa, não possua o seu marido. Quando estiver cansado, sua esposa lhe dará amor. Sinta-se grato.

E se você não possuir a sua esposa, não será possuído por ela. O relacionamento só acontece quando não há posse. Se há posse, há sempre conflito. Maridos e esposas estão sempre brigando; você não encontrará inimigos mais profundamente envolvidos. Eles são inimigos íntimos; vivem juntos apenas para brigar um com o outro. Todo o relacionamento fica envenenado porque o marido tenta possuir a esposa e a esposa tenta possuir o marido, mas ninguém pode possuir ninguém; a posse é impossível. Você pode apenas

possuir a si mesmo; somente isso é possível, tudo o mais é impossível. Mas quando se tenta possuir e fazer o impossível, tudo vai mal; o relacionamento fica envenenado. A vida torna-se uma miséria.

Deseje, acima de tudo, posses.

Mas essas posses devem pertencer somente à alma pura e, portanto, serem igualmente possuídas por todas as almas puras, sendo, dessa maneira, propriedade especial do todo, apenas quando unido. Deseje essas posses que podem ser possuídas pela alma pura, e você acumulará riqueza para aquele espírito unido de vida que é o seu único eu verdadeiro.

Capítulo 6

Em Busca do Caminho

Busque o caminho.

"... Pare e reflita um pouco. É o caminho que você deseja ou, há, em suas visões, uma vaga perspectiva de grandes alturas a serem escaladas por você mesmo, um grande futuro a ser alcançado? Cuidado. Saiba que o caminho deve ser buscado por causa dele mesmo e não como algo que seus pés trilharão."

Busque o caminho. O caminho não é conhecido. Ninguém pode ensinar-lhe o caminho; ele não lhe pode ser dado. O caminho não pode ser mostrado, não pode ser transmitido. Você precisa buscá-lo.

Pensamos, geralmente, que devemos buscar a meta, mas que o caminho já se encontra determinado. Há tantos caminhos que não há razão de se continuar a falar sobre eles; e todos levam à mesma meta. A meta é que precisa ser encontrada, a meta é que precisa ser alcançada, não o caminho. O caminho já está à mão. Na verdade, está totalmente à mão, pois existem muitíssimos caminhos.

Mas isso não é verdade, porque a meta e o caminho não são duas coisas. O próprio caminho torna-se a meta. O primeiro passo é também o último, pois o caminho e a meta não são duas coisas. O caminho, à medida que se avança através dele, transforma-se na meta. O mais importante é não pensar sobre a meta. O pensamento básico deve ser a respeito do caminho. Descubra o caminho: **Busque o caminho.**

Porém, nossas mentes encontram-se de tal modo condicionadas que pensamos ter recebido um caminho de nascença.

Uma pessoa é cristã, outra, hindu, e outra, maometana. Elas pensam que o caminho lhes foi dado pela sociedade, pela cultura, por sua educação. Não é verdade; o caminho não pode ser dado por ninguém. Nem a sociedade, nem a cultura, nem a educação podem lhe dar o caminho. Você precisará buscá-lo, pois através da busca você será transformado.

Um caminho que se tomou emprestado é um caminho morto. Através dele, você não conseguirá avançar; ele não o levará a lugar algum. Você pode acreditar nele, pode consolar-se nele, pode adiar sua jornada por causa dele — pois como você o conhece, poderá trilhá-lo qualquer dia —, mas quando você iniciar sua marcha, verá que o caminho que se toma emprestado, que é dado, não será de nenhuma ajuda.

Você precisará buscar o seu próprio caminho. É difícil buscá-lo; muitos erros são possíveis. Mas nada se obtém sem erros; portanto, seja suficientemente corajoso para errar. Você poderá enveredar por caminhos errados, mas é preferível andar por caminhos errados do que permanecer absolutamente parado, pois pelo menos você aprenderá a caminhar, aprenderá o que é um caminho errado. Isso também é bom, pois a exclusão será útil. Você andará por um caminho e descobrirá o que está errado. Andará por outro caminho e descobrirá o que está errado. Desse modo, sabendo o que está errado, você chegará a compreender o que está certo.

Portanto, não tenha medo de errar, de percorrer caminhos errados. Aqueles que têm muito medo de cometer erros e de percorrer caminhos errados ficam paralisados. Permanecem onde estão; jamais se movem.

Seja corajoso e busque o seu caminho. Jamais imite o caminho de alguém. A imitação não o levará à liberdade. Não se trata de seguir um caminho ou outro; trata-se de buscar. Seja um buscador e não um seguidor. E conheça bem a diferença.

Um seguidor é um imitador. Um buscador também segue, mas não é um imitador. Um buscador também segue, mas segue a

fim de buscar, de descobrir. Ele permanece atento, permanece consciente. Um seguidor torna-se cego, torna-se dependente — espiritualmente, um escravo. Joga sua responsabilidade sobre os ombros de um outro e aí se pendura. Um buscador é responsável por si mesmo. Está atento, é responsável — descobrindo algo novo a cada dia, experimentando algo novo a cada dia. Ele é destemido, vulnerável, aberto a qualquer luz nova, pronto a ser mover em qualquer dimensão que se apresente à sua visão. Se sente que o caminho no qual se move está errado, não dirá: “Mas investi tanto neste caminho. Agora não posso mudar.” Ele abandonará o caminho, abandonará tudo que investiu nele, retornará para onde estava antes, e começará a aprender novamente o ABC.

Um buscador está sempre pronto a mudar, mas um seguidor é teimoso, inflexível. Diante da luz, preferirá cerrar os olhos em vez de vê-la, pois ele investiu muito.

Um monge jaina me procurou. Disse que fora um monge jaina durante trinta anos. “Hoje eu sei que escolhi um caminho que não me serve, mas agora não posso abandoná-lo porque, se o abandonar, o que farei? Não tenho instrução. Fui iniciado no mosteiro quando ainda era uma criança. Estes trinta anos de vida monástica tornaram-me totalmente dependente dos outros. Não posso fazer nada; não posso fazer nenhum trabalho físico. Eu sou tão respeitado! Até mesmo pessoas importantes vêm até mim e curvam suas cabeças. Se eu deixar de ser monge — e sei agora que isso não me serve — essas mesmas pessoas que hoje tocam os meus pés, não me empregarão nem mesmo como criado. Assim, o que posso fazer?”

Há muito investimento. Todo o prestígio, respeito, honra, estão agora em jogo. Então eu lhe disse: “Se você é realmente um buscador, jogue tudo isso fora. Seja um mendigo ou um louco, mas não seja falso. Se você sabe que esse caminho não lhe serve, então abandone tudo aquilo que obteve através dele. Não seja falso, não seja inautêntico”.

Ele disse: “Pensarei a respeito. Mas acho difícil.”.

Há três anos ele vem pensando a respeito. Não me procurou mais. Não me procurará. Ele é um seguidor, não um buscador. Um buscador abandona tudo no instante em que percebe que algo não lhe serve. Não há hesitação.

Este sutra diz: *Busque o caminho*. Seja um buscador, não um crente.

Busque o caminho retirando-se para dentro.

E sempre que você se deparar com alguma coisa que o atrai, algo que seja atraente à sua razão, à sua lógica, à sua mente — que pareça racional, pareça ser verdadeiro — lembre-se: não é suficiente. Pode parecer verdadeiro à sua razão, mas isso não significa que seja verdadeiro. A não ser que você o experimente, que você experimente algo através dele, nada foi descoberto. Através da lógica, não se descobre nada. A lógica é um instrumento útil, mas não a considere o critério supremo. O critério supremo encontra-se sempre em seu íntimo. Experimente e sinta. E, a menos que você experimente alguma coisa, não acredita que a encontrou, que o caminho lhe foi revelado. Somente através da experiência é que as teorias se transformam em verdade.

Busque o caminho retirando-se para dentro. Sempre que você descobrir uma técnica, um caminho, recolha-se, vá para dentro de si. Experimente-o aí: em sua subjetividade, em seu coração. Experimente-o. Não fique apenas refletindo sobre o que é meditação. Medite! Somente assim você poderá saber o que é a meditação. Uma técnica pode não lhe servir. Abandone-a e tente outra. Há centenas de técnicas de meditação. Uma delas certamente lhe servirá. A humanidade vem se esforçando por sua libertação há milhares de anos e todos os tipos de homem alcançaram a libertação. Todos os tipos de homens alcançaram a libertação. Todos os tipos de técnica foram encontradas. Você não é novo; já esteve

aqui antes. Muitos iguais a você já estiveram aqui antes e trilharam o caminho. Muitas técnicas foram descobertas.

Tente. Mas seja autêntico; quando tentar, tente seriamente. E tente com toda a sua energia. Se uma técnica não lhe trouxer resultado, abandone-a e comece outra.

Antigamente, quando um discípulo procurava um mestre, a primeira coisa que o mestre tentava observar era se o discípulo lhe convinha ou se ele convinha ao discípulo. Se o mestre achasse que o discípulo não devia ficar com ele, se sentisse que o discípulo poderia ser mais bem auxiliado por algum outro mestre — mesmo se esse outro lhe fosse contrário — ele dizia ao discípulo: “Procure aquele mestre!”.

O discípulo poderia dizer: “Mas ouvi contar que ele é contra você; diz que tudo o que você está fazendo é errado”.

O mestre diria: “Não se incomode com o que ele diz. Ele lhe será conveniente, o caminho dele convirá a você. Procure-o. Tente com ele”.

Continue tentando diferentes técnicas, mas faça isso de todo o coração. Caso contrário, você poderá desistir de uma técnica que lhe serviria. Assim, tente de todo o coração. Se algo acontecer, ótimo. Entre nisso, entre profundamente. Porém, se você se dedicar totalmente a ela, com toda a sua energia, e nada acontecer, então, abandone essa técnica; ela não lhe serve. Mas não a abandone antes de tentá-la — antes de entregar-se totalmente a ela. *Busque o caminho retirando-se para dentro.*

Busque o caminho avançando corajosamente para fora.

Mesmo que você experimente uma técnica e sinta alguma coisa em seu interior, há toda a possibilidade de se tratar apenas de uma ilusão. Talvez não passe de uma projeção da mente, ou seja apenas um sonho, um desejo de realização. Não pense que você encontrou o caminho. Seja o que for que você tenha alcançado

interiormente, transforme-o agora em seu caráter, viva-o. Você já teve a experiência. Agora viva-a, transforme-a em sua própria vida. Se sentir que a tranqüilidade lhe aconteceu através dessa experiência, permita que ela se mova, permita que as ondulações da tranqüilidade ao redor de você movam-se para além de você. Deixe que a sua tranqüilidade alcance os outros. Deixe que os sonhos também sintam que você se tornou aquilo.

Se você continuar exteriormente irado, mas disser: “Sou um grande meditador” — estará apenas iludindo a si mesmo. Não se iluda, não se engane, porque você será o único perdedor, ninguém mais. Tudo o que acontecer dentro de você — se você achar que sentiu a luz interior... Qual o critério para saber se é ilusão ou realidade? O critério é que a sua vida exterior mudará em conformidade com a interior.

Se você realmente experimentou a luz interior, o sexo desaparecerá. O amor lhe acontecerá, mas o sexo desaparecerá; a sexualidade desaparecerá. O amor, uma personalidade muito amorosa, a substituirá. Não haverá mais desejo sexual. Se o desejo sexual permanece, você não experimentou a luz interior. Nesse caso, a luz interior nada mais é que uma projeção da mente.

E assim por diante. Seja o que for que você tenha experimentado interiormente, isso precisa ser exteriorizado. É preciso que isso se mostre em sua vida, pois esse é o verdadeiro teste, o verdadeiro critério. Se você alcançou uma profunda tranqüilidade, o ódio desaparecerá. Se ele permanece, se não se transformou totalmente em amor, então você não sentiu a tranqüilidade interior. Se há ódio, a tranqüilidade interior é impossível. Você deve ter sentido algo cultivado, deve ter cultivado uma tranqüilidade...

Se você continuar repetindo um mantra, criará uma tranqüilidade que é cultivada, falsa, mas sua vida exterior permanecerá a mesma. Se o interior muda, o exterior também muda, mas o contrário não é verdadeiro. Você pode mudar o

exterior e não há necessidade de que o interior mude. Esse é o significado da hipocrisia. Você pode mudar o exterior — pode ser muito amoroso exteriormente — e continuar cheio de ódio em seu interior. Você muda o exterior, cria uma máscara falsa, uma fachada.

Pode-se observar isso por toda parte, especialmente neste país onde tanta religião tem sido ensinada. O único resultado final é este: uma sociedade hipócrita. Máscaras, e não rostos verdadeiros. Olhe para qualquer rosto e descobrirá que não é verdadeiro. Alguma outra coisa se oculta por trás dele, alguma coisa inteiramente diversa.

Você pode mudar o exterior e não há necessidade de que o interior mude. Porém, se o interior muda, a mudança exterior é inevitável. Quando o interior muda, o exterior muda automaticamente. Se ele não está mudando, então sua mudança interna não passa de uma ilusão.

Estes três sutras são muito significativos:

Busque o caminho

Busque o caminho retirando-se para dentro.

Busque o caminho avançando corajosamente para fora.

Capítulo 7

Fragmentos Sem Coerência

...Toda a natureza humana precisa ser usada sabiamente por aquele que deseja ingressar no caminho. Cada homem é absolutamente por si mesmo, o caminho, a verdade e a luz. ...Busque-a pelo estudo das leis da existência, das leis da natureza, das leis do sobrenatural: e busque-a através da profunda reverência da alma à pequena estrela que ilumina o interior. À medida que você observar e venerar essa luz, com serenidade e firmeza, ficará mais forte. Então você saberá que encontrou o início do caminho. E quando encontrar o fim, sua luz se transformará, repentinamente, na luz infinita.

"... Não se apavore nem se aterrorize diante da escuridão interior; mantenha seus olhos fixos na pequena luz e ela crescerá. Mas permita que essa escuridão o ajude a compreender o desamparo dos que não vêem a luz, cujas almas se encontram em profunda depressão."

Toda a natureza humana precisa ser usada sabiamente por aquele que deseja ingressar no caminho.

Isso é muito significativo. Você todo precisa ser usado. Qualquer fragmento que for usado criará um problema, qualquer fragmento que *não* for usado criará um problema.

Você pode rejeitar alguma coisa em seu interior, mas, nesse caso, nunca será um homem total. Você pode rejeitar a raiva, por exemplo; ou o sexo, por exemplo. Muitos mestres, muitas religiões, ensinam que se deve rejeitar o sexo. Dizem que o sexo é o inimigo:

“Rejeite-o!” Você pode rejeitá-lo, mas estará rejeitando uma parte bastante significativa do seu ser. E se você a rejeita, como ela poderá ser transformada? Assim, você sempre será um homem pela metade. Seja o que for que você se torne, você nunca será total. E, não sendo total, você nunca poderá ser livre. A parte rejeitada se vingará. A parte reprimida continuará borbulhando em seu interior, tentando encontrar uma saída, e você estará sempre inquieto.

A sabedoria dos antigos diz: “Use toda a sua energia. Crie uma harmonia em seu interior.” Cada energia pode ser tanto destrutiva como criativa. Não há nada que seja mau em si mesmo. Cada coisa pode ser usada de tal modo que até mesmo o veneno pode tornar-se um remédio. A sabedoria nunca rejeitará coisa alguma. Ela usará tudo de um modo criativo. Usará a sua raiva, o seu sexo, o seu ódio.

Como você pode usá-los? Como você pode usar o seu sexo? Ele parece ser o seu inimigo mortal. Como você pode usá-lo?

Três coisas significativas devem ser lembradas. Em primeiro lugar, por que essa ânsia pelo sexo? Por que o desejamos ardentemente? O que ganhamos através dele? Observe-o. Em breve, à medida que a observação se aprofundar, o sexo se dissolverá.

Qual é o verdadeiro significado disso tudo? Por que você deseja tanto o sexo? Porque ele lhe proporciona um momento de profunda meditação. Ele é um processo natural de meditação. No sexo, seus pensamentos cessam, sua mente se dissolve; por um instante, você não se encontra mais na mente. Você está ali, sem a mente. Essa ausência de mente lhe proporciona um vislumbre da bem-aventurança.

Observe o sexo; não o rejeite. Conheça-o. Entre nele com plena consciência e procure descobrir o que ele é, em sua essência. Você chegará até essa essência: o sexo lhe proporciona uma espécie de instante de meditação natural. Você fica sem pensamentos, e isso lhe traz bem-aventurança. A partir do momento em que você descobrir essa essência, poderá entrar nesse estado sem

pensamentos, sem precisar do sexo. Essa essência, esse centro profundo, poderá ser alcançado sem a necessidade de sexo. Então, aos poucos, o sexo desaparecerá. A partir desse momento, a mesma energia se moverá para a meditação, a mesma energia se tornará espiritual.

Toda energia precisa ser usada sabiamente. Nada deve ser rejeitado. Essa é uma das coisas fundamentais que ensino: nada deve ser rejeitado, nada, seja o que for. Você tem de ingressar na espiritualidade com o seu ser total. Nós transformaremos as suas energias, transformaremos a sua disposição. Faremos novas disposições, novas harmonias. Novas sintonias serão criadas, mas nada será rejeitado.

Neste exato momento, você é um quebra-cabeça: fragmentos sem nenhuma coerência, sem nenhuma unidade interior. E cada fragmento está lutando com um outro. Você é uma multidão; muitas notas musicais, mas nenhuma melodia. Essas notas podem ser dispostas numa melodia. E a menos que você faça isso, permanecerá na miséria.

Este sutra diz:

Toda a natureza humana precisa ser usada sabiamente por aquele que deseja ingressar no caminho.

Se você quer realmente ingressar no caminho que conduz ao supremo, tem que usar toda a sua energia. Nada pode ser reprimido ou rejeitado. Cada coisa precisa ser aceita com profunda gratidão.

Capítulo 8

A Quietude que Sucede à Tormenta

Espere a flor florescer na quietude que sucede à tormenta: não se adiante.

Uma das leis mais fundamentais da vida precisa ser entendida.

A vida baseia-se na polaridade; cada coisa existe com o seu pólo oposto. De outro modo, não é possível. A mente existe devido à matéria; a mente é o pólo oposto. A consciência existe devido à inconsciência, o dia existe devido à noite, a vida existe devido à morte, a felicidade existe devido à infelicidade, e assim por diante. Cada coisa existe devido ao seu pólo oposto. Você não pode experimentar a felicidade a não ser que tenha experimentado profundamente a infelicidade, e não pode alcançar o êxtase supremo se não tiver passado pela agonia suprema. Esse é o significado do mundo, o sentido de todo esse sofrimento. Ele não é sem sentido.

As pessoas que procuram e me perguntam por que Deus criou este mundo de sofrimento. “Por que há tanto sofrimento se Deus é compaixão?” Sim, Deus é compaixão. *Por esse motivo* há tanto sofrimento. A menos que você passe através do sofrimento, não alcançará o êxtase supremo. O sofrimento é o aprendizado básico. A infelicidade é o aprendizado básico para o florescimento supremo da felicidade.

Como você pode alcançar o êxtase se não conhece a agonia? Se você alcançar o mundo do êxtase sem saber o que é a agonia, não será capaz de reconhecê-lo. O reconhecimento é impossível. Somente através da escuridão se pode reconhecer a luz. Você pode

estar vivendo na luz, mas, se não conhece a escuridão, não pode saber que está vivendo na luz. Um peixe do mar não pode saber que o mar existe. Somente se o peixe for lançado fora do mar é que poderá reconhecê-lo. Se for jogado outra vez para dentro do mar, esse peixe será totalmente diferente e o mar também será totalmente diferente. A partir de então o peixe será capaz de reconhecê-lo. *Sansar*, o mundo, é apenas um local de aprendizado. Você precisa entrar profundamente na matéria. Só assim poderá retornar ao outro pólo, ao pico da consciência.

Este sutra diz:

Espere a flor florescer no silêncio que sucede à tormenta; não se adiante.

O silêncio real, autêntico, ocorre somente depois de você ter passado pela tormenta. Apenas quando cessa a tormenta é que o silêncio pode explodir dentro de você; nunca antes. Você pode criar uma quietude falsa, antes da tormenta; mas nesse caso estará apenas se iludindo. Você pode criar uma quietude — artificial, cultivada, imposta a partir do exterior — mas ela não será espontânea, não pertencerá ao seu ser interior.

Há muitos artifícios para se aquietar a mente. Você pode usar um mantra. Pode sentar-se calado na postura de Buda e ficar repetindo *aum*, *aum*, *aum*. Se continuar repetindo esse mantra uma, duas, três, muitas vezes, acabará entediado. Esse tédio terá o aspecto de uma quietude. Quando você se entediar, o mantra cessará. Uma espécie de sono interno surgirá. Hipnose — uma espécie de sono. Você se sentirá bem, mas esse sono não é *dhyana*, esse sono não é silêncio. Esse sono é simplesmente negativo. Você se torna entorpecido em virtude da repetição. Toda repetição cria entorpecimento. Você se torna simplesmente entorpecido. Através do entorpecimento você não pode experimentar a miséria, não pode

experimentar o sofrimento. O entorpecimento é um anestésico. Ele torna você inconsciente.

Isso é negativo. Sem dúvida, você ficará menos tenso, mas não estará mais vivo. A quietude autêntica surge somente depois da tormenta.

Não force a tormenta a desaparecer. Antes, viva-a; permita que ela aconteça. Traga-a para fora, expulse-a. Permita que a tormenta o abandone, deixe que ela se dissipe. Não a reprima. Reprimida, ela permanecerá em você. Reprimida no inconsciente, ela persistirá; aguardará o momento certo para explodir. Você sempre receará sua explosão, precisará combatê-la continuamente. E você nunca sairá vitorioso, pois aquilo que é reprimido precisa ser combatido repetidas vezes, precisa ser reprimido muitas vezes. Sua quietude estará assentada sobre um vulcão e, a qualquer momento, o vulcão poderá entrar em erupção.

Então você sempre temerá a vida, porque a vida pode criar situações nas quais o vulcão poderá entrar em erupção. Você negará a vida, tentará fugir dela. Desejará ir para Himalaia, pois ali não haverá ninguém que lhe forneça uma oportunidade para que seu vulcão entre em erupção. Mas o vulcão ainda estará aí e o Himalaia não poderá ajudar, a menos que o vulcão seja expulso.

E é bom expulsá-lo. Você está perdendo uma experiência básica, a de expulsar completamente o vulcão, de liberar totalmente a loucura, de trazer para fora tudo o que se encontra ali: a tormenta interior. Deixe-a sair e não resista, não reprima. Deixe-a sair totalmente. Então chegará o momento em que a tormenta passará.

Nesse momento, a quietude real acontece em você. Real no sentido de que, agora, não é cultivada; é espontânea. O rio está fluindo. Não se trata de algo que você criou; não é algo que está acontecendo devido ao seu esforço. Pelo contrário, você não está aí. Apenas a quietude está. E essa quietude é destemida. Nada pode perturbá-la, porque aquilo que poderia ser distúrbio foi expulso. A tormenta se dissipou.

Por isso é que insisto, e insisto bastante para que você expulse a sua loucura. Dentro, ela é perigosa. Expulse-a e ela desaparece. Seu coração torna-se vazio; um certo espaço é criado. Somente nesse espaço a quietude pode acontecer. Então você tem um lugar para ela, está pronta para ela, aberto para ela.

Espere a flor desabrochar na quietude que sucede à tormenta: não se adiante.

O que é a flor? O florescimento do seu ser só ocorrerá quando a quietude real acontecer em você; nunca antes. Você não pode forçar a flor a se abrir. Ela se abre por si mesma. Você não pode forçar o seu ser a se abrir; isso é impossível. Você não pode violentá-lo, não pode ser violento com ele. Ele será simplesmente destruído.

A flor se abre por si mesma. O único solo necessário é a quietude autêntica, real e espontânea. A partir de uma quietude cultivada, a flor nunca se abrirá. Com uma quietude cultivada, você simplesmente se tornará entorpecido. Seu ser ficará menos vivo, apenas isso. Com menos vida, você estará menos inquieto. Isso parece bem, mas lembre-se de que a inquietude é um aprendizado. Você não deve tentar ter menos inquietações. Fique com as suas inquietações e mova-se através delas. Não as abandona, não fuja delas. Chegará um momento em que você terá ido além delas, mas só se atinge esse momento passando-se através delas. Passe através da tormenta e permita que surja uma verdadeira quietude. Só então seu ser florescerá, nunca antes.

Ela se desenvolverá, crescerá rapidamente, produzirá ramos e folhas, e formará botões, enquanto a tormenta continua, enquanto a batalha prossegue. Porém, até que toda a personalidade do homem seja dissolvida e desfeita... até que toda a natureza se renda e se submeta ao seu superior, a flor não poderá desabrochar.

Não pense que a tormenta é sua inimiga. Ela não é. Essa tormenta é a sua maior amiga, pois sem ela não haverá quietude, sem ela não haverá florescimento, sem ela não haverá liberação. Assim, nunca pense em termos de inimizade. Não há nada que seja seu inimigo; a existência inteira é amiga. Até mesmo aquilo que parece estar contra você — até mesmo isso não é seu inimigo. Jesus diz: “Ame o seu inimigo.” O verdadeiro inimigo que você precisa amar não é o seu vizinho ou o inimigo do seu país. Eles não são seus verdadeiros inimigos. Seus verdadeiros inimigos são a tormenta, o mundo, o mal. A sexualidade, a raiva, a paixão, o ódio — estes são os seus verdadeiros inimigos.

Jesus diz: “Ama a teus inimigos como a ti mesmo.” Por quê? O cristianismo nunca pôde entender isso. O ensinamento de Jesus foi completamente perdido. Tudo o que existe sob o nome de cristianismo não pertence de modo algum a Jesus Cristo. Pertence a São Paulo. Ele é o verdadeiro fundador do cristianismo que existe na Terra.

Jesus é muito esotérico. Quando diz: “Ama a teus inimigos como a ti mesmo”, quer dizer: através do pólo oposto, através do inimigo, alcança-se o amigo supremo. Viva o inimigo em sua totalidade para que possa transcendê-lo. Qualquer experiência total torna-se transcendental. **Qualquer** experiência, eu disse. Viva com a sua totalidade e terá ido além dela. Ela nunca ficará presa a você; você terá ido acima dela. Terá passado através dela, terá aprendido tudo a seu respeito. Esse conhecimento é revolucionário. Cria uma mutação; transforma você.

Enquanto a tormenta continua... Não pense que a tormenta é sua inimiga, pois enquanto ela prossegue embaixo da terra, oculta na escuridão, a flor se desenvolverá.

...crescerá rapidamente, produzirá ramos e folhas, e formará botões, enquanto a tormenta continua, enquanto a batalha

prossegue. Porém, até que toda a personalidade do homem seja dissolvida e desfeita... até que toda a natureza se renda e se submeta ao seu superior, a flor não poderá desabrochar.

Quando a tormenta cessar, a flor desabrochará. Mas ela já estava se preparando durante a tormenta. Através da tormenta, ela estava se preparando para desabrochar. Estava acumulando energia, vida, vitalidade. Estava se aprontando para explodir. A tormenta é o solo. Sem ela, a flor não pode desabrochar.

Então virá uma calma semelhante àquela que, num país tropical, sucede à chuva intensa. ...E na profunda quietude ocorrerá o evento misterioso que revelará que o caminho foi encontrado.

Somente passando pela tormenta é que você poderá alcançar uma calma em seu interior, **semelhante àquela que, num país tropical, sucede à chuva intensa.** Lembre-se disso profundamente, pois lhe será de grande ajuda.

Com cada sofrimento, você está criando a possibilidade de algum êxtase. Após cada sofrimento, o êxtase se seguirá imediatamente. Mas se você estiver muito preso ao sofrimento, poderá perder o êxtase. Se você estiver doente, um momento de saúde, um momento de bem-estar virá a você após essa doença. Mas você pode estar tão preocupado com a doença que, quando o momento vier, poderá perdê-lo — estará muito envolvido com a doença que não existe mais. O momento é instantâneo; você pode perdê-lo facilmente. Após cada dor, o momento vem e visita você.

Após cada sofrimento, o êxtase vem bater à sua porta; mas você continua perdendo-o porque o passado é muito intenso. A doença já passou, mas você continua doente. Ela permanece na

memória, cobrindo sua mente de névoas, e você perde esse momento fugaz.

Lembre-se disto: sempre que você estiver deprimido, espere pelo momento em que a depressão for embora. Nada permanece eternamente; a depressão irá embora. E quando ela o deixar, espere — fique atento e alerta — porque após a depressão, após a noite, virá a aurora e o Sol nascerá. Se você puder estar alerta nesse momento, ficará feliz por ter estado deprimido. Ficarão grato por ter estado deprimido, porque somente por intermédio dessa depressão é que esse momento de felicidade tornou-se possível.

Mas o que é que fazemos? Movemo-nos numa regressão infinita. Ficamos deprimidos. Então, ficamos deprimidos por causa da depressão; segue-se uma segunda depressão. Se você está deprimido, ótimo. Não há nada de errado nisso. É bom, pois através da depressão você aprenderá e amadurecerá. Mas você se sente mal. “Por que estou deprimido? Não quero ficar deprimido.” Então começa a lutar com a depressão. A primeira depressão é boa, mas a segunda depressão é irreal. E essa depressão irreal cobrirá sua mente de névoas. Você perderá o momento que se seguiria à depressão real.

Quando estiver deprimido, continue deprimido. Simplesmente, continue deprimido. Não fique deprimido por causa da sua depressão. Não lute, não procure se desviar, não force a depressão a ir embora. Apenas permita que ela aconteça; ela irá embora por si mesma. A vida é um fluxo; nada permanece o mesmo. Você não é requisitado; o rio move-se por si mesmo, não precisa que você o empurre. Se está tentando empurrá-lo, você está sendo tolo. O rio flui por si mesmo. Deixe-o fluir.

Quando a depressão se manifesta, permita que ela se manifeste. Não fique deprimido por causa dela. Se você quiser afastá-la cedo demais, ficará deprimido. Se lutar com ela, você criará uma depressão secundária que é perigosa. A primeira depressão é boa, uma dádiva divina. A segunda depressão é criação sua. Não é

uma dádiva divina; não é mental. Então você entrará em esquemas mentais, e eles são infinitos.

Se você ficar deprimido, fique feliz por estar deprimido e permita que a depressão se manifeste. Então, de repente, a depressão desaparecerá e surgirá um espaço, uma brecha. Não haverá nuvens e o céu estará claro. Por um único momento, o céu se abrirá para você. Se você não estiver deprimido por causa de sua depressão, poderá entrar em contato, estar em comunhão, atravessar o portão celeste. E quando o conhecer, terá aprendido uma das leis supremas da vida: que a vida usa o oposto como um professor, como uma base ou trampolim.

Nada é errado; tudo acontece para o bem. É a isso que eu chamo de uma atitude religiosa. Você pode não acreditar em Deus — isso não faz nenhuma diferença. Buda nunca acreditou em Deus, Mahavir nunca acreditou em Deus, mas eles eram religiosos. Não há necessidade de se acreditar numa vida após a morte, nenhuma necessidade. Ainda assim você pode ser religioso. Não há nem mesmo necessidade de se acreditar na alma. Você pode ser religioso sem acreditar nela.

Então o que é religião? Religião significa essa confiança de que tudo acontece para o bem. Essa confiança de que tudo acontece para o bem constitui a mente religiosa; isso é religiosidade.

E se você confiar que tudo acontece para o bem, conseguirá compreender o divino. O divino pode ser compreendido através dessa confiança. Até mesmo a tormenta existe em benefício do silêncio. O mal existe em benefício do bem; a morte existe em benefício da vida; o sofrimento e a agonia são apenas situações nas quais o êxtase pode acontecer.

Olhe a vida deste modo, e não estará distante o momento em que o sofrimento desaparecerá completamente, em que a dor desaparecerá completamente, em que a morte desaparecerá completamente. Aquele que sabe que a agonia existe em benefício do êxtase não ficará agoniado. Aquele que sabe, sente e compreende

que o sofrimento existe em benefício da felicidade, jamais sofrerá. É impossível. Ele usa o próprio sofrimento para ser mais feliz, usa a própria agonia como um degrau para o êxtase. Vai além do domínio do mundo, salta para fora da roda de *sansar*.

“O desabrochar da flor é o momento glorioso no qual a percepção desperta: com ele surge a confiança, o conhecimento, a certeza.”

“... Quando o discípulo está pronto para aprender, então ele é aceito, admitido, reconhecido. Não pode ser de outro modo, pois ele acendeu seu luzeiro e este não pode ser oculto.”

Estes escritos constituem as primeiras regras que estão escritas nas paredes do Saguão do Saber. Aqueles que procurarem, encontrarão. Aqueles que desejarem ler, lerão. Aqueles que desejarem aprender, aprenderão.

QUE A PAZ ESTEJA CONVOSCO.

Há mais duas coisas que devem ser entendidas: *“O desabrochar da flor é o momento glorioso no qual a percepção desperta: com ele surge a confiança, o conhecimento, a certeza.”* A menos que você experimente, não pode ter certeza. A menos que você experimente, não conheceu ainda. A menos que você experimente, não pode haver fé. Antes que você experimente, toda crença é falsa, toda certeza é apenas fachada, todo conhecimento é apenas informação e nada mais. Lembre-se: antes de experimentar alguma coisa por si mesmo, não esteja tão seguro dela, pois certeza em demasia é apenas um truque da mente para ocultar a incerteza interior. Antes de vivenciar alguma coisa por si mesmo, não diga que a conhece, porque seu conhecimento é apenas um truque para ocultar sua ignorância.

Você pode ter lido o Gita, pode ter lido o Alcorão, pode ter lido a Bíblia. Então você sabe “a respeito de”, mas não sabe. Pode saber muito a respeito de Deus, mas isso não significa nada, a

menos que você *conheça* Deus. Saber “a respeito de” não é conhecimento. Você pode saber o que Jesus disse, mas isso é emprestado, secundário, inútil. Você pode repetir o que Krishna disse, mas isso é apenas mecânico. Você pode memorizá-lo, pode sabê-lo de cor, mas nunca estará em seu coração; permanecerá na memória. A memória é mecânica; não é conhecimento. O conhecimento surge somente através de sua própria experiência. Insista em sua própria experiência. Se você insistir, conseguirá.

Aqueles que procurarem, encontrarão. Mas você nunca procura; contenta-se com um conhecimento emprestado. Nunca diz: “Preciso conhecer por mim mesmo.” Se você procurar, a existência estará pronta para lhe dar; mas você se contenta com livros, com escrituras, com informação de empréstimo. Nunca procura o verdadeiro conhecimento.

Procure o real. E o real significa a *sua* experiência, a sua própria experiência. Os Budas não são de nenhuma ajuda. Podem apenas mostrar o caminho, mas você precisa andar com seus próprios pés. Insista em conhecer por si mesmo, em sua própria experiência. Não se contente antes disso.

Aqueles que desejarem ler, lerão. Se você insistir muito em ler as leis supremas, elas se revelarão a você. A Bíblia verdadeira não se encontra na Bíblia, o Alcorão verdadeiro não se encontra no Alcorão, o Gita verdadeiro não se encontra no Gita. A Bíblia verdadeira, ou o Alcorão, ou o Gita, estão escritos na existência, na própria vida. Se você não acreditar nas escrituras, as escrituras verdadeiras se revelarão a você.

Insista, “**Quero ler a existência**” e a ocasião lhe será dada. Mas se você não insistir, se contentar-se em carregar um livro morto, então a existência não se imporá. A existência é absolutamente não-violenta; ela não se impõe a você. Você pode

continuar com suas escrituras e, se está feliz, ótimo. Mas você está vivendo num mundo falso, está vivendo no mundo das palavras. Abra o livro da existência. Jogue fora todas as escrituras para que a escritura verdadeira possa ser encontrada.

Aqueles que desejarem aprender, aprenderão. Aprender é difícil porque aprender significa render-se, aprender significa entregar-se, aprender significa tornar-se semelhante a um útero, tornar-se feminino, permitindo que a existência entre em você. Porém, **aqueles que desejarem aprender, aprenderão.**

Nós também desejamos, mas não aprender. Desejamos coletar mais informações. Isso não é aprender.

Muitas pessoas me procuram e dizem: “Vamos aos campos de meditação porque aqui conhecemos muitas coisas novas.” Elas coletam informação, coletam algumas palavras e então partem felizes. São estúpidas. E sua felicidade é suicida, porque tudo o que digo não será de nenhuma utilidade se você não o vivenciar.

Você pode carregar minhas palavras. Mas estará carregando um peso morto. Ele o oprimirá; você não será livre. Minhas palavras não podem libertá-lo. Ao contrário: podem aprisioná-lo, podem tornar-se grilhões para você. Teria sido melhor se você não tivesse vindo. Tudo o que digo, seja o que for, não é para ser lembrado. É para ser vivido. E se você o vive, torna-se seu. Então essas palavras não me pertencem mais. Agora, aquela experiência tornou-se a sua própria experiência. Agora, você conhece alguma coisa através de seus próprios olhos, sente alguma coisa através de seu coração. Isto é conhecimento. E isso proporciona certeza e fé.

Que a paz esteja convosco — pois somente na paz o divino torna-se possível.

Capítulo 9

Você Tem Colhido

A busca espiritual começa como uma procura da felicidade eterna, como uma procura da libertação eterna, como uma procura da luz divina e da vida divina. Mas o centro é sempre você. No início, trata-se de uma busca egocêntrica. Seja o que for que você esteja buscando, está buscando para si mesmo.

Esse egocentrismo se revelará, finalmente, uma barreira, pois você não poderá estar em êxtase total se for egocêntrico. Esse egocentrismo é um forte obstáculo, mas no início tem que ser assim. É natural que se deva iniciar buscando algo para si mesmo. Não há outro jeito. Você não pode começar buscando para outra pessoa.

No início, a busca precisa ser egocêntrica, mas não deve ser assim no fim. No início, está bem. No fim, é perigoso. Chega o momento em que seu egocentrismo precisa acabar. Só então seu ser florescerá em total bem-aventurança.

É exatamente assim: você respira para dentro, inspira. Isso é uma respiração pela metade. Você também precisa expirar. Essa é a outra metade. E as duas respirações — inspiração e expiração — fazem um círculo, uma respiração completa. Se você pensar apenas em inspirar e não achar necessário expirar — “Para que serve?” — você morrerá. A inspiração, que é necessária à vida, tornar-se-á perigosa à vida se não houver a expiração. O ar precisa ser expelido.

A mesma coisa acontece quando você começa a viver momentos de bem-aventurança, quando começa a viver momentos de êxtase, quando o eterno começa a se derramar em você. A primeira coisa é inalar — você inalará bem-aventurança — mas, a seguir, exale-a. De outro modo, você morrerá de sua própria bem-

aventurança. Essa bem-aventurança tornar-se-á venenosa. Exale-a, distribua-a, dê-a aos outros.

Quando você sentir que está repleto de bem-aventurança, expresse-a. Compartilhe-a; não tente conservá-la em seu interior. Não a restrinja, não a torne alguma coisa só sua. Não tente possuí-la; compartilhe-a com todos. Celebre-a, realmente, de tal modo que toda a existência possa compartilhá-la. Uma flor desabrocha e o perfume se espalha. Os ventos a levam para longe, para bem longe, para os mais longínquos recantos da Terra. Permita que o seu perfume, a sua bem-aventurança, seja levada para longe, seja compartilhada, seja compartilhada por toda a existência.

Por quê? Porque então a bem-aventurança torna-se total: inspiração e expiração. Torna-se um círculo. E quanto mais você a distribui, mais obtém. Quanto mais a joga para fora, mais a encontra, porque agora você está em contato com a fonte inesgotável.

Não seja avarento. De outro modo, destruirá todo o processo. No início, se você é egocêntrico, está bem; mas quando a bem-aventurança começa a se manifestar, é perigoso. Este sutra diz respeito à exalação:

De dentro do silêncio, que é paz, uma voz ressonante se levantará. E essa voz dirá: Não está certo; tu tens colhido, agora debes semear. E sabendo que essa voz é o próprio silêncio, obedecerás.

Você tem colhido. Tem colhido bem-aventurança, tem colhido êxtase. Agora, semeie-o para os outros. No mundo, você primeiro semeia e depois colhe. Na dimensão espiritual, tudo é exatamente ao contrário. Primeiro você colhe e depois semeia.

Você tem colhido aquilo que Buda semeou, aquilo que Jesus, que Krishna e Maomé semearam. Eles plantaram as sementes e você as colheu. Agora, plante sementes para os outros. E lembre-se bem,

semear significa simplesmente exalar. É uma parte de todo o processo. Você permanecerá pela metade, incompleto, imperfeito, a menos que a bem-aventurança comece a fluir de você em direção a todas as coisas.

Essa é uma lei realmente necessária. Quando você se torna silencioso, você a ouve. Ninguém a está dizendo para você. Seu próprio coração, seu ser mais profundo, é quem lhe diz isso. Essa indicação, esse ensinamento, essa mensagem não vem de fora. Vem do seu próprio íntimo. E por essa razão, você a obedecerá. Não há possibilidade de não obedecê-la; ela vem de você mesmo. Mas, se você a conhecer bem, será fácil.

Será fácil se você souber que isso faz parte do processo: que a bem-aventurança precisa ser distribuída e compartilhada; só então ela se expandirá mais ainda. Se você não conhece esta lei, sua avareza, seu velho egocentrismo pode adiar a conclusão do processo.

Pode-se unicamente adiar esse processo; não se pode desobedecer-lho para sempre. Mas por que adiá-lo? Lembre-se disto: sempre que sentir um instante de bem-aventurança se manifestando, compartilhe-o.

É por isso que insisto, e insisto bastante, em que após a meditação, você deve expressar sua bem-aventurança; você deve celebrá-la. Empenhe-se nisso, seja o que for que lhe aconteça, compartilhe-o. Dance e cante. A dança e o canto são apenas simbólicos, servem somente como uma recordação contínua.

Quando você for embora daqui, muitas coisas lhe acontecerão se você continuar a meditação. Mas sempre que alguma coisa lhe acontecer, não a guarde para você. Compartilhe-a. Mesmo se não puder fazer alguma coisa, apenas sorria, sorria para algum estranho e talvez seja suficiente. Apenas segure as mãos de algum estranho e sinta o amigo dentro dele. Ou compartilhe alguma coisa, mesmo que simbolicamente. Ou, se não houver ninguém por perto e você estiver sentado embaixo de uma árvore, então, dance e sinta

que está dançando com a árvore. Cante, e sinta que está cantando com os pássaros. E, mais cedo ou mais tarde, você compreenderá que, quando compartilha, até mesmo uma árvore está pronta a compartilhar com você.

Uma pesquisa foi feita recentemente numa universidade russa. Através de muitas experiências, um psicanalista, Pushkin, chegou à conclusão de que as árvores possuem emoções semelhantes às do homem. E mais ainda — que as árvores podem ser hipnotizadas. E não é só isso — se uma pessoa for hipnotizada embaixo de uma árvore e, sob hipnose, lhe fizerem a seguinte sugestão: “Você está muito triste” — a pessoa ficará triste e, simultaneamente, a árvore ficará triste.

Trata-se de conclusões experimentais. Existem atualmente aparelhos de registro mecânico que podem registrar se você está triste ou feliz, se está deprimido, ou raivoso, ou predisposto ao sexo. Para cada emoção, uma onda elétrica específica é emitida por sua mente. Essa onda elétrica pode ser registrada.

Mas o que é estranho é que a mesma onda também é captada da árvore. Você está dançando embaixo de uma árvore, feliz. Sua mente emitirá um sinal de que você está feliz e esse sinal será registrado. Se o aparelho também estiver sintonizado com a árvore, registrará igualmente a mesma coisa. Assim, Pushkin afirma que se você estiver dançando embaixo de uma árvore, muito feliz, a árvore compartilhará dessa felicidade. Ela ficará muito feliz, junto com você.

E se uma árvore pode compartilhar, por que não os pássaros? Eles são mais sensíveis. Por que não os animais? Eles são mais sensíveis ainda. E por que não a existência inteira? Mais cedo ou mais tarde, descobriremos que até mesmo as pedras compartilham. Suas almas podem estar profundamente ocultas, mas estão ali; e um dia descobriremos instrumentos que nos fornecerão indícios de que mesmo uma pedra, uma rocha, tem emoções.

Assim, onde quer que você se encontre, sempre que sentir que algum sentimento de êxtase lhe aconteceu, dance em harmonia com ele, cante em seu tom e compartilhe sua felicidade do modo que lhe ocorrer, da maneira que lhe convier. Mas compartilhe-a! Ela se expandirá mais ainda. Compartilhando-a, ela se expande. Com avareza — sem compartilhá-la — ela se contrai, se extingue.

A morte é uma contração. Contração é morte; vida é expansão. Deixe que ela se expanda. E a partir do momento em que você conhecer o sentimento de expansão, permitirá que ele aconteça, porque é seu próprio eu mais íntimo quem está ordenando.

Tu, que agora és discípulo, capaz de permanecer em pé, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar, que tens conquistado o desejo e alcançado o autoconhecimento, que vista tua alma em seu florescer e reconheceste e ouviste a voz do silêncio, vai ao Saguão do Saber e lê o que ali está escrito para ti.

“... ouvir a voz do silêncio é compreender que a única orientação verdadeira vem do interior; ir ao Saguão do Saber é entrar no estado em que o saber se torna possível. Então, muitas palavras estarão escritas ali para ti, e escritas em letras de fogo para que possas ler facilmente. Pois, quando o discípulo está pronto, o Mestre também está pronto.”

“Ouvir a voz do silêncio é compreender que a única orientação verdadeira vem do interior.” Quando você está silencioso, verdadeiramente silencioso — depois que a tormenta passou, quando você entrou espontaneamente, no silêncio — você não o cultivou; ele veio até você, manifestou-se espontaneamente em você — nesse silêncio, você sentirá, compreenderá e saberá que agora a orientação verdadeira é possível a partir do âmago do seu ser. Agora, o mestre, o mestre interior se revelará a você.

Seu próprio centro mais profundo é o seu mestre verdadeiro. O mestre exterior pode ajudar, mas sua ajuda é fundamentalmente dirigida para a descoberta do mestre interior. E quando o mestre interior é descoberto, não há mais necessidade do mestre exterior. Você tornou-se mestre por direito próprio.

Mas isso só acontece quando você consegue realizar um total silêncio interior, sem quaisquer pensamentos, sem quaisquer palavras, sem nenhuma imaginação, sem ondulações de qualquer tipo. Quando você tiver compreendido e sentido um silêncio sem ondulações, sem pensamentos, um silêncio imóvel — esse silêncio tornar-se-á seu mestre interior. Agora, a partir desse silêncio, a orientação lhe será dada.

“Pois, quando o discípulo está pronto, o Mestre também está pronto.” Quando você está pronto para receber a orientação interior, a orientação interior surge naturalmente, automaticamente. Mas o discípulo precisa estar pronto.

O que significa dizer-se que o discípulo está pronto? Significa que ele tornou-se totalmente receptivo, humilde, sem ego, entregue, sem resistência. Quando você não diz nada, mas apenas está receptivo para ouvir, quando não impõe nenhuma teoria à verdade — você está nu, vazio e disposto a permitir que a verdade se revele à sua maneira; você não está, de modo algum, consciente ou inconscientemente, impondo alguma coisa à verdade; você parou de impor; está pronto para ser levado a qualquer parte que a verdade o conduzir — então, você é um discípulo.

Há uma diferença entre um estudante e um discípulo. O estudante deseja informação. O discípulo não anseia por informação. Sua busca é pelo conhecimento, pela experiência autêntica. Não está interessado no que os outros dizem. Está interessado naquilo que pode sentir. O estudante coletará informação; treinará sua memória. E quando mais sua memória for

treinada, quanto mais informação for acumulada, mais egoísta ele se tornará. O estudante nunca poderá ser humilde, o erudito nunca poderá ser humilde. Sua busca básica é egoísta.

Uma pessoa acumula riqueza e uma outra acumula conhecimento. Não há nenhuma diferença. Qualquer acúmulo alimenta o ego. Seja o que for que você acumule — quanto maior a quantidade, mais egoísta você se sentirá. Dessa maneira, um estudante ou um erudito não são discípulos. A própria dimensão é diferente. Um discípulo não está em busca de acumulação; pelo contrário, está disposto a se livrar de todas as acumulações. Se a verdade só se manifesta no vazio, ele está pronto a jogar fora todas as acumulações, todo o conhecimento.

Conta-se que Sócrates, em sua velhice, teria dito: “Agora posso dizer que nada sei. Sou um ignorante.” Ele foi um discípulo.

Aconteceu que um vidente proclamou Sócrates como sendo o homem mais sábio de Atenas. Os que ouviram o vidente correram para dizer a Sócrates: “Sócrates, você ouviu? O vidente disse que você é o homem mais sábio de Atenas.”.

Sócrates disse: “Deve ter havido algum engano. Voltem lá e digam ao vidente que Sócrates diz que não sabe nada, e que é totalmente um ignorante.”.

As pessoas voltaram ao vidente e lhe disseram: “Sua profecia foi negada pelo próprio Sócrates. Ele disse, ‘Não sei nada. Sou um ignorante’.”.

O vidente riu e disse: “É exatamente *por isso* que digo que ele é o homem mais sábio” — porque apenas um homem perfeitamente sábio pode dizer: “Eu não sei.”.

As pessoas ignorantes sempre afirmam que sabem. Quanto mais ignorantes, mais afirmam que sabem. Isso faz parte da ignorância. Um estudante, um pândita, um erudito — estão sempre declarando que conhecem. Eles não são discípulos.

E, lembre-se, se você é um estudante, pode tornar-se um professor, mas nunca um mestre. Somente um discípulo pode tornar-se mestre. Se você é um estudante, um erudito, pode tornar-se um professor — nunca um mestre. Somente um discípulo pode tornar-se um mestre. Ser discípulo significa entregar-se sem ego. E uma vez que você se entregou, seu eu mais profundo é revelado a você. Esse é o mestre que está à sua espera. Ele tem estado à sua espera por muitas vidas.

Em algum momento de entrega, o mestre lhe será revelado. E esse mestre não é uma pessoa. Ele é o seu próprio eu mais profundo, é o seu próprio *atman*. Desse modo, pode-se realmente dizer: quando você é um discípulo perfeito, tornou-se um mestre. Você não é mais um discípulo. Tendo se tornado um discípulo, você se transforma num mestre.

Capítulo 10

Obedecendo ao Guerreiro Interior

Estes são os sutras alcançados pela sabedoria suprema. São profundos e, às vezes, muito complexos, até mesmo contraditórios, mas representam o supremo florescimento da sabedoria. Quando um Buda torna-se Buda, ou um Cristo torna-se Cristo, esses sutras são revelados. Se você puder compreendê-los, essa compreensão o transformará. Se puder sentir a realidade que neles se oculta, você será uma pessoa totalmente diferente. Portanto, procure compreendê-los profundamente.

Permaneça à parte na batalha que se aproxima e, embora lutes, não seja tu o guerreiro.

...Ele é tu próprio, não obstante seja finito e estejas sujeito ao erro. Ele é eterno e infalível. Ele é a verdade eterna. Quando ele tiver penetrando em ti e tiver se tornado o teu guerreiro, jamais te desertará, e no dia da grande paz tornar-se-á um contigo.

Permaneça à parte na batalha que se aproxima e, embora lutes, não seja tu o guerreiro. Estamos numa constante luta conosco mesmos. A batalha prossegue noite e dia. A vida toda é um campo de batalha, mas você não chega a lugar algum. Não é nem derrotado totalmente, nem sai completamente vitorioso. A luta continua e a energia vital é desnecessariamente dissipada. Você apenas destrói a si mesmo e à sua existência. Qual é a causa? Por que você nunca sai vitorioso? Por que a luta nunca termina?

Você luta com o sexo, luta com a raiva, luta com a cobiça. Luta com todas as coisas, mas permanece ainda nas garras dessas

mesmas coisas contra as quais luta. Quanto mais você luta com o sexo, mais se enreda em suas garras e sente que tem de lutar mais ainda. Trata-se de um círculo vicioso. Você luta mais, e então o sexo torna-se mais atrativo, o sexo torna-se magnético. Inúmeras vezes você se decide a não ficar com raiva, mas cada decisão é um fracasso. E o resultado é sempre o mesmo: no fim, você se sente culpado, inferior, incapaz de fazer qualquer coisa; sente uma derrota interior.

Isso tem acontecido a toda a humanidade. Atualmente, a humanidade é muito triste, não por causa de alguma coisa que tenha acontecido nesta época, mas somente porque anos e anos de luta religiosa, séculos e séculos de contínua contenda religiosa, demonstraram à mente humana que nada pode ser alcançado. A mente humana sente um profundo fracasso. Isso cria tristeza e depressão.

A esperança tornou-se desesperançada. Parece que não há saída alguma. Você pode se esforçar, mas é tudo em vão, é um desperdício; ninguém consegue nada. Isso tem acontecido não porque a mente humana é incapaz de qualquer vitória. Isso tem acontecido porque o fundamento da luta está errado, todo o esforço da luta está errado. Por quê? Porque você está lutando com você mesmo. Como pode vencer?

Se eu criar conflito entre minhas duas mãos, entre a mão esquerda e a direita, posso continuar lutando, mas não haverá nenhuma vitória e nenhuma derrota, porque ambas as mãos me pertencem. O impulso sexual me pertence, e o impulso de transcender o sexo também me pertence; eles são, ambos, minhas mãos. Posso continuar lutando, posso continuar mudando de uma para outra — algumas vezes tomando o partido da mão direita, outras vezes, o partido da mão esquerda — mas nada acontecerá porque estou incluído em ambas. Como pode haver derrota ou vitória? Para haver derrota ou vitória são necessários, pelo menos,

dois, mas eu estou só, lutando comigo mesmo. Toda essa luta é uma luta irreal, absurda.

Então, o que fazer? Este sutra lhe dá a chave:

Permanece à parte na batalha que se aproxima e, embora lutes, não sejas tu o guerreiro.

Permaneça à parte. Seja uma testemunha.

Lembre-se desta palavra: “testemunha”. Essa é uma das palavras na busca da espiritualidade. Se você puder entender essa palavra e praticá-la, não precisará de mais nada. Esta única chave poderá abrir todas as portas do paraíso. É uma chave-mestra. Qualquer fechadura pode ser aberta com ela.

O que significa permanecer à parte? Quando o sexo se manifesta em você, você se identifica com ele. Então, quando você termina o ato sexual, a depressão aparece, porque você esperou muito e nada aconteceu. Almejou tanto, teve tanta expectativa, e nada aconteceu. Tudo não passou de uma fraude. Você se sente traído, enganado. Então surge o arrependimento e você começa a pensar em termos anti-sexo. Começa a pensar em como ser um *brahmacharya*, em como ser um celibatário. Você pensa em como ser um monge; torna-se contrário ao sexo. Então, identifica-se com essa atitude contrária.

Testemunhar significa permanecer à parte e, quando o sexo se manifestar, observá-lo. Não se identifique com ele. Não diga: “Eu sou o sexo.” Diga: “O desejo sexual manifestou-se em mim. Agora, devo observá-lo.” Não se posicione a favor ou contra ele. Permaneça quieto e calmo — apenas um observador.

Isso não significa reprimi-lo, pois a repressão não permitirá que você o conheça. Não o reprima. A repressão significa que você se identificou com a atitude contrária ao sexo. Lembre-se disto: se

you não reprimir, estará identificando com a atitude contrária. Não reprima, não se identifique. Deixe que ele aconteça. Não tema; apenas espere e observe.

Entre no ato sexual, mas com atenção, ciente do que está acontecendo e deixando as coisas acontecerem. Não atrapalhe, não reprima nada — deixe que o sexo se manifeste em sua totalidade, mas permaneça à parte, como se estivesse observando uma outra pessoa.

O ato evoluirá até seu pico. Acompanhe-o, mas permaneça sempre à parte. Esteja ciente de tudo o que estiver acontecendo, pormenorizadamente. Esteja alerta; não perca a consciência. Então, a partir do pico, você começará a cair, e a atitude contrária ao sexo aparecerá. Esteja novamente alerta. Não se identifique com essa atitude contrária. Observe o que está acontecendo: a onda atingiu seu pico; agora, a onda está caindo. O sexo é a onda se erguendo. *Brahmacharya*, a atitude contrária ao sexo, é a onda caindo.

Esteja atento, esteja alerta. Não fique a favor ou contra; não condene; não faça nenhum julgamento. Não seja um juiz; seja apenas uma testemunha. Não diga: “Isso é bom. Aquilo é mau.” Não diga nada. Esteja apenas alerta e observe o que está acontecendo. Seja fiel aos fatos; não dê nenhuma interpretação. Testemunhar significa isso.

Se você conseguir ser uma testemunha do sexo, assim como da atitude anti-sexo, chegará a uma profunda compreensão. Através dessa compreensão, você descobrirá que o sexo e o anti-sexo são dois pólos da mesma onda. Na verdade, eles não são opostos um ao outro. São apenas a ascensão e a queda da mesma onda. Eles são um só; portanto, não há nada para se escolher. Se você escolhe um, escolhe também o outro, pois este faz parte daquele, é a sua parte oculta. Se você escolhe um, escolhe também o outro, pois este não pode ser separado daquele. Eles são um só; portanto, não há escolha possível. Então, o estado de não-escolha acontece a você.

Esse estado de não-escolha é o caminho da vitória. Agora, você não escolhe; não há nada para escolher. E um milagre acontece: quando você não escolhe, os dois pólos desaparecem. O sexo e o *brahmacharya*, ambos desaparecem e, pela primeira vez, você não está mais em suas garras, pela primeira vez, você não está dominado pelos opostos.

O testemunhar está no começo e o testemunhar está no final. O primeiro passo e o último passo são o mesmo. O testemunhar é o meio e o testemunhar é o fim. Então a luta prossegue, mas você não é o guerreiro. Agora a luta ocorre num nível diferente. Que nível é esse?

A partir de agora, o sexo e o anti-sexo se apresentam a você, simultaneamente. Essa presença simultânea dos opostos constitui a luta. Eles lutam entre si e você continua a ser uma testemunha. Por serem opostos, pólos contrários, eles se destroem mutuamente e desaparecem completamente. Possuem a mesma força e a mesma energia. Eles se excluem e se anulam.

Essa é a luta. Mas você não é o guerreiro; é apenas uma testemunha. Só está olhando de fora: um observador nas montanhas. Lá embaixo, no vale, a luta continuará; mas agora você é apenas um observador no alto da torre. Você apenas olha para baixo e vê que eles estão lutando; os opostos estão lutando. Mas eles se anulam, pois possuem a mesma força.

Lembre-se disto: só uma pessoa altamente sexual pode tornar-se um *brahmacharya*. O desejo sexual intenso pode ser transformado em *brahmacharya*. Se você é apenas normal, não pode se tornar um *brahmacharya*, pois para se tornar um *brahmacharya*, é preciso muita energia. E as energias opostas são sempre equivalentes; portanto, apenas pessoas profundamente sexuais tornam-se *brahmacharyas*. Pessoas comuns, de sexo normal, natural, nunca vão para o outro extremo. Não podem. A energia necessária para isso, vem do sexo. As energias opostas são equivalentes.

Você não precisa lutar; não precisa tomar partido deste lado ou daquele. Esse é caminho da derrota. Apenas fique à parte, saia do círculo — seja uma testemunha.

É difícil, porque a mente quer escolher; a mente sempre escolhe. A mente é quem escolhe porque, sem escolha, não haverá nenhuma mente; você abandonará a mente. Por isso é tão difícil não escolher.

Até mesmo o que estou dizendo... A maioria de vocês pode se decidir a seguir o que estou dizendo, mas você se decidirá a agir desse modo por alguma razão. As pessoas me procuram, e quando digo: “Seja uma testemunha” — imediatamente me perguntam: “Se eu me tornar uma testemunha, a sexualidade desaparecerá?” Nesse caso, elas não podem se tornar uma testemunha, pois já escolheram. Elas perguntam: “A sexualidade desaparecerá se eu me tornar uma testemunha?” Elas estão prontas a se tornarem testemunhas, se a sexualidade desaparecer!

Mas elas fizeram uma escolha. Decidiram que a sexualidade é má e que o *brahmacharya* é bom. Elas me perguntam: “Se eu me tornar uma testemunha, tornar-me-ei um *brahmacharya*, tornar-me-ei um celibatário?” E assim, perdem totalmente o ponto importante da questão.

Estou dizendo: “Não escolha” — e elas já escolheram. Pretendem fazer uso do testemunho como um instrumento para a sua escolha. Mas você não pode usar o testemunho desse modo.

Um homem me procurou. Era um buscador, um buscador sério. Mas estúpido. Há muitos buscadores estúpidos e sérios. E quando eu digo estúpido quero dizer o seguinte: eles não podem entender o que estão fazendo. O homem estava sofrendo por causa de sexo. Todo mundo está sofrendo por causa de sexo. O sofrimento chegou a tal ponto que você não sofre apenas por causa de sua própria sexualidade; sofre também por causa da sexualidade dos outros. Isso parece loucura. Você sofre por causa de sua própria

sexualidade e sofre também por causa da sexualidade dos outros, por causa do que os outros estão fazendo.

Sua própria sexualidade já lhe pode criar miséria suficiente. Por que se preocupar com os outros? Mas essa miséria parece não lhe bastar, e então você acrescenta o que os outros estão fazendo: quem está agindo erradamente e quem está sendo correto. Quem é você para decidir? Quem lhe deu esse direito? Quem é você para se fazer de policial?

O homem que me procurou era um policial. Estava sofrendo por causa do que os outros estavam fazendo. Mas eu lhe disse: “Não se preocupe com os outros. O verdadeiro problema deve estar dentro de você. Você ainda não chegou a um acordo com sua sexualidade: esse é o problema. Por que sofrer por causa dos outros? Por que criar outros problemas? Apenas para fugir de seus próprios problemas? Apenas para estar ocupado? Quem foi que designou você para ser um policial? Por que desperdiçar a sua vida? Você deve estar profundamente obcecado pelo sexo; é por isso que se preocupa com os outros.”.

Então ele disse: “Você tocou na verdadeira ferida. Estou com 65 anos e ainda estou sofrendo. Quanto mais envelheço, mais sofro. É como se a sexualidade crescesse com a idade. A energia decresce, mas a sexualidade aumenta. À medida que a morte se aproxima, sinto-me cada vez mais sexual. Toda a minha mente, vinte e quatro horas por dia, está obcecada pelo sexo.”.

Eu lhe disse: “Você tem lutado com o sexo continuamente.” Ele é um grande buscador. Esteve na companhia de inúmeros santos, de inúmeros gurus. Eu lhe disse: “Eles o destruíram. Você não conseguiu nada. Tudo o que esteve fazendo estava errado. A partir de agora, não lute mais com o sexo.

O homem ficou apreensivo. Disse: “Tenho lutado com o sexo. E este é o motivo: apesar da luta, sou muito sexual. Agora você diz, ‘Não lute!’ Então enlouquecerei totalmente.”

Eu lhe disse: “Você tentou através da luta. Agora, tente o contrário. Você não conseguiu nada. Então, não lute mais!”.

“Então, devo fazer o quê?”, perguntou ele.

Eu lhe disse: “Seja uma testemunha.”.

Ele perguntou: “Desse modo, a sexualidade desaparecerá?”.

Eu disse: “Se você se torna uma testemunha com uma visão sectária — a favor do *brahmacharya*, contra o sexo —, não pode se tornar uma testemunha. E se não se pode tornar uma testemunha, a sexualidade não pode desaparecer. Torne-se uma testemunha. A sexualidade *desaparecerá*, mas lembre-se, o *brahmacharya* também desaparecerá com ela.” Não há necessidade de *brahmacharya* quando a sexualidade desaparece. Faz parte do mesmo jogo. Quando a doença desaparece, qual a utilidade do remédio? Você jogará o remédio fora junto com a doença. Assim, eu lhe disse: O *brahmacharya* também desaparecerá. Mas lembre-se, não escolha.”

Ele disse: “Tentarei.”.

Depois de três meses — pedi que ele voltasse depois de três meses — ele voltou e disse: “Mas o sexo não desapareceu ainda.” É isso que eu chamo de estupidez. “O sexo não desapareceu ainda, e venho sendo testemunha há três meses.”

A escolha inconsciente permanece: o sexo precisa desaparecer. Assim, você não pode ser uma testemunha. Testemunhar significa não escolher; é uma consciência sem escolha. Essa é uma das chaves mais fundamentais para todas as doenças da mente humana. Se você puder tornar-se uma testemunha, os opostos lutarão entre si, destruir-se-ão, e ambos morrerão, ambos desaparecerão. Mas se você escolher um em vez de outro, não poderá ser uma testemunha.

Procura pelo guerreiro e deixa-o lutar em ti.

...Procura-o, senão, no calor e na afobação da luta, poderás não o encontrar; e ele não te reconhecerá a menos que tu o reconheças. Se teu brado chegar aos seus ouvidos, então ele lutará em ti e preencherá teu sombrio vazio interior.

Procura pelo guerreiro e deixa-o lutar em ti. Não seja você o guerreiro; não há necessidade. O guerreiro é este fenômeno: a presença em sua consciência de ambos os opostos simultaneamente.

Comumente, apenas um se faz presente. Quando o sexo está presente, você não pensa em *brahmacharya*. Quando o *brahmacharya* está presente, você não pensa em sexo. Um está presente e o outro está oculto. Essa é a miséria.

Traga para fora simultaneamente o outro e isso se tornará o guerreiro para você. Traga os dois simultaneamente. Quando você se sentir cheio de raiva, introduza imediatamente o arrependimento. Você sempre se arrepende — mas depois. Quando está com raiva, fica com raiva. Quando a raiva fez sua devastação, então vem o arrependimento e você começa a jurar que nunca mais ficará com raiva. Mas a raiva e o arrependimento nunca se encontram. Permita que os opostos se encontrem. Eles se anularão um ao outro.

Se você continuar a se mover de um oposto a outro, nunca será vitorioso. Você já desperdiçou muitas vidas agindo desse modo, e pode desperdiçar infinitas vidas. Mas este é o segredo: manifeste os opostos simultaneamente; permita que eles se apresentem diante de você ao mesmo tempo. Não siga um deles. Se seguir um deles, o outro estará à sua espera. Quando você se entediar, quando estiver farto de um deles, o outro o agarrará.

Se os opostos não puderem se encontrar, não poderão anular-se um ao outro. Você não precisa fazer nada. Esse é o milagre, a química interior. Coloque os opostos juntos e apenas os observe. Eles lutarão; deixe-os lutar. Você não precisa se envolver nessa luta;

simplesmente permaneça à parte. Eles desaparecerão juntos. Quando eles se apresentam simultaneamente, não subsistem; ambos desaparecem.

Assim, um Mahavir não é um *brahmacharya*. Sexo e *brahmacharya*, ambos, desapareceram. Ele é completamente inocente, como uma criança. Um Buda não se tornou um não-raivoso; tanto a raiva como a não-raiva desaparecem. Ele é inocente; tanto uma como outra não existem nele. Um Krishna não é nem um *sansari* nem um *sannyasi*; não pertence nem ao mundo nem ao antimundo da renúncia. Ambos desapareceram; ele é inocente.

A perfeição, a integridade da consciência, está na inocência. E quando uso a palavra “inocência” quero dizer a ausência dos opostos. A ausência dos opostos é a pureza. Se você escolheu um deles, não é puro. O outro encontra-se oculto no inconsciente; ambos estão presentes.

Os dois estarão presentes se um se faz presente. O outro não pode estar separado; ele pode estar oculto. E se um não está presente, o outro não pode estar presente. Ambos desaparecem; toda a esfera dos opostos desaparece. Então você é inocente. Essa inocência é libertação, essa inocência é divina, essa inocência é nirvana.

Recebe as ordens dele para a batalha e obedece-as.

Obedece-o, não como se ele fosse um general, mas como se fosse tu próprio, e suas palavras proferidas fossem a expressão de teus desejos secretos; pois ele é tu próprio, embora infinitamente mais sábio e mais forte do que tu.

Descubra a testemunha e então obedeça-a. Primeiro, encontre a testemunha e, depois, obedeça-a, porque encontrar a testemunha significa encontrar seu próprio centro mais profundo.

Vivemos em duas camadas, em dois níveis. Um nível é o da periferia: o mundo da ação. O outro é o do ser interior, o mundo da não-ação: o mundo da existência, não o do agir. Tudo o que fazemos se encontra na periferia e tudo o que somos se encontra no centro. Precisamos nos mover continuamente do centro para a periferia a fim de fazer alguma coisa. Sempre que você está fazendo alguma coisa, encontra-se na periferia. Seja o que for que estiver fazendo, está na periferia. Quando está inativo, sem fazer nada, então você está no centro. O testemunhar é uma não-ação. A meditação é uma não-ação.

Estamos fazendo meditação aqui. Durante trinta minutos você permanece na periferia fazendo alguma coisa: respirando, em catarse, repetindo o mantra *hoo*. Você está fazendo alguma coisa: permanece na periferia. Quando, de repente, eu digo: “Pare!” — quero dizer: agora permaneça na não-ação, no não-fazer. Quando você pára subitamente, é jogado na periferia para o ser, para o centro mais íntimo, porque quando você não está fazendo nada, você não é necessário na periferia. Você precisa permanecer na periferia apenas enquanto está fazendo alguma coisa. Agora, você é lançado de volta ao seu centro. Esse centro é a sua testemunha.

Quando você conhecer esse centro, quando reconhecer esse centro, quando sentir esse centro — siga as ordens. Você será orientado; terá encontrado o seu mestre. Então, siga tudo aquilo que lhe for dito a partir do centro e não dê ouvidos à periferia. A periferia é cultivada pelos outros, mas o seu centro está intacto, virgem; ele pertence ao divino.

A periferia vem da sociedade. Por esse motivo é que dizemos que um *sannyasin* está além da sociedade. Não contra a sociedade, mas além da sociedade. Agora, ele segue seu próprio centro mais íntimo; não está seguindo ninguém mais. Todas as ordens dadas pelos outros são, agora, sem importância.

Você encontrou seu próprio ser interior e, a partir desse momento, esse ser pode orientá-lo. Esse ser é *infinitamente mais forte*

e mais sábio que tu. O “você” da periferia é fraco; o “você” do centro é infinitamente forte. O “você” da periferia é apenas uma coisa mundana; o “você” do centro é o próprio Deus.

Mas, antes de tudo, encontre a testemunha. Jesus disse: “Buscai primeiro o reino de Deus. Então, tudo o mais se seguirá.” Não se preocupe com outras coisas. Primeiro, descubra o âmago do reino de Deus. Então, não precisará se incomodar com mais nada; tudo o mais se seguirá.

Simplesmente, siga a voz interior. Mas como? Você não sabe o que é a voz interior, não sabe o que é o interior. A sociedade confundiu-o profundamente. Ela diz que a voz dela própria é a sua voz interior. Ela colocou muitas vozes em você, apenas para controlá-lo de dentro.

Trata-se de uma necessidade social. A sociedade controla você de dois modos. Por um lado, através de medidas externas: o policial na rua, o tribunal, o juiz, a lei, o governo. Estas são medidas externas, mas não são suficientes. Você pode enganar a lei, pode manipular o tribunal. E o policial, naturalmente, é apenas um outro ser humano. Assim, essas medidas não são suficientes.

O que é bom para um hindu pode não ser bom para um jaina. Qualquer coisa que você diz ser verdadeira, seu oposto também é verdadeiro em algum lugar; nada é absoluto. Agora que nos tornamos cientes de toda a complexidade da consciência humana, sabemos que essa consciência é apenas um produto social. Existem tantas sociedades a um mesmo tempo, que o policial interior enfraqueceu-se. As sociedades humanas são agora menos moralistas porque o policial interior está quase morto. Você sabe que o que ele diz não significa nada: não se incomode com ele. Observe apenas a lei exterior... e tente encontrar um modo de contorná-la.

O que estou dizendo é que a voz do policial interior não é a sua voz. Descubra a testemunha. Somente então você descobrirá a voz interior.

A voz interior o orientará. Suas instruções serão completamente diferentes daquelas prescritas pela sociedade — completamente diferentes. Mas pela primeira vez você se tornará religioso, e não meramente moral. Você será moral num sentido muito mais profundo. A moralidade não será um dever, não será algo que lhe é imposto. Não será um peso; será espontânea. Você será bom, naturalmente bom. Não se tornará um ladrão — não porque a sociedade diz “Não seja um ladrão”, mas porque você não pode ser. Você não matará porque será impossível fazê-lo. Você amará a vida de tal modo que a violência se tornará impossível. Não se trata de um código moral; trata-se de uma orientação interior.

Você afirma a vida, reverencia a vida. Uma profunda reverência surge em você e, a partir dessa reverência, tudo o mais se segue. É isso que Jesus diz: “Descubra, primeiro, o reino de Deus e, então, tudo se seguirá.” Descubra a voz interior e então tudo se seguirá.

Capítulo 11

A Canção da Vida

“Procure-a e ouça-a, primeiro, em seu próprio coração. A princípio, você pode pensar que ela não está aí; quando a procuro, encontro apenas barulho. Procure mais profundamente. Se novamente você se desapontar, espere, e então procure mais profundamente ainda. Há uma melodia natural, uma fonte oculta em cada coração humano. Ela pode estar demasiadamente escondida, totalmente encoberta e silenciosa — mas está aí.”

Ouç a canção da vida. A vida é uma melodia; a existência é musical — por inúmeras razões.

A existência é harmonia; não é anarquia. Ela não é um caos; é um cosmos, uma unidade. Tão complexa, tão vasta, mas, ainda assim, unida. E a vida pulsa — desde o ínfimo átomo à mais elevada estrela. Os comprimentos de onda diferem, as pulsações são de frequências diferentes, mas o todo pulsa numa profunda unidade, numa harmonia. Plotino chamou a isso de “a música das esferas”. A existência inteira é uma música.

Ela é musical também num outro sentido. A ioga, o tantra e todas as escolas que têm estado trabalhando esotericamente na jornada interior da consciência humana afirmam que a vida consiste em sons; a existência consiste em sons.

A ciência discorda, mas não muito. A ciência diz que a partícula básica é a eletricidade e não o som. Mas a ciência também diz que o som é um modo da eletricidade, uma espécie de expressão elétrica — que o som consiste em partículas elétricas.

A ioga afirma que o elemento básico, a unidade básica da existência é o som, e que a eletricidade é um modo de som. É por esse motivo que temos o mito de que o fogo pode ser criado através da música. Se o fogo (se a eletricidade) é apenas uma combinação de sons, então o fogo pode ser criado.

Essa diferença entre a atitude científica e a atitude iogue precisa ser entendida. Por que a ciência afirma que o som é apenas eletricidade e a ioga afirma que a eletricidade é apenas som? Porque a ciência aborda a existência através da matéria e a ioga a aborda através da vida.

Quanto mais profundamente você penetrar dentro de si mesmo, mais descobrirá um novo mundo de som e silêncio. Quando você alcançar o âmago de seu ser, descobrirá o som silencioso. É a isso que os hindus chamaram de *nad anahat nad* — o som que é incriado, que é a sua própria vida. Ele não é criado por nada, não é produzido. Apenas está aí. Ele é cósmico.

Aum é o símbolo desse som. Se você se dirigir profundamente para dentro, quando o centro supremo for alcançado, você ouvirá o som *aum*. Não é você quem o produz. Ele simplesmente está ali, vibrando. É o elemento básico da vida.

Este sutra diz: *Ouçã a canção da vida*. Mas você não pode ouvi-la a menos que já a tenha ouvido dentro do seu próprio coração. Tudo o que você pode ver deve, primeiro, ser visto dentro de seu próprio coração, senão, você não poderá vê-lo, não poderá ouvi-lo. A experiência básica precisa ser a interior. Somente então a exterior pode ser vivenciada.

Tudo o que você conhece no mundo exterior é apenas um reflexo ou uma projeção. Se você está repleto de amor, a vida toda parece estar repleta de amor. Se você está sentado ao lado da pessoa que ama, então toda a existência está em ordem. Nada está errado, não há aflição alguma. Toda a existência é preenchida por uma profunda música porque você está preenchido por uma profunda música. Não há em você nenhuma desarmonia; seu coração sente

uma profunda harmonia. Você está de tal modo unido à pessoa amada, que essa unicidade se espalha por tudo.

Se você está em profunda agonia — sofrendo, triste, deprimido — a existência inteira parece estar deprimida. É você, não a existência. A existência permanece a mesma, mas os estados de sua mente mudam. Num determinado estado, a existência parece estar em festa; em outro, ela parece estar triste. Ela não está; a existência é sempre a mesma. Mas você está sempre mudando e sua mente sempre sendo projetada. A existência atua como um espelho. Você se reflete nele.

Se você pensar que tudo aquilo que interpretou é o fato e não apenas uma projeção, mergulhará em ilusões cada vez mais profundas. Mas se puder entender que não se trata de um fato, mas de uma ficção da mente — que tudo depende de você e não da própria existência — então você pode mudar. Pode passar por uma mutação, uma revolução interior por acontecer, porque agora depende de você.

O mundo pode ser um caos se você for um caos. O mundo pode ser um cosmo se você for um cosmo. O mundo pode estar morto se você estiver morto interiormente; o mundo pode estar vivo, abundantemente vivo, se você estiver vivo interiormente. Depende de você. *Você* é o mundo. Apenas você existe realmente, nada mais. Tudo o mais é apenas um espelho.

Lembro-me de uma pequena história.

Um imperador, um imperador muito poderoso, criou um palácio, um palácio de espelhos. Por todos os lados, em todo o palácio, havia espelhos. O imperador era uma pessoa muito bonita e estava tão fascinado por sua própria beleza que jamais se sentiu atraído por alguma outra pessoa. Era um Narciso. Amava somente a si mesmo e achava que todos os demais eram feios. Finalmente, ele proibiu a qualquer pessoa de entrar em seu palácio. Vivia ali

sozinho, a olhar para seu próprio rosto, em todo o palácio. Havia espelhos por toda parte, milhares e milhares de reflexos de seu próprio rosto.

Contudo, aos poucos, ele começou a se entediar, a ficar farto daquilo. Começou a não gostar de si mesmo. O dia todo se encontrava consigo mesmo. Ficou doente; tornou-se triste e deprimido. Ficou tão melancólico que estava quase à beira da morte. Simplesmente, cansou-se de si mesmo.

Então, de súbito, ele se lembrou: “Este palácio foi criado por mim mesmo. Não preciso permanecer aqui. Não há ninguém que me obrigue a permanecer aqui.”.

Então, ele quebrou uma das paredes de espelhos — atirou uma cadeira contra ela. E, pela primeira vez em muitos anos, o céu penetrou naquele recinto. Era uma noite de Lua cheia, e a Lua irrompeu ali dentro. Um mundo novo, fresco, vivo, surgiu. O imperador entrou em contato com esse mundo.

Ele saltou para fora daquele buraco infernal, para fora daquela prisão. E então não estava morto, nem melancólico, nem às portas da morte. Pôs-se a dançar, a celebrar. Esqueceu-se completamente de seu rosto. E conta-se que nunca mais ele se olhou novamente no espelho.

É isso o que está acontecendo a cada um de nós. Não se trata de uma história sobre algum imperador desconhecido. Ela se refere a você. Você vive numa casa de espelhos. Quando olha para o rosto da sua esposa, não é o verdadeiro rosto dela que você vê. É uma projeção. É o seu próprio rosto refletido no rosto da sua esposa. Quando você olha para uma flor, não é para essa flor que está olhando. Você está olhando para a sua própria flor mental projetada sobre a flor real.

Por toda a parte, você se move com seus próprios espelhos, suas próprias imagens. E então, naturalmente, você fica entediado, farto de tudo isso, e diz: “A vida é uma miséria.” Você diz: “Parece que a

vida não tem nenhum sentido.” Você diz: “seria melhor me suicidar. Parece que a vida não tem nenhum propósito. Não estou indo a lugar algum, fico apenas dando voltas num círculo. Isso não leva a nada. Todo dia é a mesma coisa, a mesma repetição.”

Mas não é por causa da existência; é por causa de você. Jogue fora esses espelhos, quebre esses espelhos. Saia do seu palácio, saia da sua prisão e olhe para o mundo, não através de pensamentos, não através de seus estados de espírito. Olhe para o mundo com o olho nu, ouça-o com o ouvido nu. Não permita que nenhum estado mental se coloque entre você e o mundo.

É a isso que eu chamo de meditação: olhar para o mundo sem a mente. Então tudo é novo, fresco. Tudo está vivo, eternamente vivo; tudo é divino. Mas, para chegar a esse ponto, você precisará realizar um profundo contato, uma profunda penetração em seu próprio coração; porque ali o sumo da vida espera por você. Pode chamá-lo de “elixir”. Ele espera por você.

Este sutra diz:

Ouç a canção da vida.

“Procure-a e ouça-a, primeiro, em seu próprio coração. A princípio você pode pensar que ela não está aí; quando a procuro, encontro apenas barulhos. Procure mais profundamente. Se novamente você se desapontar, espere, e então procure mais profundamente ainda. Há uma melodia natural, uma fonte oculta em cada coração humano. Ela pode estar demasiadamente escondida, totalmente encoberta e silenciada — mas está aí.”

Quando se tenta, pela primeira vez, ir para dentro, encontra-se barulho: multidões, pensamentos, loucura; tudo, menos silêncio. Mas não se deixe abater. Seja indiferente a todo esse barulho que você encontrar em seu interior.

Quando digo: “Seja indiferente” — quero dizer não faça nada a respeito; apenas permaneça indiferente. Não diga: “Isso é mau.” Não diga: “Como posso acabar com isso?” Não tente acabar com o barulho; você não pode. Deixe que ele flua — como nuvens fluando no céu enquanto você as observa. Ou como o tráfego que passa pela rua e você observa. Simplesmente, fique à parte e observe o movimento do tráfego, ou permaneça na margem e olhe o rio fluindo. Não faça nada; apenas permaneça ali. Indiferente, desinteressado, de modo algum envolvido.

Se você puder fazer isso — é isso o que significa testemunhar. Se você puder fazê-lo, aos poucos penetrará cada vez mais fundo. Não se deixe abater, porque, no fim, por último, uma profunda fonte musical, uma profunda harmonia, uma profunda existência rítmica espera por você. Penetre nesse barulho e você a alcançará.

“Na base de sua natureza você encontrará fé, esperança e amor. Aquele que escolhe o mal recusa-se a olhar para dentro de si próprio, tapa seus ouvidos à melodia do coração, como se vendasse os olhos à luz de sua alma. Assim age, porque acha mais fácil viver nos desejos. Mas, debaixo de toda a vida, está a fonte corrente que não pode ser detida; as poderosas águas, na realidade, estão ali. Encontre-as...”

“Na base de sua natureza você encontrará fé, esperança e amor” — essas três coisas. Se você conseguir entrar em contato com sua música interior, essas três coisas florescerão espontaneamente dentro de você: fé, esperança e amor. Mas essas palavras possuem significados bastante diferentes. Não têm o significado que comumente damos a elas.

Quando dizemos **fé**, queremos dizer crença. Crença não é fé. Crença significa algo imposto. A dúvida encontra-se aí, oculta, mas você se envolve numa crença e empurra a dúvida para dentro.

Por exemplo, você diz: “Creio em Deus.” O que você quer dizer? Não há realmente nenhuma dúvida? A dúvida está presente. A crença não pode destruir a dúvida; pode apenas ocultá-la. Na verdade, você acredita por causa da dúvida. Você teme a dúvida. Se não acredita, se fica em dúvida, sente-se incomodado. A crença lhe proporciona comodidade, consolo, alívio, conforto. Você se sente à vontade. Mas a crença é apenas uma fachada mental, intelectual. Por trás dela, a dúvida está sempre à espreita.

Você encontrará a dúvida oculta no interior de cada crença. Se você diz: “Creio *firmemente*” — isso significa que você tem fortes dúvidas por trás dessa crença. Aqueles que dizem: “Creio totalmente” — têm grandes dúvidas dentro de si. Por que a crença é necessária? Porque a dúvida está presente e você se sente incomodado por ela.

É por isso que tantas pessoas são teístas e tão poucas são ateístas. Mas, na verdade, o mundo está cheio de ateístas e é muito difícil encontrar-se um teísta; é impossível. Tudo não passa de um artifício. As pessoas dizem que acreditam em Deus porque parece difícil não acreditar; é inconveniente. Socialmente, formalmente, não é bom.

Não que elas acreditem. Elas duvidam, sabem que duvidam, mas se enganam a si mesmas. Suas vidas permanecem incólumes às suas crenças; suas religiões são religiões domingueiras. Suas vidas não são afetadas de modo algum. Aos domingos elas vão à igreja e rezam, como uma formalidade social, como parte das boas maneiras. Depois, fora da igreja, continuam as mesmas. Durante seis dias permanecem irreligiosas; por um dia tornam-se religiosas. Isso é possível? Durante seis dias você permanece feio e em um dia se torna bonito? Durante seis dias você permanece ruim e em um dia se torna bom? Durante seis dias você permanece diabólico e em um dia, de repente, você se torna santo? Isso é possível?

É impossível. O sétimo dia deve ser o dia falso; os seis dias são reais. O sétimo dia é apenas um truque para enganar-se a si mesmo e aos outros.

A crença é falsa. Ela é útil, utilitária, mas falsa. A fé é totalmente diferente. Crença significa que a dúvida está oculta; fé significa que a dúvida desapareceu. Essa é a diferença.

Fé significa que a dúvida desapareceu. Crença significa que a dúvida está presente e você criou uma crença contra ela. Você duvida se Deus existe ou não, mas diz: “Eu acredito” — porque sua esposa está doente, e se você não acreditar, quem sabe? Deus *pode* existir. Ou você corre o risco de perder o emprego. Quem sabe? — Deus pode ajudar. E se você não acreditar, então ele não o ajudará. Utilitária; ela lhe é de alguma utilidade. Mas a dúvida está presente.

Fé significa que a dúvida desapareceu. Ela é a ausência de dúvida. Mas esta só pode desaparecer quando você conhecer alguma coisa em seu interior; quando a crença não lhe foi dada, o conhecimento nasce em você. Quando você conseguiu conhecer, compreender, então a fé nasce.

E a **esperança**. Esta esperança não é aquela do desejo. Esta esperança não significa esperança por um futuro. Não está de modo algum relacionada com o futuro. Esta esperança significa simplesmente uma atitude esperançosa acerca de todas as coisas. Acerca de *todas as coisas*. Uma visão otimista, uma atitude esperançosa. Um olhar para o lado bom das coisas. Aconteça o que acontecer, você permanece esperançoso, não fica deprimido.

A depressão se manifesta apenas se você olhar para o lado ruim das coisas. Todas as coisas têm dois lados: o lado ruim e o lado bom. Você pode olhar para o lado ruim e então ficará deprimido, ou pode olhar para o lado bom, o lado benigno, e ficará feliz. Portanto, depende.

A pessoa que é desesperançada olha sempre para o que é ruim. A primeira coisa que ela procura é o que está ruim. Se digo a ela:

“Este homem é um ótimo flautista” — imediatamente ela olhará para ele e dirá: “Não, não posso acreditar que ele possa tocar flauta, pois ele é um ladrão.” — Qual é a relação? Um homem pode ser um ladrão e um ótimo flautista. Mas a pessoa negará essa possibilidade. Dirá: “Não, não pode ser. Ele é um ladrão, um notório ladrão. Como pode ser um ótimo flautista?”.

Essa é a mente desesperançada. A uma mente cheia de esperança, se eu disse: “Este homem é um ladrão” — responderá: “Mas como pode ser um ladrão? Ele é um ótimo flautista.”.

Como você olha para as coisas? Com esperança ou sem esperança? Comumente, a não ser que tenha entrado em contato com a música interior, você olhará para o mundo com uma atitude desesperançada. Então tudo estará ruim, e qualquer coisa que se faça será ruim, errada. E de toda parte você extrairá miséria. Tornar-se-á um perito em ser miserável. Qualquer coisa ajudará você a ser miserável, qualquer coisa.

Quando você entra em contato com esse silêncio interior, com essa música interior, torna-se esperançoso; torna-se a esperança. Seja o que for, você vê. Você sempre toca o íntimo, o coração das pessoas. E então, não há depressão.

E o **amor**. Comumente, o amor é um relacionamento. Mas quando você entra em contato com o ser mais íntimo, o amor torna-se o seu estado, não um relacionamento. Ele não ocorre entre você e alguém mais. A partir de agora você tornou-se amor, tornou-se amoroso. Não se trata de um relacionamento. Mesmo se você estiver sozinho, sentado embaixo de uma árvore, será amoroso. Sozinho, solitário, com mais ninguém ali, você será amoroso.

É como uma flor solitária que cresce num caminho desconhecido. Ninguém passa por ali, mas a flor continua a espalhar seu perfume. É o seu estado. Não é verdadeiro que ela dará seu perfume somente se um rei passar por ali, e o negará se, por ali, passar um mendigo. Se passar um mendigo, a flor dará o

seu perfume. Se passar um rei, a flor dará o seu perfume. Se ninguém passar, mesmo assim a flor continuará a espalhar o seu perfume. O perfume é o modo de ser da flor. Não é um relacionamento.

Nosso amor é um relacionamento. E quando o amor é um relacionamento, ele cria a miséria. Quando o amor é um modo de ser, cria a bem-aventurança. Buda também está amando, mas ele não procura amar você. Simplesmente, em virtude de seu modo de ser, seu amor se espalha. Seu amor torna-se um perfume e se espalha pelos mais longínquos cantos da Terra.

Estas três qualidades se desenvolverão: fé, esperança e amor. E se as três estão presentes, você não precisa de mais nada. Elas o conduzirão ao cume supremo da vida e da existência.

"... Saiba que, seguramente, ela se encontra dentro de você. Procure-a aí, e, uma vez tendo-a ouvido, você a reconhecerá imediatamente ao seu redor."

Se você puder sentir sua música interior; sua verdade interior, sua fé interior, seu amor interior, sua esperança interior, começará a reconhecê-los ao seu redor. Todo o universo mudará a seus olhos porque você mudou. E tudo o que sentir em seu interior, será agora sentido ao seu redor.

O mundo permanece o mesmo; mas quando você muda, tudo muda. De acordo com você, seu universo torna-se diferente. Se você está enraizado no divino, toda a existência está enraizada no divino. Se você está enraizado na maldade, toda a existência é um inferno. Depende de você. Ela é você, ampliado.

Capítulo 12

Lição de Harmonia

Guarde em sua memória a melodia que você ouve.

...Somente fragmentos do som magnífico chegam a seus ouvidos enquanto você é apenas um homem. Mas se você o ouvir, recorde-o fielmente, para que nada desse som tenha chegado até você, se perca, e esforce-se para aprender com ele o significado do mistério que circunda você. Com o correr do tempo, você não precisará de nenhum professor. Pois, como o indivíduo tem voz, assim também tem aquilo no qual o indivíduo existe.

Guarde em sua memória a melodia que você ouve. Há momentos, raros, únicos, mas, ainda assim, há momentos em que você chega mais perto da melodia da existência. As circunstâncias podem ser diferentes, mas a melodia é a mesma. Uma criança que corre atrás de uma borboleta, uma criança que colhe flores no jardim, uma criança simplesmente deita sobre a grama, sente certa harmonia na existência, sente certa melodia. Nesse momento, deitada sobre a grama, relaxada ou correndo — correndo atrás da borboleta, ou correndo para colher as flores — ou não fazendo nada: apenas brincando com seixos na praia — nesse momento, a criança está totalmente unida à existência. Não há nenhuma tristeza ou pesar, nenhuma negatividade. A criança aceita a existência como ela é e é aceita pela existência.

Quando você aceita a existência, a existência o aceita. Quando você rejeita, você é rejeitado. A existência é um eco do que você faz. Tudo o que fizer com ela será feito com você.

A criança aceita. Para a criança não existe passado, nem futuro. O momento, o momento presente, é suficiente. A criança existe aqui e agora. Então, ela sente uma certa harmonia; uma melodia é sentida.

É por isso que, mais tarde, mesmo quando você fica muito velho, você continua a se recordar de sua infância; vive dizendo que a infância era um paraíso. Por quê? Porque houve muitos momentos nos quais você aceitava tudo totalmente. E uma criança é aceita totalmente. No instante em que a criança começa a rejeitar, deixa de ser criança. A infância é perdida, o paraíso é perdido.

Recorde alguns momentos de sua infância nos quais você teve o sentimento de que a vida era uma bem-aventurança, de que simplesmente *ser* era um êxtase. Simplesmente ser, respirar, era o bastante. Você não precisava de mais nada para ser feliz. Seja o que for que você fosse, era o suficiente para ser feliz.

Reúna esses momentos. Recorde-os, reviva-os. De vez em quando, esqueça a sua idade. Feche os olhos e retorne, retroceda, seja novamente uma criança. Não se recorde apenas, mas reviva. Seja novamente uma criança. Em sua memória, corra como uma criança, cante como uma criança, brinque como uma criança. Simplesmente reviva novamente sua infância e obterá uma nova luz, um novo despertar. Uma nova energia vital correrá através de você.

Quando você era jovem, amou alguém. Novamente houve êxtase. Outra vez você se sentiu totalmente bem. Nada estava errado. A vida era ótima; tudo era como devia ser. Novamente, um momento. Reúna esses momentos, mantenha-os em seu íntimo. Entre neles repetidas vezes.

Então, você envelheceu — sentado em algum templo, meditando, ou em alguma mesquita, rezando, ou em alguma igreja. E novamente sentiu um silêncio penetrar em você.

Reúna todos esses momentos, porque eles o tornarão mais capaz e mais sensível para ouvir a música sublime das esferas. Eles

são apenas fragmentos, mas neles você ouviu algo que está além de você. Seja qual for a circunstância — se uma certa felicidade o invadiu, guarde com carinho esse momento e deixe um espaço para ele em seu coração, livre de todas as outras recordações. Reúna essas recordações da música bem-aventurada que você ouviu algumas vezes; isso será útil.

Você não pode ouvir, repentinamente, a música toda. Pode ouvi-la apenas em fragmentos, porque a mente é uma coisa pequena. O raio de visão da mente é muito pequeno e o céu é muito grande. Você só pode ver fragmentos. Mas reúna esses fragmentos. Crie uma unidade entre eles, sinta uma certa unicidade neles, e você se tornará mais capaz, mais sensível, mais vivo para receber mais. Você se tornará mais receptivo.

Mas olhe para a mente humana. Ela coleciona misérias, coleciona sofrimentos, coleciona amarguras. Jamais coleciona momentos felizes. Vive colecionando miséria após miséria. Então a vida se torna um inferno. Essa é a sua coleção; é o seu modo de olhar para as coisas.

Você sempre diz que a felicidade é apenas momentânea. Mas ninguém diz que o sofrimento é momentâneo, ninguém diz que a angústia é momentânea. Você continua a sentir que a angústia é permanente, que o sofrimento é permanente e que a felicidade é momentânea. Está errado. Angústia e felicidade são similares e equivalentes; são momentâneas.

E, no final das contas, o contrário é verdadeiro. O sofrimento revela-se momentâneo e a bem-aventurança revela-se eterna. Mas, por ora, com essa mente, tudo é momentâneo. O sofrimento vai e vem, a bem-aventurança vem e vai. Mas você continua a colecionar sofrimento, logo, ele parece permanente; você nunca coleciona, nunca trata com carinho, nunca nutre os momentos felizes e alegres, logo, eles dão a impressão de serem momentâneos.

É você quem escolhe assim. Mude a sua escolha — porque, com tanto sofrimento reunido, você acumulará mais sofrimento. O

sofrimento aumentará; você está colaborando para que ele aumente. Desse modo, chegará um momento em que você estará tão coberto de sofrimento que não poderá visualizar qualquer possibilidade de bem-aventurança. Então você se tornará totalmente negativo.

Faça exatamente o contrário. Somente isso será de ajuda à sua meditação. Sempre que o sofrimento se manifesta, não o guarde. Deixe-o manifestar-se, mas não o alimente. Para que continuar a falar a seu respeito? Todo mundo vive falando sobre seu sofrimento. Por que enfatizá-lo tanto? Por que dar tanta atenção a ele? Lembre-se de uma das leis: se você der muita atenção a uma coisa, seja o que for, ela crescerá. A atenção é um elemento que ajuda o crescimento. Se você der atenção a qualquer coisa, ela crescerá mais ainda.

Atualmente, os biólogos afirmam que uma criança crescerá mais se for amada porque, através do amor, ela recebe maior atenção. Até mesmo uma planta crescerá mais se o jardineiro lhe der atenção. Se ela for negligenciada, mesmo se tudo o mais for dada a ela — o solo certo, fertilizantes, chuva, luz do Sol, se tudo lhe for dado, exceto atenção consciente — ela levará muito tempo para crescer. Isso é atualmente um fato científico: observado e considerado verdadeiro. Se você amar a planta e lhe der bastante atenção, se conversar com ela, se lhe disser, às vezes: “Eu amo você”, ela crescerá mais depressa. A atenção é uma vitamina.

A coisa mais vital na existência é a atenção. Se ninguém o ama, você começa a murchar. Se ninguém presta atenção em você, a morte se estabelece. Você quer morrer. Se alguém lhe dá atenção, você revive novamente. Atenção é vida, é o “*élan*” vital.

Se ninguém o amar, você se suicidará, porque não é capaz de amar a si próprio. Se você for capaz de amar a si próprio, se fosse capaz de dar atenção a si próprio, não necessitaria da atenção de ninguém mais. Um Buda pode viver sozinho nesta terra. Você não pode. Se ficar sozinho, suicidar-se-á imediatamente. Você dirá:

“Qual é o sentido? Por que devo viver? Quem me amará? A quem amarei?”

A mesma lei se aplica também interiormente, psicologicamente. Se você dá muita atenção ao sofrimento, ajuda-o a crescer. Se dá muita atenção à felicidade, ajuda-a a crescer. Não seja o seu próprio inimigo. Se você se encontra imerso em sofrimento é porque tem dado muita atenção às coisas erradas. Mude o foco da sua atenção. Mesmo se você possui somente uma única lembrança de um instante bem-aventurado, é o suficiente. Dê-lhe atenção e ele crescerá. A semente crescerá e se tornará uma grande árvore. Então você poderá descansar à sua sombra, poderá dançar à sua sombra. Poderá relaxar debaixo dela.

Este sutra diz:

Guarde em sua memória a melodia que você ouve. Seja qual for a circunstância em que você tenha ouvido a melodia da vida, *em qualquer circunstância*. Felicidade significa melodia. Sofrimento significa uma experiência anárquica, uma experiência caótica. Sofrimento significa uma multidão de experiências desconexas: barulho, sem nenhuma música. Felicidade significa música. Nenhum barulho, mas uma harmonia interior; nenhum caos, mas uma unidade interior.

Guarde em sua memória a melodia que você ouve, e então ela crescerá e, um dia, você será capaz de ouvir a música universal em sua totalidade. Então você não precisará de nenhum professor. Não terá de aprender com mais ninguém. Você entrará em contato direto com o divino e nenhum mediador será necessário.

Um professor é um mediador. Você não pode ouvir, e ele pode ouvir. Você não pode ver, e ele pode ver. Você não pode sentir, e ele pode sentir. Ele é necessário somente até o momento em que você mesmo se torna capaz de ouvir, de ver, de se dissolver.

Então o professor não tem mais nenhuma utilidade. Você entra em contato direto e imediato com a força universal. Então, você está no próprio rio.

E uma vez que você se tornou capaz de permanecer em bem-aventurança, de permanecer na melodia, uma vez que entrou no rio, então Deus pode conversar com você diretamente.

Lembro-me de uma história sobre um místico sufi, Bayazid, que permaneceu numa aldeia durante muitos anos. Um dia, os aldeões disseram a Bayazid: “Já faz pelo menos cinco anos que temos estado observando você, e ouvindo você. Você esteve sempre orando e falando com Deus. Agora vemos que você não fala, nem roda mais. Por que essa mudança? Você se tornou um ateu? Perdeu sua crença no divino? Você nunca mais fala, nunca mais ora.”.

Bayazid sorriu e disse: “Antes, eu falava e orava. Agora, Deus começou a falar comigo; por isso, devo ficar calado e ouvir. O processo todo se inverteu. Agora, não preciso falar. Agora, ele fala comigo.”.

Esse momento chega. Porém, esse momento chega somente quando seu coração está repleto de melodia e um silêncio divino penetra em você. Não há mais barulho. Para onde quer que você olhe, sente a música; para onde quer que você olhe, sente a unidade; para onde quer que você olhe, sente o uno nas diferentes formas. Agora, você tornou-se consciente do mar. As ondas desapareceram para você. Não há mais ondas; apenas o oceano existe. Então, o divino fala diretamente com você.

Não é uma metáfora. A existência fala com você diretamente; não é uma metáfora, não se trata de uma expressão poética. Isso acontece! Mas você precisa estar pronto. E essa prontidão significa um coração repleto de música, um coração repleto de silêncio.

Aprenda com ela a lição da harmonia.

... A própria vida tem sua maneira de falar e nunca se cala. E sua elocução não é, como supõem aqueles que estão surdos, um grito: é uma canção. Aprenda com ela que você faz parte da harmonia; aprenda com ela a obedecer as leis da harmonia.

Como você é agora, a vida lhe parece ser um grito. Ela não é. Parece ser um grito porque você está perturbado. A vida é uma canção, mas, para ouvir a canção, você precisa tornar-se uma canção, porque só o semelhante pode compreender o semelhante.

Você é um grito. É por isso que a canção da vida se parece com um grito, com um guincho. É por sua causa. Você a destrói, perturba-a, distorce-a. Quando ela vem até você, vem como uma canção; mas quando ela o atinge, transforma-se num grito, porque você é um grito. Você está doente, está enfermo. Você é fragmentado, não é total. A canção é destruída dentro de você. Torne-se uma canção e então a vida inteira parecerá uma canção. Então não haverá nenhuma negatividade. Quando você é positivo, a vida em sua totalidade torna-se positiva.

É isso o que eu quero dizer por teísta. O teísmo não significa uma crença em Deus, não significa acreditar numa teologia. O teísmo significa um sim total à existência, dizer sim à existência. Mas quando você pode dizer sim? Você só pode dizê-lo quando ouviu a canção. Como você pode dizer sim a um grito; como pode dizer sim a um barulho, um barulho infernal; como pode dizer sim à insanidade que se manifesta por toda parte, à morte, à miséria? Como pode dizer sim a isso? Mas isso ocorre por sua causa, por causa de seus olhos. Seus olhos são um elemento de deformação. É por causa também do coração. Seu coração está repleto de sofrimento, de miséria assim ele não pode encontrar outra coisa. Tudo isso é o seu próprio eco.

Este sutra diz:

Aprenda com ela a lição da harmonia.

Sejam quais forem os belos instantes, sejam quais forem os instantes de êxtase, os instantes felizes que você teve — reúna-os, trate-os com carinho, viva com eles, *viva-os*. Você se tornará mais sensível à felicidade. A felicidade será mais atraída em sua direção, o amor lhe acontecerá mais intensamente, a meditação lhe chegará mais facilmente. A vida se tornará uma benção; a existência se tornará uma celebração. Porém, você precisa criar um coração feliz.

Então, na experiência fragmentária da bem-aventurança, descubra a característica comum. Uma criança colhendo flores, um jovem amando uma jovem, um velho sentado sob uma árvore, meditando. Todos eles dizem que esse é um momento bem-aventurado — que deve haver algo comum a todos eles. Na periferia, do exterior, parece não haver nada em comum. Uma criança colhendo flores, um jovem amando uma jovem, um velho entoando um mantra. Não parece haver nada em comum entre eles. Mas se todos eles dizem: “Foi um momento bem-aventurado!” — deve haver algo em comum. Descubra esse elemento comum. Descubra o que é que se encontra sempre presente e sem o qual eles não poderiam dizer que todos esses momentos são bem-aventurados.

Talvez o velho negue a existência de algum elemento comum. Ele pode dizer: “Aquele jovem é apenas um tolo. Não há nada nas garotas. Apenas ossos e carne e todas as coisas sujas. Aquele jovem é apenas um tolo. Está desperdiçando o seu tempo.”.

Ou o jovem pode dizer: “Aquele criancinha colhendo flores está vivendo num mundo de fantasias. Não é real. Quando ela conhecer mais a vida, jogará fora essas flores. É uma estupidez. Colecionar flores é algo inútil; ela está desperdiçando o seu tempo. É ignorante.”.

Mas, ainda assim, deve haver algo em comum a todos eles. Se o velho diz que o jovem é tolo (ou se o jovem diz que a criança é

tola), isso significa apenas que a vida, para esse velho, não se tornou ainda uma unidade. Significa apenas que esse velho ainda está revoltado com sua própria infância. Ele não a pôde absorver no curso da vida. Sua juventude não se tornou parte de sua vida. Esse velho está fragmentado, dividido.

Se esse velho fosse realmente não-dividido, se estivesse à procura do elemento comum a todas as experiências, isso seria sabedoria. Encontrar o elemento comum a todas as experiências, o elemento essencial, é sabedoria. Se esse velho chegasse a compreender o que é essencial a todas as experiências bem-aventuradas, veria que quando esteve com uma jovem, amando-a profundamente, aconteceu a mesma coisa que agora acontece em sua meditação. Quando ele, em sua infância, estava colhendo flores no jardim, ou brincando com os seixos à beira-mar, aconteceu a mesma coisa.

Qual é o elemento comum? A atenção, a profunda atenção. A absorção. A criança estava absorta com suas pedras, brincando com elas. A existência toda foi esquecida. A criança esqueceu-se de si mesma. Naquele momento, não existia nada, não existia nenhuma mente. A criança estava totalmente absorta. Devido a essa absorção, a essa anulação total do ego, a bem-aventurança aconteceu. Tornou-se uma meditação.

O jovem estava absorto com sua amada. A existência toda sumiu como se nada mais existisse. Somente a amada existia. Até isso desapareceu: o amante e a amada desapareceram. Apenas o amor existia. Havia um momento que era eterno, um momento que era a própria eternidade. Nenhum passado, nenhum futuro. Agora era tudo. Era uma meditação. O amor é uma meditação. E então a bem-aventurança aconteceu.

Hoje, o velho está cantando sob uma árvore, ou está sentado num templo ouvindo os sinos, e sente-se muito feliz, em êxtase. O que está acontecendo? A mesma coisa está acontecendo numa situação diferente, numa idade diferente, numa experiência

diferente. A mesma coisa está acontecendo. O mundo desaparece. O velho não existe mais, o templo desaparece. O momento presente torna-se total. O velho está aqui e agora. Os sinos continuam a tocar. Eles não tocam no futuro; tocam no presente. Nenhuma lembrança do passado interfere, nenhum desejo futuro. O velho está aqui e agora.

Sempre que você está aqui e agora, a bem-aventurança acontece. Como uma criança a brincar com as pedras, como um jovem a brincar com sua amada ou como um velho a brincar com seu canto e com sua meditação. Se todas as três experiências puderem ser sentidas como harmoniosas, você descobriu uma das supremas leis da vida. Você tornou-se sábio. A sabedoria aconteceu a você.

Capítulo 12

Penetrando nos Corações dos Homens

Respeite intensamente toda a vida que o rodeia.

...Respeite a vida que o rodeia e que está em constante mudança e movimento, pois ela é formada pelos corações dos homens; e quando você aprender a compreender a constituição e o significado deles, será capaz, gradualmente, de interpretar o mundo mais amplo da vida.

Reverência pela vida, respeito pela vida.

Geralmente, os assim-chamados religiosos são negativos em relação à vida. Eles estão contra a vida. Observe seus rostos, observe seus olhos. Eles condenam todas as coisas. Essa atitude negativa causou em todo o mundo uma negação da vida. A religião parece ter se tornado um aliado da morte e não um amigo da vida. Ela parece ser contra a vida, pois lhe diz constantemente: "Abandone a vida. Transcenda-a. Mova-se na direção da outra vida, que se encontra além desta vida."

Deus parece não concordar que você seja uma parte da vida. É como se a vida fosse considerada uma punição. "Você está aqui porque pecou. Você não estaria aqui se não houvesse nenhum pecado em sua vida." Mas essa atitude é inteiramente doentia, patológica. Na verdade, o divino e a vida não são duas coisas. Ao contrário, são uma extensão de um único fenômeno.

Aqui e ali (isto e o além) não são duas coisas. O que está aqui, esta vida, é um degrau na direção do além. Se você negar esta vida,

não alcançará a outra; não poderá ir além. Para se ir além disto não é preciso nenhuma negação.

Para se ir além, é preciso uma profunda compreensão desta vida. Como conseguir uma profunda compreensão desta vida? Isso será impossível se você não reverenciar a vida. Reverencie a vida sempre que a encontrar; ajude-a a crescer. Seja criativo para com ela; não seja destrutivo.

Mas somos destrutivos de muitas maneiras. Olhe ao seu redor. Todas as coisas que estão profundamente associadas à vida são condenadas. O sexo é condenado, o amor é condenado, porque são a fonte da vida.

Uma pessoa religiosa precisa ser um monge, um celibatário. Por quê? Por que aquele que busca o divino precisaria ser um celibatário? Qual a necessidade disso? Por que há tanta propaganda contra sexo, contra o amor, contra a vida? É porque o sexo parece ser a fonte da vida; parece ser a energia original que move o mundo. Os que são contra o mundo certamente serão contra o sexo. “Elimine totalmente o sexo de sua vida!” — isso é o que eles ensinam. Mas se você eliminar o sexo, eliminará a vida toda. Se você for contra o sexo, não poderá reverenciar a vida. Você estará contra a própria vida.

Estes sutras são muito significativos. Eles dizem para reverenciar a vida em todas as suas formas, porque quanto mais você a reverenciar mais profundamente poderá ir. Na verdade, Deus não se encontra além desta vida, mas dentro dela. Deus é o centro, o próprio centro, e a vida é apenas a periferia. Penetre profundamente na vida e você chegará ao verdadeiro centro, ao verdadeiro fundamento da própria vida.

Deus não é o criador; ele é a própria criatividade. As concepções cristãs e maometanas a respeito de um “Deus criador” criaram muita confusão. Essas atitudes são um tanto infantis. São

admissíveis se você estiver conversando com crianças, mas absurdas se estiver conversando com pessoas de discernimento.

Conclui-se dos dogmas cristão e maometanos que Deus criou o mundo em algum lugar no passado. Ele criou o mundo em seis dias e, no sétimo dia, descansou. E, depois disso, não fez mais nada. O mundo começou a caminhar por si mesmo.

Essa concepção cria uma atitude dividida: que Deus e o mundo são duas coisas diferentes. Isso não é verdade. Deus não criou o mundo tornando-o separado de si mesmo. Não é como o pintor que pinta um quadro. O pintor é uma coisa e o quadro é outra. A concepção hindu é mais profunda. Ela diz que Deus não é como um pintor, mas sim como um dançarino: Shiva, o dançarino.

Semelhante a um dançarino, porque a dança e o dançarino não são dois. Você não pode separá-los. O pintor pode ser separado da sua pintura, mas o dançarino não pode ser separado da sua dança. O dançarino e a dança são um.

Deus não é criador, não é uma entidade separada. Deus é a própria criatividade, a própria vida. Assim, se você é contra a vida, você é contra Deus. Diz-se que Gurdjieff fez em algum lugar uma declaração muito paradoxal, mas bastante verdadeira. Ele disse que as assim chamadas religiões são todas contra Deus, porque são contra a vida. Mas a verdadeira religiosidade é sempre a favor da vida, nunca contra ela.

Se você entrar profundamente na dança, alcançará o dançarino. A dança é apenas a forma. Se entrar profundamente na dança, alcançará o próprio coração do dançarino. E se você entrar profundamente na vida, alcançará o princípio originador da vida: Deus.

Deus é criatividade. Ou, se me permitem dizê-lo, eu preferiria dizer que Deus é a própria existência. Deus é vida.

Jesus disse: “Deus é amor.” Essa foi uma das razões pelas quais ele foi crucificado — porque ele chamou Deus de “amor”. O amor é condenado, é um pecado, e ele chamou Deus de “amor”.

Isso fez com que ele parecesse muito rebelde; ele deve ter se mostrado demasiadamente a favor da vida. A velha mente judaica, a velha mente religiosa, não pôde tolerar isso. Era um sacrilégio! Jesus falando sobre Deus em termos de amor? Deus está além da vida e do amor! Você precisa abandonar todas as coisas: a vida, o amor, tudo. Somente então você pode encontrá-lo. E esse homem, Jesus, traz Deus aqui para a Terra e fala em termos de amor!

Na verdade, Deus é vida, Deus é amor. Deus é este próprio mundo. Não crie uma divisão, não crie um dualismo. Somente então você pode reverenciar a vida. Sempre que, em qualquer lugar, você se deparar com a vida — uma semente germinando, uma árvore florescendo, estrelas se movendo, um rio fluindo, uma criança rindo — lembre-se, Deus está perto de você. Quando uma criança ri, observe o riso. Entre nele. Você terá entrado no próprio templo. Quando o rio fluir, observe amorosamente. Una-se a esse fluxo, permaneça em profunda reverência.

Os hindus chamaram todos os rios de deuses; chamaram todas as montanhas de divindades. Eles tornaram a Terra sagrada. Essa é uma das coisas mais belas que já aconteceram à consciência humana. Os hindus chamam o Ganges de Mãe. Isso significa reverência pela vida. As montanhas eles chamam de deuses. Isso significa reverência pela vida. Eles veneram as árvores. Os que se tornaram intelectualmente sofisticados pensam que os hindus são estúpidos, um povo supersticioso, mas eles não o são. A árvore não é o ponto importante. Quando eles estão venerando uma árvore ou um rio, estão venerando a vida.

Uma árvore é mais viva do que qualquer templo, do que qualquer igreja; um rio é mais vivo do que qualquer mesquita. Os ídolos de pedra em seus templos estão mortos; uma árvore é mais viva. Você pode ser supersticioso, mas a pessoa que está venerando uma árvore não o é. Ela pode não estar ciente do que está fazendo, mas há uma profunda reverência pela vida em todas as suas formas, um profundo respeito.

E celebre. Onde quer que você sinta que a vida está crescendo, celebre-a, ame-a, acolha-a, e uma grande transformação acontecerá a você. Se a vida é reverenciada em todas as suas formas, você se torna mais vivo. Torna-se mais receptivo à vida, e a vida começa a fluir abundantemente em você; ela transborda em você. Bem-aventurança é isso: vida transbordando.

Mas você está mais interessado na morte e menos interessado na vida. Mais interessado na destruição, no ódio; mais interessado nas guerras do que no amor, na vida. Isso o torna morto e insensível. Antes de morrer realmente, você já está morto. Quando a morte lhe sobrevém, você já está morto. Você se transformará naquilo que você reverenciar. Se você reverenciar a vida, tornar-se-á, cada vez mais, vida. Se reverenciar a morte, tornar-se-á, cada vez mais, morte.

Lembre-se disto:

Respeite a vida que o rodeia e que está em constante mudança e movimento, pois ela é formada pelos corações dos homens; e quando você aprender a compreender a constituição e o significado deles, será capaz, gradualmente, de interpretar o mundo mais amplo da vida.

Aprenda a olhar inteligentemente para os corações dos homens.

...Estude os corações dos homens, a fim de que possa saber o que é este mundo no qual você vive e do qual você será uma parte.

Jamais olhamos diretamente para o coração de alguém. Isso é perigoso, inseguro, porque então você pode ficar envolvido; você precisará fazer alguma coisa. Assim, jamais tocamos em alguém. Permanecemos apenas à distância, longe, afastados.

Movimentamo-nos sem tocar em ninguém. E, quando digo isto, não o estou dizendo apenas no sentido físico. Psicologicamente também. Movimentamo-nos sem tocar em ninguém fisicamente. Temos medo de tocar em alguém ou de ser tocados por alguém. Psicologicamente, também vivemos dentro de uma casca: fechados, encapsulados.

Há motivos para isso. Se você penetrar no coração de alguém, terá de fazer alguma coisa a respeito. Você será inundado de amor, de valores mais nobres, superiores. Então não poderá permanecer tão mesquinho como você é, tão cruel e insensível como você é, tão egocêntrico como você é. Se olhar para o coração do outro, você terá de se dissolver. O próprio ato de olhar para o coração do outro tornar-se-á uma fusão de seus egos.

Assim, ninguém olha para ninguém. Nem sequer olhamos para os corações de nossos amigos. Nós os tomamos como algo conhecido. Nunca olhamos sequer para os corações de nossas esposas ou de nossos maridos, de nossos amantes ou amados. Criamos uma imagem e vivemos com a imagem. Nunca conversamos um com o outro diretamente, porque se você conversa diretamente não se sente seguro; torna-se vulnerável. Lembre-se disto: se você penetrar no coração de alguém, simultaneamente seu próprio coração se torna vulnerável. Não é possível de outra maneira. Se olho profundamente para dentro de você, torno-me acessível a você. Você também poderá olhar profundamente para dentro de mim.

Mas isso parece perigoso. Não quero que ninguém olhe profundamente para dentro de mim porque, na superfície, sou diferente, uma pessoa falsa. Lá dentro, lá no fundo, sou outra pessoa. Na superfície, continuo a sorrir — muito gentil, muito amável —, e lá dentro há muito ódio, muita feiúra. Assim, não quero que ninguém penetre em meu interior.

Mas se eu penetrar em seu interior, o próprio esforço para penetrar em você torna-me simultaneamente acessível a você.

Temos medo. Não queremos que ninguém nos invada, olhando para dentro de nós. É perigoso olhar para dentro do coração de alguém e ter nosso interior exposto aos olhos de alguém. Tornamo-nos encapsulados, mortos. Ficamos nos movendo dentro de uma prisão.

Dessa maneira, como você pode conhecer a vida? Se até mesmo um coração humano lhe é estranho, e se você nunca olhou para dentro dele, como pode penetrar profundamente no interior do imenso coração divino, do próprio centro da existência? Aprenda a olhar. Olhando os corações dos outros, você pode aprender a olhar profundamente. Trata-se das profundezas das pessoas. A profundidade da pessoa é o seu coração.

Conversamos através da mente, mas a mente não é o profundo. A mente está na superfície, na periferia. Conversamos, discutimos, comunicamo-nos apenas com palavras. Jamais ficamos em silêncio, nem mesmo por alguns instantes. Mesmo os que estão amando continuam a conversar incessantemente, porque, se você estiver em silêncio, o coração pode ser penetrado. Assim, continuamos a conversar e a conversar.

O marido chega em casa. Começa a falar. Coisas bobas, irrelevantes. O que aconteceu no mercado, o que aconteceu na loja, o que está nos jornais, o que se falou no rádio. Continua a falar. E a esposa também fala sem cessar: o que as outras esposas estão falando a respeito de suas casas e assim por diante. Falam, falam, falam sem cessar até caírem adormecidos. Por que tanta conversa? Qual é o propósito disso? Eles estão realmente interessados em comunicar alguma coisa? Não! Eles estão com medo de comunicar. Se ficarem em silêncio, então seus corações começarão a se comunicar; por isso, eles continuam a falar. A conversa cria uma barreira. Eles se encontram de mente para mente para que não se encontrem de coração para coração. Um encontro de corações só é possível em silêncio.

É assim que vivemos. Então dizemos que nossa vida é uma miséria. Que mais poderia ser? A miséria será inevitável. Mas não se trata do seu destino. A miséria é criação sua, você mesmo a produziu. Encapsulado, você estará na miséria. Aberto, vulnerável, você se tornará capaz de ser bem-aventurado. Essa abertura será aprendida olhando-se dentro do coração dos homens.

Este sutra diz:

Aprenda a olhar inteligentemente para o coração dos homens.

"... A inteligência é imparcial: nenhum homem é seu inimigo; nenhum homem é seu amigo. Todos, sem distinção, são seus professores. Seu inimigo torna-se um mistério que precisa ser resolvido, mesmo se levar muito tempo: pois o homem precisa ser compreendido. Seu amigo torna-se uma parte de você mesmo, uma extensão de você mesmo, um difícil enigma a ser decifrado."

O sutra diz: *Aprenda a olhar inteligentemente...* Por "inteligentemente" quer-se dizer: ser imparcial. Se você é parcial, não pode chegar ao coração. Toda parcialidade deixa-o focado na mente; apenas a consciência imparcial chega ao coração.

O coração é imparcial; a mente sempre é parcial. A mente sempre é partidária, sectária, a favor disto e contra aquilo. O coração não é nem a favor nem contra. O coração está simplesmente aberto, receptivo, acolhedor. Ele não tem inimigos nem amigos; apenas a mente tem inimigos e amigos. "Inteligência" significa imparcialidade. Somente então você é inteligente.

Se você é parcial, não é inteligente. Você pode dar a impressão de ser sofisticado, instruído, lógico, mas não é sábio, não é realmente inteligente. A inteligência se caracteriza por não ser

preconceituosa, parcial, com sentimentos a favor ou contra, pois somente assim você pode olhar para o todo.

Por exemplo: se digo que você é meu amigo, será impossível para mim entrar no seu coração. Ou se digo que você é meu inimigo, também será impossível alcançar o seu coração. Quando digo que você é meu amigo, ou meu inimigo, já o rotulei. Sinto que o conheço. Penso que já o compreendi. De outro modo, como seria possível a amizade? Quando digo que você é meu amigo, demonstro que gosto de você; estou dizendo que gosto de você. E quando digo que gosto de você, torno-me parcial. Então não posso alcançar o seu coração. Minha preferência tornar-se-á uma barreira.

Quando digo que gosto de você, estou, na verdade, impondo-me a você. Você é a *minha* preferência. Digo que você é bom porque seu modo de ser está de acordo com a minha preferência. Então, eu entrei em você, eu me impus a você. Não posso atingir o seu coração, não posso conhecê-lo como você é, por causa da minha preferência.

Quando digo que você é meu inimigo, estou dizendo que não gosto de você, que não simpatizo com você. Essa antipatia torna-se uma barreira. Quando digo que gosto de você, procuro descobrir as coisas de que eu gosto. Quando digo que não gosto de você, procuro descobrir as coisas de que não gosto. Então, estou apenas tentando comprovar essas coisas, e não tentando conhecê-lo como você é. Simpatia/amizade, antipatia/inimizade são minhas interpretações, minhas ficções. Sua realidade nua, aquilo que você é realmente, fica esquecido.

Inteligência significa que você não é nem meu amigo nem meu inimigo. Você é você, eu sou eu. Não me imporei a você. Tentarei compreender o que você é. Não segundo minhas simpatias e antipatias, mas o que você é. Cada homem é um mistério, cada homem é um enigma. Se você tentar solucionar o mistério de pelo menos um único indivíduo, se for capaz de decifrar pelo menos um único enigma, tornar-se-á capaz de muito mais, porque mesmo um

único indivíduo só é compreendido através do coração. Você terá conseguido descobrir a arte de como penetrar no coração.

E a mesma técnica, o mesmo método, ajudará você a penetrar no coração divino. O coração divino é imenso, infinito, mas o coração humano é um lampejo dele. O coração humano é um fragmento dele, vivo. Assim, não fique morto em relação à humanidade que está ao seu redor. Aprenda a amá-la, a reverenciá-la. E **aprenda a olhar inteligentemente para o coração dos homens.**

Esse aprendizado o tornará mais maduro; esse aprendizado o tornará mais sensível em relação a um aprendizado superior, que é divino. O coração do divino pode ser penetrado somente por aqueles que se tornaram capazes de conhecer o coração humano tal como ele é.

Capítulo 14

Soltar as Amarras da Personalidade

Respeite mais intensamente o seu coração.

Pois através do seu coração surge a única luz que pode iluminar a vida e torná-la clara a seus olhos.

"... Só uma coisa é mais difícil de se conhecer — o seu coração. Antes que as amarras da personalidade sejam soltas, o profundo mistério do eu não pode começar a ser visto. Enquanto você não sair do caminho, ele não se revelará, de modo algum, à sua compreensão. Só então, e jamais antes, você poderá apreendê-lo e governá-lo. Só então, e jamais antes, você poderá usar todos os seus poderes e devotá-los a um trabalho valioso."

A coisa fundamental a ser entendida é que você não pode conhecer sua própria natureza, seu próprio coração, seu próprio ser, por causa de sua personalidade, por causa de uma entidade falsa que você criou ao seu redor. Vivemos encerrados dentro de personalidades. As personalidades são falsas. Elas são, simplesmente, máscaras, fachadas a serem mostradas aos outros. Mas esse hábito torna-se tão arraigado que você se esquece completamente de sua face original. Mostrando suas falsas faces aos outros, aos poucos você se identifica com elas e começa a pensar que elas são as suas faces. Então, sua face original, sua face real, permanece oculta.

O que quer que você faça, como quer que você aja, seja o que for que você diga, lembre-se sempre de ver se isso vem de seu

coração ou de sua personalidade. Distinga claramente. Isso lhe será de grande auxílio na busca interior.

Quando você diz a alguém: “Eu te amo” — de onde estão vindo estas palavras? De onde? Qual é a sua origem? Estão vindo do seu coração? Seu coração está realmente repleto de amor? Ou estão vindo meramente de sua personalidade, de sua face falsa? Você as está dizendo apenas de um modo polido, como uma formalidade, uma etiqueta, ou as está dizendo para expressar algo mais?

Você pode desejar o corpo de alguém, pode desejar sexualmente alguém, mas você diz: “Eu te amo.” Essa afirmação não passa de uma simulação. Seria melhor se você dissesse, “Desejo você sexualmente, mas não existe amor. Seu corpo me atrai, me seduz, mas não existe amor. Pode ser que o amor aconteça, mas por enquanto ele não existe. Estou apenas interessado em seu corpo.” Mas se alguém disser que é somente o seu corpo que o atrai, você não querará essa pessoa. Você se esquivará! Dirá: “Que absurdo você está dizendo?” A face falsa precisa estar presente. Só então o corpo pode ser dado ou tomado.

Assim, você continua a cultivar a sua personalidade. Quando se sente magoado, triste interiormente, mesmo assim, você continua a sorrir. Considere se o seu sorriso é apenas um sorriso pintado em seus lábios, um exercício dos lábios ou se ele nasce lá dentro e se espalha pelos lábios. A fonte se encontra em algum lugar lá dentro, ou não há nenhuma fonte, e ele é apenas um sorriso pintado? Quando você sorrir, observe o seu sorriso e poderá saber se ele é falso ou real.

Quando alguém está triste, ou sofrendo, por ter perdido um amigo, a namorada, o marido ou a esposa, aproxime-se dele. Você se mostrará triste e pesaroso. Lembre-se, e observe profundamente em seu interior, se essa tristeza é real, ou se você está apenas aparentando-a enquanto no fundo está enfadado, tentando descobrir uma desculpa para ir embora, ou está pensando em outras

coisas e não está de modo algum interessado na pessoa: em seu sofrimento, em sua mágoa. Fique observando isso e conhecerá duas camadas diferentes em seu interior. A camada falsa é a personalidade.

A palavra “personalidade” é muito significativa. Ela se origina da palavra grega *persona*. *Persona* significa “máscara”. Nos dramas gregos, os atores usavam máscaras, faces falsas. Essas faces falsas eram chamadas *personae*. E foi dessa palavra que se originou a palavra “personalidade”. Ela é perfeita. Significa que você está agindo com uma face falsa. Ela não é você. Você está se ocultando por trás da face falsa, porque não pode revelar a sua verdadeira face.

Não estou dizendo para você sair por aí mostrando sua verdadeira face por toda parte. Não é necessário. Em alguns lugares, a *persona* é necessária. Mas deve ficar claro que, nesses casos, trata-se da *persona*, não se trata de você. Interiormente, você precisa saber quando está representando e quando é verdadeiro. Você não deve se deixar enganar por sua representação! Não deve se identificar com a sua representação! Eu sei que as faces são necessárias. De outro modo, seria difícil viver em sociedade, muito difícil. De certo modo, as faces são boas. Elas facilitam, servem para lubrificantes. E numa grande sociedade, com tantas pessoas, você não precisa revelar sua realidade por toda parte.

Alguém se encontra com você pela manhã. Você se sente incomodado com esse encontro. Você pensa: “Por que tenho de ver esse homem esta manhã? Sua presença pode estragar todo o meu dia.” Mas, exteriormente, você sorri e diz: “Bom-dia. Fico feliz em vê-lo.” Interiormente, você não está de modo algum feliz!

Contudo, no que se refere à educação, não há nada de errado nisso. Não seria adequado dizer ao homem: “Sinto-me totalmente infeliz. Você estragou a minha manhã. Sua presença é uma ameaça. Receio que, pelo fato de tê-lo visto, meu dia esteja arruinado.” Isso

não seria adequado. Desnecessário. Iria perturbar desnecessariamente o outro homem. Não há necessidade disso.

Mas você precisa saber o que é uma máscara e o que é real. Precisa estar ciente daquilo que está acontecendo dentro. O que acontece no interior é o seu ser real e o que acontece na superfície é apenas uma utilidade social. Se você pode fazer uma distinção nítida entre você e sua personalidade, então a personalidade torna-se como uma roupa. Você pode abandoná-la a qualquer momento e ficar nu.

Se você pode abandoná-la, isso significa que você está tão preso a ela que não consegue distinguir-se dela, separar-se dela; não há nenhuma distinção. Essa distinção é necessária para que pelo menos em seu quarto, em seu banheiro, você possa colocar sua personalidade de lado e tornar-se real; pelo menos em meditação, você pode jogar sua personalidade fora e tornar-se real. Ali ela não é necessária.

A meditação não é social. Ela não diz respeito a ninguém mais; só diz respeito a você mesmo. Assim, nenhuma máscara é necessária; você pode ser autêntico. Mas você não pode ser autêntico porque não conhece a distinção. Até mesmo ao meditar, eu sinto que você está fazendo muitas coisas falsas.

Freud se conscientizou — quando iniciou a psicanálise ele ainda não havia se conscientizado disso, mas, aos poucos, percebeu que os pacientes diziam coisas que não eram verdadeiras, apenas para deixá-lo feliz, para confirmar suas teorias porque, quando Freud ficava feliz, eles também ficavam felizes — somente depois de vinte anos de psicanálise foi que ele se conscientizou de que o que os pacientes diziam não era verdadeiro.

Por exemplo: Freud diz que o sexo é a raiz de toda perturbação mental. Os pacientes iam vê-lo e contavam-lhe a respeito de suas perturbações. Então eles revelaram que o sexo era a raiz de suas perturbações. Freud pensava que suas teorias estavam sendo confirmadas por centenas e centenas de exemplos. Só mais

tarde, ele se conscientizou de que muitos de seus pacientes estavam mentindo, apenas para deixá-lo feliz, para confirmar sua teoria.

Às vezes, eu sinto a mesma coisa. Quando digo: “Fique louco!” — e você fica louco, sei que você está fazendo isso apenas para me deixar feliz. Mas não há necessidade. Eu já sou muito feliz! Não há necessidade. Não faça nada que não seja verdadeiro, pelo menos em sua meditação — porque ela só diz respeito a você.

Tillich disse, em algum lugar, que a religião é algo que diz respeito ao indivíduo, é um assunto totalmente pessoal de cada um consigo mesmo. Ela não diz respeito a ninguém mais. A religião é individual; portanto, durante a meditação, você não precisa se preocupar com mais ninguém, nem mesmo comigo. Seja verdadeiro. Jogue fora suas máscaras. Qualquer coisa autêntica o ajudará a mover-se para dentro, qualquer coisa não verdadeira o ajudará a mover-se para fora.

Essa é a razão pela qual Shankara chama o mundo de ilusão. Quanto mais você se move para fora de si mesmo, tanto mais você se move na ilusão; e quanto mais você vai para dentro, mais você se move na realidade. Sua personalidade é a porta para a ilusão, para um mundo irreal de sonhos. Livre-se dessa parte, livre-se completamente dessa ponte. Pelo menos na meditação.

Não estou lhe dizendo para ser autêntico ao comportar-se na sociedade. Você ficará em dificuldades. Se tiver vontade de fazê-lo, pode fazê-lo, mas não estou pedindo isso; não me responsabilize. A sociedade lhe criará problemas. Ela não quer as suas faces verdadeiras; quer as suas faces falsas.

Mas, no que se refere à sociedade, não há nenhum problema quanto a isso. Use uma face falsa quando se dirigir para fora, mas quando se dirigir para dentro livre-se completamente dessa face. Não permaneça identificado com ela, não a carregue para dentro. Um dia poderá vir no qual você se tornará tão forte que até mesmo na sociedade você gostará de se comportar com sua face verdadeira,

mas isso depende de você. Primeiro olhe para dentro e, pelo menos momentaneamente, coloque de lado sua personalidade.

Pois, através de seu coração, surge a única luz que pode iluminar a vida e torná-la clara a seus olhos.

"... Só uma coisa é mais difícil de se conhecer — o seu coração. Antes que as amarras da personalidade sejam soltas, o profundo mistério do eu não pode começar a ser visto."

A personalidade age como uma barreira e a luz de seu coração não pode chegar até você. Desfaça-se da personalidade, mesmo que momentaneamente, temporariamente, e a luz o inundará, e você penetrará num mundo diferente: o mundo do coração.

"Enquanto você não sair do caminho, ele não se revelará, de modo algum, à sua compreensão."

Você precisa se colocar de lado: sua personalidade, seu ego.

"Enquanto você não sair do caminho, ele não se revelará, de modo algum, à sua compreensão. Só então, e jamais antes, você poderá apreendê-lo e governá-lo. Só então, e jamais antes, você poderá usar todos os seus poderes e devotá-los a um trabalho valioso."

E enquanto você mesmo não entrar em profundo contato com o âmago do seu coração, não poderá fazer nada que seja bom, que seja valioso. Não poderá prestar nenhuma ajuda a ninguém. Tudo o que você fizer, mesmo que seja com boa intenção, criará o mal, porque aquele que faz o mal é ignorante. O que você faz não é importante. Mais importante é quem você é.

Se você é ignorante, se vive em total escuridão — se a luz do coração não penetrou em você, ainda não o preencheu — você pode

ter boas intenções, boa vontade, mas tudo o que fizer resultará em mal, porque nada de bom pode vir de um coração escuro. Assim, não tente prestar nenhuma ajuda a alguém, a menos que você tenha alcançado a luz interior. Então, toda a sua vida tornar-se-á uma ajuda. Não haverá mais necessidade de fazer disso um dever; você não ajudará mais a alguém por mera obrigação. Então, a ajuda fluirá espontaneamente de você.

E quando a ajuda se torna espontânea, isenta de qualquer noção de dever, quando ela se torna amor, você não pode fazer outra coisa senão ajudar; quando não há a preocupação de fazer os outros felizes, quando, na verdade, ocorreu o contrário: você está tão feliz que agora a felicidade transborda de você e atinge os outros — só então tudo o que você fizer terá bons resultados.

Se você está repleto de luz, de felicidade, o bem acontece, sem que qualquer boa vontade se faça necessária. Contudo, boa vontade em demasia, sem que haja luz interior, pode ser perigosa aos outros. As pessoas que se ocupam em ajudar os outros, sem possuírem qualquer *sadhana* interior, criam muito mal. Toda a sociedade está sofrendo por causa dessas pessoas maléficas que se põem a ajudar os outros sem terem, de algum modo, realizado sua própria luz interior. Lembre-se disto: a primeira coisa é a sua própria auto-realização. Ajudar os outros é secundário. E não pense que, por ajudar os outros, você pode se realizar. É realizando-se que você poderá ajudar os outros, e não o contrário.

“É impossível ajudar os outros antes de ter alcançado algum conhecimento de si próprio. Quando você tiver aprendido as primeiras 21 regras e tiver penetrado no Saguão do Saber com seus poderes desenvolvidos e sua inteligência liberada, então você descobrirá que há em seu interior uma fonte da qual nascerá a fala.”

“... Essas palavras estão escritas só para aqueles que podem ler o que escrevi tanto com o sentido interior como o exterior.”

Lembre-se disto. É impossível ajudar os outros antes de ter alcançado algum conhecimento de si próprio. Resista à tentação de ajudar os outros. Será desastroso, a menos que você tenha algum conhecimento de si próprio. Não tente ser um guru, não tente prestar nenhuma ajuda, porque você causará danos, criará mais problemas. Não se esqueça de que você não pode ajudar, não pode orientar ninguém, a menos que tenha alcançado a luz interior. Quando a luz interior está presente, a ajuda, a orientação, fluirá de você.

Resista à tentação. A tentação é enorme porque o ego se sente muito satisfeito. Alguém lhe pede um conselho. Você é tentado a dar o conselho sem saber o que está fazendo, sem estar consciente de que não sabe. Se alguém lhe pergunta se Deus existe, você não é suficientemente forte para dizer: “Eu não sei.” Você diz alguma coisa. Ou diz: “Sim, Deus existe. Sou um crente” — ou então “Não, Deus não existe. Sou um descrente” — mas, em ambos os casos, você deu a sua opinião. Em ambos os casos, você confirmou algo que não sabe.

Lembre-se disto: trata-se de um ponto básico, muito importante a qualquer buscador espiritual: confirme aquilo que você sabe realmente. Se não sabe, é melhor dizer: “Não sei.”

Uma vez perguntaram a Albert Einstein: “Qual a diferença entre ciência e filosofia?”.

Sua resposta foi uma das mais sábias. Ele disse: “Se você procurar um cientista e lhe fizer uma centena de perguntas, para noventa e nove dessas perguntas ele lhe dirá: ‘Não sei’. Apenas a uma delas ele dirá: ‘Eu sei’. Contudo, acrescentará: ‘Mas trata-se apenas de um conhecimento relativo. Amanhã ele pode mudar. Não é absoluto.’”.

“Se você procurar um filósofo e lhe fizer uma única pergunta, ele lhe dará uma centena de respostas. E com absoluta convicção de que essas são as respostas corretas. Se alguém der alguma outra, será escorraçado. O filósofo dirá: ‘Ele está errado! ’.”

É por isso que a filosofia não leva a parte alguma. Respostas e respostas e respostas não levam a parte alguma. Tantas respostas para não responder nem mesmo a uma única pergunta. Falta o fundamental: o filósofo não é bastante forte para dizer: “Não sei.”.

O cientista é mais forte. Ele pode dizer: “Não sei.” E mesmo quando ele diz: “Eu sei” — acrescenta: “Até o momento isto é considerado verdadeiro. Mas nada posso dizer quanto ao amanhã. As coisas podem mudar, muitos fatos novos podem se tornar conhecidos e então a verdade terá de ser reajustada.”.

Eu gostaria de dizer que a ioga também é uma ciência; não é uma filosofia. A meditação é uma ciência; não é uma filosofia. Lembre-se disto: não dê nenhuma orientação a ninguém, a menos que você tenha algum conhecimento, alguma experiência. E, mesmo nesse caso, não deixe de dizer aos outros que “essa é a minha experiência. Pode não ser assim para você. É a maneira pela qual eu cheguei a isso. Seu caminho pode ser outro; isto pode não se mostrar verdadeiro para você. Portanto, não siga o meu conselho cegamente. Você pode experimentá-lo. É uma experiência aberta.”.

Então você pode ser de alguma ajuda. De outro modo, poderá criar perturbações. Não se deixe levar pelas tentações. Não aconselhe, a menos que saiba realmente. Não oriente. Primeiro, seja um discípulo; não tente ser um mestre. Um dia você será um mestre. Quando tiver se tornado um discípulo total e completo, o mestre emergirá de você. Mas não antes desse momento, não antes desse tempo. Aguarde. O tempo virá.

Capítulo 15

O Caminho Foi Encontrado

Tendo adquirido o uso dos sentidos internos, tendo vencido os desejos dos sentidos externos, tendo vencido os desejos da alma individual, e tendo adquirido conhecimento, prepare-se agora, ó discípulo, para entrar realmente no caminho. O caminho foi encontrado: esteja pronto para trilhá-lo.

Tendo adquirido o uso dos sentidos internos... Conhecemos a respeito de nossos sentidos externos, mas cada sentido possui uma dupla dimensão. Por exemplo, os olhos. Eles podem olhar para fora. Esta é apenas uma dimensão de sua função. Eles podem também olhar para dentro. Esta é sua outra função. Ou os ouvidos. Você pode ouvir o que está acontecendo no exterior. Esta é uma função, uma dimensão. Você pode também ouvir o que está acontecendo no interior. Esta é a outra função, a outra dimensão.

Cada sentido possui duas portas. Uma se abre para o mundo exterior; a outra se abre para o mundo interior. Cada sentido é tanto externo como interno, mas usamos nossos sentidos somente de uma única maneira. Tornamo-nos fixos; esquecemos que esses mesmos sentidos podem ser usados para se alcançar o interior.

Tendo adquirido o uso dos sentidos internos... Tendo adquirido as dimensões ocultas dos sentidos, muitas coisas podem tornar-se possíveis. Um novo mundo se abre diante de você. O interior é tão vasto quanto o exterior, o interior é tão imenso quanto o exterior. Você se encontra exatamente no meio: encontra-se entre o universo interior e o universo exterior.

O exterior é vasto. Dizem que é infinito, sem fim, sem começo; não há limites para ele. A mesma coisa também é verdadeira para o interior. Nenhum limite — o espaço interior é, por sua vez, infinito. O exterior está sendo pesquisado por métodos científicos. O interior pode ser pesquisado através de métodos iogues.

A ciência se desenvolveu bastante e adquiriu um imenso conhecimento a respeito do mundo exterior. Mas o mundo interior foi esquecido; não se pensa mais nele. Atualmente, somos ricos no que diz respeito ao mundo exterior, às experiências exteriores, e tornamo-nos absolutamente pobres, mendigos, no que diz respeito ao interior. Mas qual a vantagem de conquistar o mundo exterior se, ao conquistá-lo, você perde a si mesmo? Perdendo-se a si mesmo, o que se ganha? Mesmo se você conquistar o mundo todo, nada será ganho. Se você perde a si mesmo, então, o próprio sentido da vida, sua própria significação, a beleza, a verdade, o bem, tudo é perdido. O homem pode acumular coisas, acumular poderes, à custa de perder a si mesmo. Então, o ponto fundamental é perdido.

A ciência tenta ampliar os sentidos externos. Hoje em dia, através de aparelhos mecânicos, podemos olhar para o espaço longínquo. Os olhos são ampliados pelo método científico. Podemos, atualmente, ouvir a longas distâncias. A tecnologia científica amplia nossos ouvidos.

A mesma coisa também é possível para os sentidos internos. Através da meditação, da ioga, do tantra — tecnologias internas — seus sentidos internos são ampliados. E, uma vez ampliados, muitas coisas são reveladas a você.

A menos que elas lhe sejam reveladas, sempre parecerão ser mitos, superstições. Ouvimos e lemos muitas coisas sobre Buda, Jesus, Krishna, nas quais não conseguimos acreditar. Maomé, Zaratustra, Moisés — todos eles parecem, hoje, mitológicos, porque tudo o que eles dizem não podemos experimentar por nós mesmos. Perdemos o contato. Moisés diz que ouviu a voz de Deus no Monte

Sinai. Como podemos acreditar nisso? Jamais ouvimos algo semelhante.

Se você for a uma tribo primitiva e contar que, através do rádio, podemos ouvir vozes emitidas a partir de enormes distâncias, as pessoas dessa tribo não poderão acreditar nisso. Ou, se você contar-lhes que, pela televisão, vemos imagens de coisas que estão acontecendo em lugares bastante distantes, eles não acreditarão, porque nunca experimentaram tal coisa.

Do mesmo modo, tornamo-nos primitivos no que diz respeito ao interior. Moisés diz que ouve Deus. Jesus conversa com seu pai que está no céu. Aos nossos olhos, eles parecem neuróticos. Devem ser loucos. Há muitos estudos sobre Jesus, estudos psicológicos, que afirmam que ele deve ter sido insano. “O que ele quer dizer com conversar com Deus? Onde está Deus? Como você pode conversar com ele? E como pode Deus conversar com você? Jesus deve ter sido insano. Deve ter tido algumas alucinações e deve ter acreditado nelas. Era um neurótico.” Ele parece um neurótico porque nos tornamos primitivos no que diz respeito ao mundo interior.

Se seus sentidos forem apurados, se seus sentidos interiores estiverem vivos, se você chegar a conhecer o modo de usá-los, poderá também entrar em sintonia com o divino. Você poderá ouvir, poderá escutar, poderá ver, poderá entrar em contato com os mistérios. Eles existem sempre. Moisés não é um neurótico — nós é que nos tornamos primitivos. Jesus não é um louco — nós é que perdemos o contato com o interior.

Tendo adquirido o uso dos sentidos internos, tendo vencido os desejos dos sentidos externos... Porque, se os desejos dos sentidos externos ainda estão vivos, você não pode se mover para dentro. Desejo significa o modo de se ir para fora; o desejo é o caminho que leva para fora. Se sua mente ainda está desejando, você não pode se mover para dentro.

É por isso que há tanta insistência no estar-sem-desejo. Não se trata de um conceito moral. O estar-sem-desejo é um conceito científico. Se você quer se mover para dentro, sua mente precisa perder todo o desejo de se mover para fora. De outro modo, como você pode se mover para dentro? É pura matemática. Se você quer ir para a esquerda, precisa abandonar o desejo de ir para a direita. Caso contrário, uma perna se move para a direita, enquanto a outra se move para a esquerda. Você enlouquecerá; ficará insano. É impossível se mover em duas direções ao mesmo tempo. O desejo leva para fora. O estar-sem-desejo, para dentro.

...tendo vencido os desejos externos, tendo vencido os desejos da alma individual... Se você ainda é egocêntrico, pensa sempre em função de seu próprio ego; pensa sempre em função de sua própria individualidade, de seu próprio interesse. Nesse caso, as mais profundas verdades da existência não lhe podem ser reveladas. Você não está pronto para elas; não é digno delas. Além disso, essa revelação, nesse momento, pode ser perigosa. Tente entender isso.

A ciência, por exemplo, conseguiu compreender atualmente alguns mistérios básicos a respeito da matéria. A ciência forçou a matéria a lhe revelar alguns segredos a respeito da energia atômica. Isso tornou-se destrutivo. O homem ainda não está pronto, ainda não é digno de conhecer um segredo tão poderoso. A ciência forçou a matéria. A ciência é agressiva.

Atribuem-se a Einstein as seguintes palavras: "Se eu nascesse de novo, não desejaria ser um cientista. Preferiria ser um encanador. Tudo o que fiz é destrutivo. Tudo o que revelei, durante toda minha vida, é inútil e nocivo. Tudo indica que poderei ser uma das pessoas responsáveis pela destruição de toda a humanidade."

Seus últimos dias foram de profundo sofrimento. Um segredo havia sido revelado, mas o homem ainda não estava pronto, ainda não era digno dessa revelação. O homem ainda é

infantil, estúpido, tolo. Esse imenso poder — a energia atômica — não lhe podia ser entregue.

Mas agora os políticos se apoderaram do segredo. E os políticos só podem ser estúpidos, não podem ser outra coisa, porque qualquer pessoa que tenha ambições políticas é egoísta. O desejo de conquistar o poder é o desejo do ego, e o ego é a coisa mais estúpida que pode haver. Obriga-o a fazer qualquer coisa; o ego é louco. A ambição política é uma obsessão do ego.

Os cientistas descobriram alguns segredos e os políticos se apoderaram desses segredos. Então eles destruíram Hiroxima e Nagasáqui. E agora, estão prontos para destruir todo o planeta. A Terra inteira pode ser destruída a qualquer momento. Temos atualmente mais forças destrutivas do que seria necessário para destruir a Terra; temos sete vezes mais. Podemos destruir sete Terras iguais a esta; esta não é nada. E estamos desenvolvendo mais e mais poderes destrutivos. Para quê? Por que há tanto desejo de morte e destruição? Einstein diz que foi uma tolice da parte dos cientistas forçar a natureza a revelar certos segredos, dos quais o homem ainda não era digno. Mas você pode fazê-lo, porque a matéria pode ser violentada.

Você não pode fazê-lo interiormente. A consciência não pode ser forçada. Nenhum segredo interior lhe pode ser revelado, a menos que você esteja pronto para isso. A não ser que ele seja benéfico a você e aos outros, não pode ser revelado. Assim, este sutra diz, **tendo vencido os desejos da alma individual** — a ambição, o ego, o desejo de poder, a idéia de se considerar o centro do universo —, a menos que você tenha vencido esses desejos, os segredos mais profundos da consciência não lhe podem ser revelados.

...tendo vencido os desejos da alma individual, e tendo adquirido conhecimento, prepare-se, agora, ó discípulo, para entrar realmente no caminho.

Tudo aquilo com o que nos ocupamos até agora foi um trabalho dedicado à consciência: à sua própria consciência, à consciência subjetiva. Até o momento, todos os sutras eram para trabalhar, atuar, alterar, transformar, mudar a consciência subjetiva. Quando alguém se torna totalmente consciente de seu mundo subjetivo, pode entrar na realidade.

Lembre-se disto: se você se move para dentro, move-se para o subjetivo; se você se move para fora, move-se para o objetivo; se você se move para além de ambos, move-se na realidade. O objetivo não é realidade; o objetivo é apenas uma parte da realidade. O subjetivo também não é a realidade. Ele é, por sua vez, uma parte da realidade. Quando a subjetividade e a objetividade são, ambas, transcendidas, você entra na realidade.

Se você usar seus sentidos para a jornada exterior, alcançará os objetos. Se usar seus sentidos para a jornada interior, alcançará o sujeito, o conhecedor. Através do exterior, o objeto: o conhecido. Através do interior, o conhecedor: o sujeito, o eu. Mas cada um deles é apenas uma parte. A realidade consiste em ambos.

De fato, os dois são um. A isso denominamos Brahma: a realidade suprema. Você não pode entrar na realidade suprema através do objeto ou através do sujeito. Precisa perder os dois. É por isso que para conhecer a alma você precisa usar os sentidos internos, e para conhecer a matéria precisa usar os sentidos externos; mas para conhecer Brahma não precisa usar nenhum sentido, seja externo, seja interno. Se você quer entrar na realidade suprema, os sentidos precisam ser totalmente abandonados, tanto os externos quanto os internos. Sem os sentidos, entra-se na realidade.

É por isso que Shankara não pode admitir que a ciência conheça a realidade. Ele diz que a ciência conhece apenas o objetivo. E ele não pode admitir que aqueles que defendem a inexistência de Brahma conheçam a realidade, porque conhecem apenas o eu

subjetivo. Somente aqueles que vão além de ambos — além dessa dualidade de objeto e sujeito — conhecem a verdade suprema.

... prepare-se, agora, ó discípulo, para entrar realmente no caminho. O caminho foi encontrado: esteja pronto para trilhá-lo.

Pergunte à terra, ao ar e à água, a respeito dos segredos que eles guardam para você.

Se você está disposto a abandonar as distinções entre o objetivo e o subjetivo, pode perguntar diretamente.

Pergunte à terra, ao ar e à água, a respeito dos segredos que eles guardam para você.

Você pode perguntar diretamente aos elementos. Se você está disposto a abandonar a divisão entre o sujeito e o objeto, se está disposto a abandonar todos os pensamentos, se está disposto a abandonar sua mente, sua ação mental, se está disposto a abrir espaço em você e se tornar vazio, pode perguntar aos elementos a respeito dos segredos que eles contêm para você.

E que segredos eles contêm? Buda aconteceu neste mundo. Ele está registrado na terra, no ar, na água, no céu, no espaço, em todas as coisas. O acontecimento de um Buda é um fenômeno tão imenso que o universo registra como ele acontece. Krishna dançou nesta terra. Ele está registrado. O próprio fenômeno é tão culminante que a terra não pode esquecê-lo, o céu não pode esquecê-lo. Eles o registram. Tudo o que acontece de tamanha magnitude é registrado pelos elementos.

Você pode perguntar diretamente. Se você se encontra totalmente vazio, pode perguntar diretamente, e a terra revelará seus segredos. Se Krishna proferiu realmente o sermão do Gita no campo de batalha de Kurukshetra, isso deve estar oculto em alguma

parte do ar, no coração do ar. Se você está pronto, se você merece, o ar pode lhe revelar as mais secretas doutrinas.

Você se sentirá muito estranho quando isso lhe for revelado, sentir-se-á muito confuso, porque o Gita que foi registrado pelo homem nada significa; está profundamente errado. Muitas coisas foram projetadas nele, muitas coisas foram suprimidas dele. Ele não é a coisa real; é apenas um registro humano. E é natural à mente humana errar.

Mas as forças elementares da natureza também registram, e seus registros são absolutamente verdadeiros, porque não há nenhuma mente que interprete, altere, acrescente ou suprima. O mais puro está ali registrado. Se Maomé falou, se Jesus falou, isso está registrado ali. A Terra não pode perder o contato com seres tão altamente evoluídos, tão altamente desenvolvidos, com seres transformados. Ela não pode perder o contato com eles; o contato permanece. Ele pode ser revelado a você. O desenvolvimento de seus sentidos interiores fará com que você se torne capaz de penetrar nisso.

Pergunte aos santos da Terra a respeito dos segredos que eles guardam para você. A conquista dos desejos dos sentidos externos lhe fornecerá esse direito.

Pergunte aos santos da Terra a respeito dos segredos que eles mantêm para você. Nós existimos no corpo, mas há muitos santos ao seu redor que existem num estado incorpóreo. O espírito humano pode existir tanto num corpo como numa forma não-corpórea. A forma não-corpórea ainda faz parte do universo; ainda está no mundo. Não escapou dele; a liberação não aconteceu ainda. Essa forma incorpórea está sujeita a voltar, tende a voltar. Simplesmente aguarda pelo útero certo.

Há muitos mestres sagrados que existem numa forma não-corpórea, que não estão totalmente iluminados. Quando um ser se

ilumina totalmente, ele desaparece do corpo e da própria forma. Desaparece completamente; dissolve-se na fonte do mundo. Buda, Jesus — eles se dissolveram, regressando à fonte original. Porém, há muitos outros que não estão totalmente iluminados, mas que chegaram a conhecer muitas coisas, a compreender muitas coisas belas, muitas verdades (mas não “a” verdade). Eles compreenderam muitas, muitas coisas e alcançaram um certo nível. Eles não estão iluminados, mas alcançaram um certo nível. Por isso, são denominados “santos”. Eles podem ajudá-lo muito. Se você está aberto a eles, pode entrar em contato com eles. Na teosofia, eles são denominados “os Mestres”.

O livro *Luz no Caminho* foi ditado pelos Mestres a Mabel Collins. Os Mestres conhecem muitos segredos que desapareceram da Terra, dos registros da humanidade, ou foram distorcidos. Ou simplesmente não podemos lê-los porque a linguagem foi esquecida. Ainda não é possível saber o que está escrito na cultura Harappa Mohenjodaro. Continua a ser um segredo. Sabemos que alguma coisa está escrita, mas o que está escrito não sabemos. A forma permanece, mas as chaves estão perdidas. Conhecemos muitas escrituras de diversas culturas, mas a linguagem se perdeu.

Esses santos podem revelar muitas coisas que permanecem conservadas. Eles podem fazer-nos lembrar. Você pode entrar em contato com elas se estiver silencioso, inocente, movendo-se para dentro. Se você está usando seus sentidos internos, pode entrar em contato com eles e sua vida pode ser transformada muito facilmente. Você, sozinho, pode levar muitas vidas para alcançar a meta; mas, com esses santos, isso pode se tornar mais fácil.

E há muitos deles. Você precisa apenas estar aberto, sem medo, disposto a receber a orientação, e então a orientação lhe será dada. Mas antes que possa recebê-la, você precisa predispor-se à receptividade, à profunda receptividade. Através da meditação, essa receptividade se manifestará em você. E não há outro caminho.

Apenas através do silêncio você se tornará capaz de ouvir alguma coisa que venha do além.

Lembre-se constantemente de uma coisa: você precisa se tornar cada vez mais silencioso e concentrado em seu interior. Sempre que tiver algum tempo, feche os olhos e mova-se para dentro. Não se ocupe quando não houver nenhuma ocupação, não permaneça ocupado desnecessariamente.

Vejo pessoas que estão desnecessariamente atarefadas. Tenho visto pessoas que lêem o mesmo jornal várias vezes. Elas não têm nada para fazer, então lêem o mesmo jornal repetidas vezes. Não podem permanecer vazias, não podem permanecer desocupadas. Ser meditativo significa aprender a permanecer desocupado, vazio.

Feche os seus sentidos externos e dirija-se para dentro. Utilize qualquer tempo que encontrar para isso, e logo chegará o dia em que isso se tornará tão fácil quanto entrar e sair de sua casa. Você sai de sua casa sem nenhuma dificuldade; você volta para sua casa sem nenhuma dificuldade. Você não precisa nem sequer pensar a respeito de como sair e entrar. Você sai quando precisa sair; entra quando precisa entrar. O fenômeno de ir para dentro de si mesmo torna-se igualmente simples se você o praticar. Então, você pode saltar para fora a qualquer momento, e pode saltar para dentro a qualquer momento.

E, uma vez que você se torna capaz desse simples movimento, torna-se livre. Então, o mundo não pode perturbá-lo. Nada pode perturbá-lo, porque nada o atinge quando você se encontra em seu centro mais profundo. Quando você está na periferia, o mundo o atinge. Quando está no centro, você está além do mundo.

Capítulo 16

O Segredo derradeiro

Pergunte ao mais íntimo, ao uno, sobre o segredo derradeiro que ele guarda para você através dos tempos.

A grande e difícil vitória, a conquista dos desejos da alma individual, é um trabalho que requer tempo; portanto, não espere obter sua recompensa, enquanto não forem acumulados muitos anos de experiência. Quando o momento de aprender esta regra é chegado, o homem está a ponto de se tornar mais do que homem.

O conhecimento, que agora é seu, só lhe pertence porque sua alma tornou-se una com todas as almas puras e com o mais íntimo. Ele é um bem que lhe é confiado pelo Supremo. Traia-o, faça mal uso de seu conhecimento ou negligencie-o, e é possível que, mesmo agora, você caia do elevado estado que alcançou. Seres notáveis já caíram, até mesmo do limiar, incapazes de sustentar o peso de suas responsabilidades, incapazes de passar adiante. Portanto, aguarde, sempre com respeito e temor, por este momento, e esteja preparado para a batalha.

Pergunte ao mais íntimo, ao uno, sobre o segredo derradeiro que ele guarda para você através dos tempos. Somos muitos apenas na periferia; a multiplicidade existe apenas na circunferência. Quanto mais nos movemos em direção ao centro, mais nos movemos em direção ao uno. No centro, somos um.

Na periferia, existimos como muitos. Sua personalidade é diferente da personalidade do seu vizinho. Sua individualidade é

diferente de todas as demais. Mas seu centro mais profundo não é diferente. Seu centro mais profundo é o centro mais profundo de tudo. Quando você o alcança, alcança o uno.

O mundo todo é apenas a circunferência. O centro — você pode chamá-lo de Deus ou pode chamá-lo de alma suprema ou do que preferir — mas quando você alcança o seu centro mais profundo, alcança o centro mais profundo de tudo. E aí, nesse uno, todos os segredos estão ocultos. Aí, todos os mistérios podem ser revelados a você.

Você não pode conhecê-los antes disso. A menos que penetre no templo mais profundo do uno, os mistérios permanecerão mistérios. Você pode criar muitas teorias e filosofias sobre eles, mas não serão de nenhuma utilidade; serão fúteis, insignificantes. Você pode filosofar à vontade, mas nada pode ser concluído. Isso tem acontecido por muito tempo. Muitos séculos se passaram e os homens estiveram filosofando, criando milhares e milhares de filosofias, teorias e sistemas sem nenhum resultado. Você pode criá-los, mas trata-se de algo mental. Você não conhece.

Você pode imaginar. Pode criar um sistema bastante coerente de pensamentos, mas não será outra coisa senão seus pensamentos, seus sonhos. Os filósofos são criativos, mas criam sonhos, fantasias. Criam sistemas lógicos, apresentam argumentos para defendê-los, mas a verdade não pode ser criada através de sistemas lógicos; a verdade não pode ser alcançada por argumentos. Seja o que for que você alcance, será apenas uma hipótese. A verdade só pode ser alcançada através da experiência.

Essa é a diferença entre filosofia e religião. A religião diz que a verdade não é conhecida porque você não é capaz de conhecê-la. A menos que você seja totalmente transformado — a menos que se torne um ser diferente, a menos que sua perspectiva mude, que seu modo de ver mude, que seus olhos mudem, que seu coração mude — você não conhecerá a verdade. A verdade não pode ser

conhecida através da contemplação; ela só pode ser conhecida através da sua transformação interior.

A contemplação é possível, mas você permanece o mesmo; apenas continua a pensar com a sua cabeça. Você pode criar muitas coisas em sua cabeça. Pode acreditar nelas, mas sabe que elas são criações suas. A verdade não é uma criação; você não pode criá-la. Pode apenas revelá-la, descobri-la — ela está oculta. Os argumentos não serão de nenhuma ajuda. Somente uma autêntica viagem para dentro será de alguma utilidade.

A religião é antifilosófica. Ela diz que a filosofia não tem nenhuma utilidade; trata-se apenas de uma ginástica intelectual. Você pode apreciá-la; é um jogo de palavras, de lógica, de argumentos, mas não lhe dará nada; você não chegará a parte alguma. Estará apenas sentado em sua cadeira confortável, com os olhos fechados, pensando, pensando e pensando. Você pode continuar pensando por muito tempo. Pode pensar coerentemente, consistentemente, mas, mesmo assim, não dará um passo sequer na direção da verdade.

Você pode até mesmo se afastar cada vez mais, porque a verdade não é uma construção mental. Ela já está aí; não é uma construção mental. Ao contrário, por causa de sua ação mental, devido à excessiva atividade de sua mente, a verdade se oculta. Sua mente cria as nuvens. Você fica se movendo nas nuvens e o céu se oculta. Disperse as nuvens, disperse os pensamentos, disperse os argumentos, a lógica, as filosofias, e subitamente a verdade se revela. Ela sempre esteve aí; ela já é um fato. Você não precisa fazer nada para criá-lo. Você precisa simplesmente ser dócil a ela, render-se a ela, sem pensamentos, alerta, atento, e ela se manifesta. Ela sempre esteve aí. A verdade está oculta dentro de você; portanto, você não precisa ir a parte alguma. Não há necessidade de ir para o Himalaia. A única coisa necessária é ir para dentro.

Este sutra diz:

Pergunte ao mais íntimo, ao uno, sobre o segredo derradeiro que ele guarda para você através dos tempos.

Mas somente através do não-pensar é que você pode perguntar. Isso parece contraditório, pois sempre que perguntamos utilizamos o pensamento. O nosso método habitual de perguntar consiste em pensar e pensar. Mas esse questionamento, o questionamento religioso, não consiste em pensar. O questionamento religioso pode ser feito somente quando você está alerta e sem pensamentos.

Lembre-se disto: dou ênfase ao estado de se estar alerta, sem pensamentos, porque quando você não está pensando, caso não estiver também alerta, poderá adormecer. Então não será de nenhuma utilidade. Quando você está pensando, está alerta, mas de nada adianta, porque o pensamento cria as nuvens. Ou então, você pode estar sem pensamentos e adormecido. Isso também de nada adianta, porque o céu está ali, mas você está adormecido e não pode vê-lo. Portanto, duas coisas são necessárias: o não-pensar e o estar alerta. Consciência, sem nenhum pensamento. Atenção, sem nenhuma mente. Se você pode criar este fenômeno em seu interior (de um lado, nenhuma mente, de outro, atenção), isso é meditação; é a isso que denomino *dhyana*.

Nesta situação, a verdade torna-se revelada. E essa verdade é una, a mais profundamente una. Ela não é sua. Esse centro é o centro de toda a existência.

Você existe apenas na periferia, na circunferência. Quanto mais para dentro você se move, menor você se torna. Quando alcança o centro mais profundo, você não existe mais. Num certo sentido, você não existe mais; o velho morreu. Mas, num outro sentido, você existe pela primeira vez, pois agora a realidade mais profunda Ihe é revelada, o eterno Ihe é revelado. Agora você alcançou aquilo que nunca muda.

A grande e difícil vitória, a conquista dos desejos da alma individual, é um trabalho que requer tempo; portanto, não espere obter sua recompensa, enquanto não forem acumulados muitos anos de experiência. Quando o momento de aprender esta regra é chegado, o homem está a ponto de se tornar mais do que homem.

Quando você vai para dentro, em direção ao uno, atinge um novo estado de existência e de ser. Torna-se mais do que homem; torna-se um super-homem. Você vai mais alto que a condição humana; o animal humano é transcendido.

O animal humano vive adormecido, num sono profundo, inconsciente. Você vai fazendo coisas enquanto está profundamente adormecido. Anda pela rua e está adormecido. Come seu alimento e está adormecido. Ouve minhas palavras e está adormecido. Você não está alerta, não está atendo. Interiormente, a mente continua a tecer coisas, o sonho continua.

Você pode estar aqui fisicamente. Psicologicamente, você pode não estar aqui. Então, você está adormecido. Em sua mente, você pode ter se movido para alguma outra parte. Se você se moveu para alguma outra parte, então, conscientemente, você não está aqui. Apenas seu corpo físico está aqui.

Lembre-se disto: o que quer que esteja fazendo, faça-o de tal modo alerta, com tamanha atenção, que sua consciência esteja ali; não permita que ela se mova. Só então você saberá o que significa estar atento. A cada instante, mova-se no presente. Não se distancie do presente, ou terá ido para os sonhos. Essa atenção torna-se totalmente diferente da humanidade comum. Você está alerta. Tornou-se mais do que homem.

O conhecimento, que é agora seu, só lhe pertence porque sua alma tornou-se una com todas as almas puras e com o mais íntimo.

Assim, não assuma de modo algum uma atitude egoística em relação a esse conhecimento, não pense que adquiriu um estado super-humano porque você está alerta. Você está alerta, está atento, transcendeu a humanidade apenas porque agora você está se tornando uno com todas as grandes almas. Está se tornando uno com a própria existência.

Não assuma uma atitude egoística em relação a isso, porque, se isso acontecer, a jornada cessa. Você pode recuar novamente. O egoísmo é o último ponto pelo qual o sono pode entrar outra vez. O egoísmo é o ponto pelo qual a inconsciência pode, de novo, vir a você. Você pode cair de volta na armadilha, pode começar a sonhar novamente.

Ele é um bem que lhe é confiado pelo Supremo. Essa consciência é um bem que lhe é confiado pelo Supremo, pela unidade mais profunda.

Traia-o... Você pode, mesmo agora, traí-lo; pode recuar novamente. Você ainda é fluido; ainda não está cristalizado. O velho estado foi-se embora, o novo ainda está se formando — está num estado fluido. Você pode voltar atrás, pode recuar. A transformação não aconteceu em sua totalidade. Você está diferente apenas em parte. Uma parte de você ainda é o velho.

Ele é um bem. **Traia-o, faça mal uso de seu conhecimento...** Você pode traí-lo. Se assumir uma atitude egoística — se disser: “Este conhecimento é meu” — se disser: “Eu consegui conhecer. Eu compreendi. Eu conheci Deus. Eu me tornei isto e aquilo” — se você reivindicar, terá traído. A reivindicação mostra que o ego ainda persiste em você; o ego está por trás dela. Você tornou a cair na armadilha. Aquele que conheceu não alegará que conheceu. Não há nenhuma necessidade de se reivindicar. Toda a reivindicação vem do ego; reivindicação significa ego. Se você reivindica, está traindo esse bem.

Faça mal uso de seu conhecimento... Você pode usá-lo mal. Pode usá-lo para explorar os outros, pode usá-lo para dominar os outros, pode usá-lo para fins que não são espirituais, mas então você recuará. O conhecimento é perigoso porque conhecimento é poder, e se você o usar para fins que não sejam corretos, perderá o controle; você recuará. Aquilo que lhe foi dado pode ser tomado de volta. Ninguém o retira de você — você, você mesmo, é que o perde.

Ou *negligencie-o*... Você pode negligenciá-lo. Se negligenciá-lo, ele cessará de se desenvolver. E, lembre-se, se alguma coisa não está se desenvolvendo, você está voltando para trás. Na existência, nada é estático. Ou você se desenvolve ou você retrocede; ou se move para frente ou se move para trás. Você não pode permanecer em repouso. Eddington disse, em algum lugar, que a palavra “repouso” é a palavra mais ilusória. Não há no mundo nada que se assemelhe a isso. Ou as coisas estão avançando ou estão retrocedendo. Ou você está crescendo em alguma coisa, ou está decrescendo. Não há nada semelhante ao repouso; seja onde for que você esteja, você não pode repousar. Se estiver tentando repousar, você recuará. Mesmo se quiser repousar no ponto em que se encontra, precisa se desenvolver mais. Somente através do desenvolvimento você pode repousar. De outro modo, recuará.

... negligencie-o — você pode negligenciá-lo — e é possível que, mesmo agora, você caia do elevado estado que alcançou. Seres notáveis já caíram, até mesmo no limiar, incapazes de sustentar o peso de suas responsabilidades, incapazes de passar adiante. Portanto, aguarde, sempre com respeito e temor, por este momento, e esteja preparado para a batalha.

Até mesmo do próprio limiar do templo do divino você pode se afastar. Bastaria uma batida e a porta teria sido aberta; mas se

you não bater, poderá ir-se embora. Quanto mais perto você está, maior a possibilidade de se afastar, porque você se torna mais seguro de que alcançou o conhecimento. Isto é ainda mais perigoso. A menos que você tenha alcançado o conhecimento tornando-se uno com a chama, não fique demasiado seguro. Você pode perdê-lo a qualquer momento. A segurança pode ser perigosa.

Ocorre que, sempre que você chega bem perto da meta, sente-se muito cansado. Quer repousar. Você sabe que agora o templo está bem próximo e que pode alcançá-lo a qualquer momento; não há nenhuma dificuldade. “Posso relaxar um pouco, repousar um pouco.” Então você pode perder aquilo que estava bem próximo. Ele pode se distanciar. Relaxar perto da meta é perigoso porque, no momento em que você relaxa, pode recuar. E quando você se tornar novamente atento, descobrirá que o templo desapareceu.

Quando a meta está próxima, não relaxe seu esforço. Ao contrário, concentre agora toda a sua energia nisso; deixe-se absorver totalmente. Este é o momento referido no sutra, quando diz, **aguarde, sempre com respeito e temor, por este momento**. Não relaxe. Não há relaxamento enquanto você não se tornar uno com Deus. Antes disso, nenhum relaxamento é possível.

Capítulo 17

A Voz Silenciosa

Está escrito que, para aquele que está no limiar da divindade, nenhuma lei pode ser criada, nenhum guia pode existir. Contudo, a fim de instruir o discípulo, o esforço final pode ser expresso da seguinte maneira:

Agarre-se firmemente àquilo que não tem nem substância nem existência.

Está escrito que, para aquele que está no limiar da divindade, nenhuma lei pode ser criada, nenhum guia pode existir.

O supremo é desconhecido. Nada se pode dizer sobre ele porque nada que possa ser dito será verdadeiro. Ele permanece indefinível, desconhecido, inexplorado, por muitas razões. Não somente desconhecido, mas, em certo sentido, desconhecível.

A primeira razão é que aqueles que nele penetram nele se dissolve. Eles não podem permanecer eles mesmos. São totalmente destruídos por ele. Eles renascem, são totalmente novos. E somente o velho pode definir.

Tente compreender isto. Somente o velho pode definir. Se eu vejo você e já o vi antes, reconheço-o prontamente. Quem o reconhece? O passado. Porque o conheci antes, lembro-me do seu rosto, reconheço-o. O reconhecimento vem do passado. Mas se minha mente estiver totalmente limpa e eu tiver esquecido completamente o passado, ou se minha memória for eliminada e não houver nenhuma conexão com o passado, não posso reconhecê-lo. Aquele que penetra no supremo perde completamente seu

passado; assim, ele não pode reconhecer o que está acontecendo agora. Não há nenhuma referência.

Em segundo lugar, você pode reconhecer apenas aquilo que conheceu antes. E este fenômeno do divino é absolutamente desconhecido. Você nunca o conheceu antes. Em que termos interpretá-lo, defini-lo? Você não tem nenhuma referência, não possui nenhum termo, não tem nenhuma definição. A experiência é absolutamente nova — como traduzi-la numa linguagem?

Em terceiro lugar, quando você penetra no supremo, a linguagem torna-se impossível, pois toda a linguagem se baseia na dualidade. Você define a vida pela morte. Talvez não esteja consciente desse absurdo. Você define a matéria pela mente, define a mente pela matéria. Se alguém pergunta: “Que é matéria?” — você responde: “É aquilo que não é mente.” — Mas tem certeza? Que é mente? Então você define a mente como aquilo que não é matéria. Você se move em círculos.

Quando lhe é feita a pergunta a respeito da matéria, você fala a respeito da mente como se conhecesse a mente. Você diz: “Aquilo que não é mente.” Mas se alguém lhe pergunta: “Que é mente?” — você passa a defini-la em termos de matéria: “Aquilo que não é matéria.” Ambas são desconhecidas. Mas você está enganando a si mesmo. Quando lhe perguntam a respeito de uma, você a define pela outra. Quando lhe perguntam a respeito da outra, você a define pela primeira. Ambas são indefiníveis.

No que se refere às atividades terrenas, não há nada de mal em agir dessa maneira. É proveitoso, útil. Não verdadeiro, mas útil. Porém, quando você penetra no supremo, esse dualismo não será de nenhuma serventia. Você não pode definir o divino por alguma coisa que esteja em oposição a ele, porque não há nada que esteja em oposição a ele. Ele é o todo.

Você pode dizer que a matéria não é mente, ou pode dizer que a mente não é a matéria, porque a mente não é o todo; a matéria existe como seu oposto. Você pode definir cada um deles pelo seu oposto.

Pode dizer que a vida não é morte; pode dizer que a morte não é vida. Pode dizer que a escuridão não é luz e que luz não é escuridão. Pode dizer que homem não é mulher e que mulher não é homem. Pode continuar definindo através do oposto.

Mas qual é o oposto do divino? Não há nada em oposição a ele. “Divino” significa o todo, a totalidade; portanto, como defini-lo? Ele é indefinível, porque todas as definições se baseiam nos opostos e nada está em oposição a ele. A linguagem mostra-se inútil. Ela diz: “Não posso penetrar nessa dimensão.” — A linguagem existe na dualidade e não pode penetrar no não-dual.

O divino é desconhecido porque é exatamente como o céu. Não é como a Terra. Se você caminha sobre a Terra, deixa pegadas atrás de você; outros podem segui-lo. Você passou por um certo lugar — outros podem segui-lo. Seguindo suas pegadas, eles podem chegar ao lugar onde você chegou. Mas a totalidade — o divino, ou Deus, ou como você preferir chamá-lo: X, Y, Z, o total — é exatamente com o céu. Pássaros voaram através dele, mas nenhuma pegada foi deixada. Você não pode segui-los. Precisa começar do ABC.

Sempre que você penetra no divino... Buda penetrou antes de você, Jesus penetrou antes de você, Krishna penetrou antes de você, mas não há pegadas. Quando você penetra no divino, é como se o homem estivesse penetrando pela primeira vez. O céu permanece virgem, intacto, sem marcas. Mas isso é bom. Essa absoluta virgindade é boa porque então a experiência é unicamente sua.

De outro modo, se você encontrasse as pegadas de Buda, as pegadas de Krishna — mapas, definições, manuais — tudo seria de segunda mão. Muitos conheceram isso, muitos chegaram antes de você. Eles diriam tudo o que você poderia chegar a conhecer. Tudo seria de segunda mão.

Mas o divino não é de segunda mão; é sempre de primeira mão. Sempre que você penetra nele, é como se estivesse penetrando pela primeira vez. Ninguém penetrou antes de você e ninguém

penetrará depois, porque nenhuma pegada pode ser deixada; cada um é único.

É por isso que todas as experiências terrenas tornam-se cansativas. Ficamos farto porque tudo se torna de segunda mão; tudo se torna emprestado. Algum outro já conhece; nada é virgem.

O divino é sempre virgem, absolutamente virgem. Você não pode estragá-lo, não pode torná-lo velho, não pode torná-lo repetitivo. É por isso que nada pode ser definido, nada pode ser mapeado, nenhum guia pode ser fornecido.

Contudo, a fim de instruir o discípulo, o esforço final pode ser expresso da seguinte maneira... Mas apenas para instruir o discípulo — aquele que ainda não penetrou, mas que está a um passo, pronto para dar o salto — pode-se tentar dizer alguma coisa, podem ser dadas algumas indicações. Mas não se deve tomá-las em nenhum sentido absoluto. Trata-se apenas de uma ajuda, da última ajuda que pode ser dada.

Esta é a última instrução do Mestre:

Agarre-se firmemente àquilo que não tem substância nem existência.

Agarre-se firmemente àquilo que não tem substância nem existência. Temos aqui duas coisas. A matéria tem substância; é substancial. Se eu atirar uma pedra em você, há nela substância, massa. Ela o atingirá; matéria é substância. Mas o que é a mente? O que é você, em seu interior, em sua consciência?

A consciência não é uma substância. Ela existe, tem existência, mas não é uma substância. Não posso atirar uma consciência em você. E, mesmo se eu pudesse, você não seria atingido. A consciência existe; a matéria subsiste. A matéria tem substância; a consciência tem existência.

Este sutra diz:

Agarre-se firmemente àquilo que não tem nem substância nem existência.

O divino não tem nem uma nem outra. Ele não é como a matéria, não é como a substância. Ele não é como a mente ou a consciência. Você não pode dizer que Deus é substância e não pode dizer que Deus existe.

Há muitas razões para isso. Quando você diz que Deus existe, está fazendo uma afirmação tautológica, uma repetição. Quando digo que esta mesa existe, essa afirmação é significativa, porque a mesa pode deixar de existir; podemos destruí-la. Mas quando digo que Deus existe, trata-se de uma afirmação sem sentido, porque Deus não pode deixar de existir e não pode ser destruído. A existência é significativa somente se a não-existência for possível. Se a não-existência é impossível, a existência não tem sentido.

Quando você diz que Deus existe, o que você quer dizer? Que Deus pode não existir? Então, essa afirmação seria significativa. Mas se você quer dizer que ele não pode estar num estado de não-existência, então o que você realmente está dizendo é que Deus é existência, e não que Deus existe.

Deus não pode existir; Deus somente pode ser a existência. Quando digo que a mesa existe, a mesa não é a existência. Ela pode sair da existência; portanto, a proposição é significativa. Quando digo que Deus existe, a proposição é sem sentido, porque ele não pode sair da existência. Quando digo que Deus existe, estou dizendo que a existência existe. Uma tautologia, uma repetição, inútil. Até mesmo dizer que Deus é trata-se de uma proposição sem sentido, porque ele é o próprio estado-de-ser. Não há necessidade de se dizer é. Deus não é; ele é o estado-de-ser.

Você não pode dizer que Deus é substância, assim como não pode dizer que ele existe. Ele está além de ambos: além da matéria e

além da mente. Ou, ele é as duas. De qualquer maneira, ele transcende.

Assim, estas são as últimas instruções para o discípulo, quando está prestes a penetrar no templo do divino. Nada mais pode ser dito.

Lembre-se, Deus não é matéria. Possuímos uma idéia de Deus enquanto matéria. É por isso que criamos ídolos, criamos templos, fazemos imagens. Substâncias!

O islamismo não permite que se façam ídolos de Deus justamente por este motivo: para que Deus não seja identificado, de modo algum, com a matéria. Nenhum ídolo, nenhuma imagem pode ser feita de Deus, porque uma imagem produz a idéia de substância, e ele não é substância.

Mas então concebemos Deus enquanto mente: o controlador, o criador, o que dá o sustento. Temos uma vaga idéia de Deus como uma mente suprema, que está sentado em algum lugar no céu controlando todas as coisas. Mas, nesse caso, Deus torna-se a mente. Ele pode ser um notável engenheiro ou, como diz Platão, um grande matemático, mas a idéia é de que ele é a mente. Ele não é nem mente nem matéria. Ele está além de ambas.

Este sutra diz:

Lembre-se dessa transcendência. Ele não é nem o exterior nem o interior. Não é nem o corpo nem a mente. Não é nem uma coisa nem um pensamento. Antes de você penetrar no templo supremo de onde nenhum retorno é possível, lembre-se disto: **Agarre-se firmemente àquilo que não tem nem substância nem existência.**

Ouçá apenas a voz que é silenciosa.

Ouçá apenas a voz que é silenciosa. Todos os sons são criados. Todos os sons que conhecemos são, de um modo ou de outro,

criados. O vento sopra, e um som é criado. Você bate palmas e um som é criado. Eu falo, e um som é criado. Mas todos estes sons são criados. Eles morrerão, porque aquilo que nasce está destinado a morrer, aquilo que é criado será destruído.

Há algum som que seja incriado? Se há algum som incriado, a verdade pode ser expressa somente através dele — porque aquilo que pode morrer não pode expressar a verdade. É por isso que se diz frequentemente que a verdade só pode ser expressa no silêncio; não pode ser dita através das palavras.

As palavras podem levá-lo ao silêncio, mas não podem exprimir a verdade. As palavras morrerão, e aquilo que é imortal não pode ser dito através de palavras mortais. Como poderão sê-lo? É impossível. Como aquilo que é eterno pode estar contigo no temporal? Como aquilo que é atemporal pode ser trazido para o tempo? Como aquilo que está além do espaço pode ser colocado em algum lugar num templo, num espaço? A verdade só pode ser revelada através de alguma coisa que seja eterna.

Por intermédio da meditação, muitos buscadores chegaram a conhecer, em seu interior, um som sem som, um som silencioso. As palavras são contraditórias: um som sem som. Ele é sem som porque você não pode ouvi-lo através de seus ouvidos. Ele é sem som porque o som é sempre criado através do conflito, e não há nenhum conflito. O som é sempre criado através da dualidade, duas coisas em conflito; mas não há duas coisas no coração. Ele é sem som porque não pode ser ouvido; só pode ser vivenciado.

Lembre-se:

Ouçá apenas a voz que é silenciosa.

Como se pode ouvir uma voz que é silenciosa? Há, no Zen, um koan: ouvir o som de uma única mão batendo. Os monges zen chamam a isto de a mais profunda meditação: tentar ouvir um som

incriado. Se você ficar meditando, meditando — apenas sentado e meditando, tentando ouvir — ouvirá muitas coisas. Esta é uma das técnicas mais belas. Feche os olhos, sente-se sob uma árvore e comece a ouvir. Você ouvirá muitos sons novos, dos quais nunca esteve consciente antes. Pássaros, insetos... Lentamente, muito lentamente, você se tornará consciente de muitos sons ao seu redor. Continue procurando qual som é incriado.

Todo som é criado. Um pássaro começa a cantar e então pára. Aquilo que foi criado moveu-se agora para a não-existência. Continue ouvindo, continue ouvindo. Continue tentando encontrar qual é o som incriado. Aos poucos, sons ainda mais sutis serão ouvidos. Você começará a ouvir as batidas do seu próprio coração, começará a ouvir sua própria respiração. Mas isso também é criado. Seu coração parará, sua respiração não pode continuar eternamente. Ela não esteve sempre aí. Quando uma criança nasce, não há nenhuma respiração. Então, de repente, a criança começa a chorar e a respiração se inicia.

Continue ouvindo profundamente. Estes não são sons sem som. Jogue-os fora, elimine-os. Você começará a ouvir o som de sua circulação sangüínea. Ainda mais sutil. Você não tem, habitualmente, consistência da circulação de seu sangue. Você o ouvirá circulando, ouvirá o som. Mas este também é um som criado, criado pela circulação, pelo conflito. Continue eliminando. Se você persistir o bastante, chegará finalmente um momento em que todos os sons terão desaparecido, você não pode ouvir nada. Uma brecha é criada; todos os sons desaparecem. E, com esses sons, todo o universo desaparece para você, como se você tivesse caído num vazio.

Agora, não tenha medo. Caso contrário, você recuará novamente para o mundo dos sons. Permaneça sem nenhum receio. Isto será semelhante à morte, e é uma morte porque quando todos os sons são perdidos, você também perdeu sua mente. Sua mente é apenas uma caixa barulhenta. Você não tem mais nenhuma mente.

Com a ausência dos sons, o mundo não está mais presente. Você se sentirá como se tivesse morrido; você não existe mais. Você não era mais do que uma combinação, uma reunião de sons.

Persista. Esta morte é bela porque é a porta para o divino. Continue tentando ouvir o que está agora aí. Depois desse intervalo, se você passou por ele sem se tornar amedrontado e assustado...

Se você se amedrontar, recuará novamente; correrá de novo para o mundo dos sons. A mente começará a funcionar outra vez. Mas se você permanecer sem nenhum temor e conseguir persistir nesse intervalo, onde não há som algum, tornar-se-á consciente de um novo som, que é incriado. Este som é chamado pelos hindus de *omkar: aum*. *Aum* é apenas um símbolo para o som que está sempre presente no centro mais profundo. *Aum, aum, aum* — esse som está vindo de dentro, incriado. Ninguém o está emitindo. Ele apenas está ali.

Esse é o som sem som — incriado. E somente com esse som você pode penetrar no santuário.

Olhe somente para aquilo que é igualmente invisível aos sentidos internos e externos.

Olhamos para o mundo com os sentidos externos. A matéria é percebida. Mas a matéria não está realmente ali. Os físicos dizem, atualmente, que a matéria não existe. Ela é simplesmente energia, energia vibrando. A matéria é ilusória. Isso é muito estranho. No Oriente, os místicos sempre disseram que a matéria é ilusória, *maya*. Com isso, eles queriam dizer que tudo não é o que parece. Os físicos de hoje concordam com Shankara; Einstein concorda com o Vedanta. Os cientistas também afirmam, atualmente, que a matéria é ilusória. Jamais alguém pensou ou imaginou que algum dia também a ciência afirmaria que a matéria é ilusória.

A matéria parece ser, mas não é. Ela é energia. Mas energia movendo-se com tamanha velocidade, com uma velocidade tão

incrível, que não pode vê-la se mover. É por isso que ela parece ser matéria imóvel. Os elétrons se movem com uma velocidade tão espantosa que você não pode vê-los em movimento. Eles dão a ilusão de imobilidade, de substância.

A matéria não existe realmente. Mas, através de seus sentidos externos, a matéria aparece. Trata-se de sua interpretação. A mente também não existe; mas através de seus sentidos internos ela parece existir. Então, o que é real? Se você olha através de seus sentidos externos, a matéria aparece, mas ela é irreal, não-real; e se você olha com seus sentidos internos, a mente aparece, mas ela também é irreal, também é uma interpretação dos sentidos. O misticismo oriental diz que o real só pode ser encontrado quando você deixou de usar tanto os sentidos externos quanto os internos. Quando nenhum sentido é usado, não há possibilidade de se distorcer a realidade. Então, imediatamente, você está na realidade.

Os sentidos fazem distinções. Eu olho para você. Não sei o que você é, como você é, mas meus olhos olham para você e me fornecem uma determinada informação. Não posso chegar em você diretamente; os olhos são os mediadores. Seja o que for que eles disserem, tenho de acreditar.

Seja o que for que seus sentidos disserem, você tem de acreditar. Não pode saber se é uma realidade ou não. Seus sentidos podem ser deficientes, ou podem estar interpretando o mundo de uma maneira errônea. Não há nenhum modo de saber se os seus sentidos estão interpretando de forma errada ou correta. Não há como saber, pois, seja o que for que você souber, saberá através dos sentidos. Não há outro modo de saber, de julgar e de comparar.

Por esse motivo, Emmanuel Kant disse que nenhuma coisa pode ser conhecida em si mesma. Não há nenhuma maneira de se conhecer uma coisa em si mesma, pois, seja o que for que você conheça, você a conhece através dos sentidos. Você não pode conhecer nada diretamente, apenas indiretamente. Você tem de acreditar em seus sentidos. Quem sabe o que é que está realmente

ali? Você nunca esteve ali. Seus sentidos vão até ali e o informam. Você está sempre à distância, interpretando.

A mesma coisa acontece quando você começa a usar seus sentidos internos. Eles o informam a respeito daquilo que se encontra do lado de dentro: o que é a alma, o que é o eu. Mas isso também é apenas uma interpretação dos sentidos.

Este sutra diz:

Olhe somente para aquilo que é igualmente invisível aos sentidos externos e internos. — O real é invisível a ambos. Não pode ser conhecido através da mente; não pode ser conhecido através da meditação. Quando tanto a mente como a meditação são lançadas fora, só então você pode penetrar na realidade. Quando não há meditação, quando você chega diretamente até ela, quando você penetra nela, quando não há mais distância, quando você tornou-se a realidade, só então você pode conhecê-la.

Isso pode ser dito de um modo diferente. Você não pode conhecer Deus, a menos que se torne o próprio Deus. Se você diz que pode conhecer Deus sem tornar-se Deus, está dizendo algo que é impossível. Por causa disso, uma coisa muito estranha tem acontecido. Tanto o cristianismo como o maometismo pensam que afirmar que você pode tornar-se Deus é sacrílego, profano, irreligioso; não demonstra respeito. A atitude maometana a esse respeito tem sido tão obstinada que os maometanos mataram Mansoor e outros místicos sufis por terem declarado que eram Deus.

Mansoor disse: “*Analhaque*. Eu sou o divino: *Aham brahmasmi*.” Ele foi morto, porque isso é demais! Um ser humano dizendo que é Deus? Mas o que Mansoor está dizendo é uma verdade muito simples, básica. Ele está dizendo que você ou pode dizer que Deus não pode ser conhecido ou pode admitir que o homem pode tornar-se Deus. Pois, como pode Deus ser conhecido, a menos que você

esteja nele? A menos que você penetre nele e torne-se um com ele, como pode conhecê-lo? Você pode apenas ficar dando voltas e mais voltas ao redor dele. Mas, seja o que for que venha a conhecer, é apenas uma informação obtida do exterior; não é um conhecimento direto.

Mansoor diz que você pode conhecer Deus somente se tornar-se o próprio Deus. Não há outro modo. Como você pode conhecer a partir do exterior? Como pode conhecer, a menos que se torne o próprio coração da divindade, a menos que você mesmo se torne divino?

Este sutra diz que a realidade não pode ser conhecida, quer pelos sentidos externos — os sentidos externos interpretam a realidade como matéria —, quer através dos sentidos internos — os sentidos internos interpretam a realidade como mente. A realidade só pode ser conhecida quando você dá um salto na própria realidade, sem quaisquer mediadores; quando você perde sua mente e também sua meditação.

A meditação está concluída quando você é capaz de largá-la. Então você entra em *samadhi*, entra na realidade, no supremo.

Que a paz esteja com você.

Só então a paz pode estar com você; nunca antes. Antes disso, você permanecerá, de um modo ou de outro, angustiado; permanecerá, de um modo ou de outro, tenso. Você é a tensão, é a angústia. O problema é o seu sentimento de que você é. Quando você não é, o problema não existe.

Como você pode estar num estado de não-existência? Como pode cessar de existir? Esse é o caminho para a paz. Se você pode cessar de ser, você penetra na realidade; penetra na paz infinita, na paz absoluta.

Seu ser, enquanto separado do todo, é o problema. Você se sente como um intruso, um estranho, um alienado. Essa alienação

cria a perturbação, essa alienação cria o medo, essa alienação cria a morte. Você não pode estar em paz. Quando você joga fora completamente sua alienação e se dissolve na realidade, funde-se nela, perde-se a si mesmo nela — você não é mais; só a realidade é —, então, apenas você pode encontrar aquela paz que é impossível de ser perturbada, que nada pode perturbar.

Lembre-se de que você é a doença. Você não pode ser curado porque você é a doença. Se a doença fosse outra coisa qualquer, poderia ser curada, mas você é a doença. Não pode ser curado; você é incurável. Jogue fora a doença. Jogue fora a si mesmo, sinta como se você não existisse. Crie, cada vez mais, o sentimento de ser ninguém, de ser o nada.

Mova-se para o não-ser, porque o não-ser é a porta para o ser supremo. Quando você cessar completamente de ser, você será divino. Quando você não for, você será o próprio Deus.